



AVALIAÇÃO DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL -  
PROPOSTA TRANSITÓRIA DE EDUCAÇÃO SUPLETIVA

(Versão Preliminar)

RELATÓRIO PARCIAL - PRIMEIRO MOMENTO

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO
2. INTRODUÇÃO
3. METODOLOGIA
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE POR COORDENAÇÃO
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## ANEXOS:

- PROJETO : Avaliação do Projeto de Alfabetização Funcional - Proposta Transitória de Educação Supletiva
- INSTRUMENTAL DE AVALIAÇÃO - QUESTIONÁRIO DO NUPES
- ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO
- BIBLIOGRAFIA

EQUIPE: Walkiria Dutra de Oliveira (Coordenadora)  
Eliane Ribeiro Andrade  
Marcello Robert Narciso Borges  
Priscilla Christoph

CONSULTOR: Tânia Dauster Magalhães e Silva

Participaram, ainda, da elaboração deste relatório os seguintes técnicos:

Maria Elizabeth Braga Murтинho  
Isadora Alba Moniz Viana  
Geraldo Sampaio Leite

1. 1.  
1. 2.  
1. 3.  
1. 4.

1. APRESENTAÇÃO

## Apresentação

O presente relatório tem como objetivo apresentar os resultados relativos ao primeiro momento de avaliação do Projeto de Alfabetização Funcional - Proposta Transitória de Educação Supletiva. Este momento corresponde à capacitação dos recursos humanos envolvidos no Programa de Educação Supletiva, até o nível de Coordenação.

Seu conteúdo encontra-se estruturado da seguinte forma:

- uma introdução, onde são apresentados, sucintamente, a proposta de capacitação com seus princípios básicos, o Projeto de Avaliação e algumas dificuldades encontradas na realização do trabalho;
- um capítulo referente à metodologia utilizada nesse primeiro momento de avaliação;
- outro capítulo correspondente à descrição e análise, por Coordenação, contendo um item referente à "análise do material coletado através do instrumental de avaliação (questionário do NUPES)" e outro relativo às "considerações a partir da observação do treinamento e do diário de campo";
- por último, "considerações finais", relativas a uma sistematização, onde situam-se as diferenças e recorrências detectadas nas Coordenações observadas, assim como, algumas sugestões recorrentes, feitas por parte das equipes das Coordenações e dos Supervisores, ao longo do treinamento.

2: INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Supletiva do MOBRRAL será desenvolvido, no ano de 1983, através de uma Proposta Transitória. A DIAMP (então NUPES) se propôs a avaliar esta Proposta, com ênfase no PAF, projeto básico, prioritário e definidor da ação da Organização, desde a sua concepção, capacitação dos educadores e repasse, até o rendimento dos alunos.

Assim sendo, foi elaborado um projeto de avaliação da Proposta (em anexo), que acompanharia todo esse processo de desenvolvimento. Esse trabalho seria realizado em diversos momentos, estando previsto um relatório parcial ao término de cada um deles.

O primeiro momento corresponde ao treinamento dos técnicos do MOBRRAL Central na Proposta Transitória de Educação Supletiva e o seu repasse aos supervisores de área.

Tal repasse seria realizado conforme planejamento das Coordenações, através de uma programação básica de treinamento, elaborada pelo MOBRRAL Central, incluindo conteúdo e documentos.

Este treinamento é dotado de grande significado, uma vez que, uma das ênfases dessa Proposta está na capacitação dos recursos humanos envolvidos no Programa.

Para tanto, a então DISUP estabeleceu os princípios básicos que norteariam esta capacitação:

- "- a consideração do contexto geral em que se desenvolve o processo de educação, ao se trabalhar a educação de adultos;
- o caráter realimentador da capacitação, ao longo do processo, permeando o desenvolvimento do Programa de Educação Supletiva;
- a capacitação como uma das formas pelas quais se garanta a qualidade da ação educativa que se vai desenvolver;

- a visão da capacitação numa perspectiva de educação permanente;
- a adoção dos princípios metodológicos do Programa, no processo de capacitação;
- a metodologia de capacitação enfatizando o processo de aprender, como conteúdo de aprendizagem;
- a valorização do papel do agente como educador;
- o aproveitamento das experiências vividas pelo agente". (\*)

A parte referente ao treinamento interno, realizado no MOBRAL Central, não foi trabalhada, pelo fato de que o espaço de tempo entre a decisão de se avaliar a Proposta Transitória e a realização do treinamento ter sido muito curto. Isto resultou numa simultaneidade entre a observação do treinamento e a definição da equipe responsável pela avaliação e a elaboração do projeto, o que prejudicou sua observação. No momento de trabalharmos os dados coletados percebemos que estes não permitiriam uma análise consistente.

Desta forma, o presente relatório é o resultado apenas do treinamento a nível de Coordenação. Neste primeiro momento, o trabalho foi realizado em 6 Coordenações, segundo um projeto inicial de avaliação, que pretendia utilizar duas diferentes abordagens: em 3 Coordenações seria adotada uma linha de avaliação participativa, recorrendo-se a recursos da antropologia; nas outras 3 Coordenações, seriam trabalhados temas específicos, a partir de experiências estaduais já em andamento. No entanto, algumas modificações foram introduzidas neste projeto, como resultado das mudanças estruturais vividas pela organização, tendo permanecido apenas a proposta de avaliação participativa em 3 Coordenações.

---

(\*) "Documento Preliminar sobre Capacitação - DISUP"

Cabe ressaltar que, nesse primeiro momento, a avaliação participativa não ocorreu, tendo-se, apenas, apresentado a proposta às Coordenações. Abordaremos melhor o assunto no capítulo seguinte, referente à metodologia.

Neste primeiro relatório, decidimos englobar as seis Coordenações, não só pelo fato desse primeiro momento ter sido comum às duas abordagens já mencionadas, como também, para se obter uma maior representatividade regional.

Além do que já foi dito, essas mudanças estruturais provocaram, ainda, modificações na formação do grupo de trabalho inicial, implicando, inclusive, na saída de três técnicos.

Para a observação do treinamento, nos baseamos num roteiro cujos pontos básicos referiam-se à caracterização do grupo de treinandos, desempenho do treinador e dinâmica do treinamento (em anexo).

Outros recursos utilizados foram o instrumental de avaliação (questionário do NUPES) (em anexo), aplicado em momentos diferentes do treinamento e, ainda, o diário de campo, para registrar nossa observação da forma mais abrangente possível.

Alguns fatores interferiram para que o resultado dessa observação se apresentasse de forma tão diversificada, dificultando, assim, a elaboração deste relatório, tais como:

- o fato de que a observação foi feita tendo em vista servir a duas abordagens de avaliação;
- as mudanças no grupo técnico responsável pela avaliação;
- o instrumental de avaliação ter sido elaborado sem a participação das Coordenações, tendo as questões sido formuladas a partir de categorias do universo do avaliador;
- o diário de campo não ter feito parte da sistemática de trabalho de alguns avaliadores.

Na tentativa de mantermos uma certa discreção em torno dos elementos envolvidos na capacitação, optamos pela denominação das Coordenações através de letras, de "A" a "F".

3. METODOLOGIA

## Metodologia

Neste primeiro momento, os passos iniciais da avaliação se constituíram da seguinte forma:

- observação do treinamento, em nível de MOBRAL Central, na Proposta Transitória de Educação Supletiva;
- leitura dos documentos existentes, relativos a esta Proposta;
- observação do treinamento em nível de Coordenação;
- análise dos dados recolhidos e elaboração do primeiro relatório parcial.

O primeiro estágio da avaliação corresponderia ao treinamento programado pela então DISUP para, inclusive, capacitar os técnicos que iriam treinar as Coordenações. A observação desse treinamento não foi completa pelo fato de que, na época, o Projeto de Avaliação estava em plena elaboração e não haviam sido, ainda, definidos os passos metodológicos para essa observação.

Assim sendo, os resultados obtidos não foram suficientes para que se pudesse incluí-los no presente relatório. É importante mencionar, entretanto, que essa observação, mesmo incompleta, permitiu um maior conhecimento sobre a Proposta Transitória de Educação Supletiva, o que favoreceu a definição da metodologia a ser desenvolvida na sua avaliação.

Para o segundo estágio, levantamos todo o material existente na Instituição, referente à Proposta de Educação Supletiva e à capacitação. Após o agrupamento desse material, efetuamos sua leitura, que foi acompanhada de discussões em grupo. Esse estudo serviu para a compreensão dos fatos que levaram à elaboração desta nova proposta, de seus objetivos e de suas características, como também, para uma comparação com o que já existia anteriormente na Instituição em termos de educação supletiva.

Convém mencionar que, durante todo esse primeiro momento de avaliação, sentimos a necessidade de retomar a leitura daquele material, bem como de recorrer a uma bibliografia de apoio referente a avaliação, alfabetização funcional, saber popular e abordagem antropológica, entre outros.

O terceiro estágio desse primeiro momento foi a observação do treinamento realizado em nível de Coordenação. Inicialmente, foram selecionadas seis Coordenações tendo-se em vista, uma representatividade regional significativa e também o fato de que, na época da seleção, previa-se que a observação dessas seis Coordenações seria comum a dois projetos distintos, este que ora se desenvolve e um outro que foi desativado como decorrência das mudanças estruturais pelas quais passou a Instituição.

Para essa observação, preparamos um roteiro visando obter um mínimo de unidade entre os resultados obtidos pelos avaliadores. Através deste roteiro, procuramos levantar os seguintes aspectos:

- caracterização do grupo,
- desempenho do treinador,
- receptividade do grupo.

Outros aspectos norteariam, ainda, a observação e o registro através do diário de campo:

- descrição sobre o local e as condições de treinamento;
- duração do treinamento;
- participantes;
- técnicas e recursos utilizados no treinamento;
- programação;
- conteúdos abordados;
- metodologia utilizada;
- formas de organização do grupo;

- relações sociais:
  - . treinador/treinando,
  - . treinando/treinador,
  - . observador/treinando/treinador,
  - . alianças/hierarquias/conflitos;
- categorias, surgidas através do discurso, que classificavam o MOBRAL Central, a Coordenação e os elementos envolvidos no treinamento, durante a sua realização.

Esse registro, porém, ficou prejudicado devido à falta de tempo para uma discussão mais aprofundada sobre a utilização do diário de campo e, também, à uma certa inexperiência nesta técnica, por parte de alguns avaliadores. Conseqüentemente, ocorreram diferentes interpretações quanto aos aspectos a serem considerados na utilização do referido diário.

Para a complementação e/ou comparação do discurso observado com as opiniões emitidas através da escrita, utilizamos um instrumental (em anexo), semelhante a um questionário, com questões abertas relativas aos seguintes temas:

- aprofundamento do conteúdo, dinâmica e forma de apresentação;
- capacitação tendo em vista o repasse do conteúdo;
- posicionamento do treinando em termos de participação, reflexão e crítica;
- atendimento das expectativas;
- dificuldades;
- sugestões e críticas.

Segundo os critérios estabelecidos para a utilização desse instrumental, ficou determinado que ele seria distribuído em dois momentos do treinamento a serem escolhidos durante seu próprio desenvolvimento, não sendo este um critério rígido. Tanto assim que, em duas Coordenações o instrumental foi distribuído apenas uma vez, devido à avaliação do observador de que, naquelas situações, a entrega do instrumental num segundo momento poderia causar grande dispersão, interrompendo uma rica discussão que então ocorria entre treinandos e treinador, sobre o andamento do treinamento.

Outro aspecto relativo ao instrumental de avaliação é que seu preenchimento não foi colocado como obrigatório para os treinandos. Assim sendo, percebe-se uma diferença entre o número de treinandos que preencheu o instrumental no primeiro e segundo momentos. Houve uma Coordenação, inclusive, em que o número de instrumentais preenchidos no segundo momento foi considerado inexpressivo.

A estruturação desse instrumental de avaliação mereceu, também, nossa reflexão e crítica. Primeiramente, consideramos negativo o fato de sua elaboração não ter ocorrido em conjunto com as Coordenações. Consequentemente, as categorias utilizadas na concepção do instrumental reproduziram nosso universo, o que, provavelmente, conduziu uma boa parte das opiniões emitidas, ocultando seu real significado a respeito do treinamento e dos temas nele abordados.

Mesmo assim, o instrumental serviu para complementar o que foi observado e permitiu a distinção entre "o que se fala" e "o que se escreve", já que, através do discurso observado, os treinandos emitiram suas opiniões sem a interferência direta do avaliador.

O material coletado através do instrumental de avaliação teve sua análise calcada, grosso modo, em aspectos sociológicos onde cada um dos itens desse instrumental foi analisado em separado, para obtermos a visão do grupo relativa a cada um deles. Assim sendo, não foram levadas em conta as possíveis contradições entre as respostas fornecidas por cada um dos treinandos individualmente, ou seja, procuramos perceber as tendências do grupo em cada momento de aplicação do instrumental.

Gostaríamos de ressaltar que, nesse primeiro momento de avaliação, não pretendemos fazer um estudo aprofundado dos discursos, através da interpretação do significado das diversas categorias de análise, durante o treinamento. Nossa preocupação se limitou ao levantamento dessas categorias, procurando determinar as recorrências e diferenças no sentido de possibilitar melhor compreensão e aprofundamento nos momentos posteriores.

Essa observação do treinamento em nível de Coordenação também proporcionou a aproximação dos observadores com a equipe da Coordenação e com os supervisores que, no geral, foi considerada positiva.

Nas várias vezes em que fomos abordados sobre nosso silêncio, explicamos que não pretendíamos interferir nas situações e relações que ocorriam durante o treinamento, já que a nossa postura seria a de apenas observar tais fatos. Entretanto, estaríamos abertos a eventuais solicitações no sentido de nos colocarmos, uma vez que não consideramos o avaliador como "neutro" e nem a avaliação como "isenção científica".(\*)

Outra situação a ser colocada se refere ao fato de não ter existido uma discussão, anterior ao treinamento, com as Coordenações sobre a proposta de avaliação. A consulta sobre essa proposta e a execução do primeiro momento desse trabalho, ou seja, a observação do treinamento dos supervisores, ocorreu quase que simultaneamente. Tal situação, provavelmente, fez com que a proposta de avaliação fosse considerada como fato consumado. Assim sendo, apesar de todas as Coordenações a terem recebido de forma positiva, na prática o envolvimento na proposta variou significativamente.

Mesmo assim, procuramos iniciar, nesse primeiro momento, alguns entendimentos com as Coordenações no sentido de que essa avaliação fosse realizada de forma participativa. Isso porque consideramos fundamental a participação de todos os elementos envolvidos na Proposta de Educação Supletiva, no seu processo de avaliação. As equipes das Coordenações, os supervisores, membros das Comissões Municipais, alfabetizadores e alunos seriam quem melhor poderia apontar os caminhos para avaliar e aferir o andamento da Proposta Transitória de Educação Supletiva.

É importante que fique bem claro que temos consciência das limitações existentes para a realização de uma avaliação participativa e de sua complexidade. Porém isso não impede que tentemos nos aproximar o quanto for possível dessa modalidade de avaliação.

Ainda em função dos entendimentos mantidos, as Coordenações decidiram, em conjunto com os observadores, em qual município seria dada continuidade à avaliação, com a observação do treinamento de alfabetizadores, conforme estava previsto para o segundo momento. Nessa ocasião, duas Coordenações mostraram-se interessadas em colocar seus técnicos para observar, também, outros municípios.

---

(\*) MACIEL, Elter Dias - Avaliação como Intervenção Social (1).

Este processo de envolvimento das Coordenações será abordado no próximo relatório parcial, referente ao segundo momento de avaliação.

Finalmente, o último estágio desse primeiro momento constituiu-se da elaboração do presente relatório parcial. Durante esta elaboração, encontramos inúmeros problemas, inerentes ao nosso trabalho de avaliação. Com as mudanças estruturais ocorridas na Organização, um dos observadores transferiu-se para outro local de trabalho e outros dois passaram a integrar outros projetos. Assim, a avaliação que a priori tinha duas abordagens, ficou apenas com esta que ora se desenvolve, em três Cordenações. Além disso, outros dois técnicos ingressaram nesse projeto, sem no entanto terem participado dos treinamentos ocorridos.

Os técnicos que deixaram o projeto, como já foi mencionado, prepararam uma análise dos treinamentos dos quais participaram, sendo que todo o trabalho relativo aos instrumentais, as considerações e conclusões foram realizados pelos técnicos que, neste momento, fazem parte do projeto de avaliação.

Toda essa situação, em síntese, limitou bastante a análise desse primeiro momento como um todo. Acreditamos que essa situação será superada nos próximos momentos previstos.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE POR  
COORDENAÇÃO

### Descrição e Análise por Coordenação

Iniciamos o relato de cada uma das seis Coordenações com uma breve introdução, visando contextualizar a situação vivenciada durante o treinamento, especificando o número de participantes, a programação adotada, a duração do treinamento e as técnicas e recursos utilizados.

Ao tratarmos do instrumental de avaliação (questionário do NUPES), optamos pela divisão do conteúdo em dois momentos distintos, isto porque, o referido instrumental foi aplicado duas vezes durante o treinamento, conforme estava previsto. Apenas em duas Coordenações houve somente uma aplicação, por motivos anteriormente expostos no capítulo referente à metodologia.

Nesta descrição e análise por Coordenação, incluímos suas respectivas programações de treinamento, uma vez que elas apresentaram algumas modificações em relação àquela básica, elaborada pelo MOBREAL Central.

As "considerações a partir da observação do treinamento e do diário de campo" referem-se às colocações feitas oralmente pela equipe da Coordenação e supervisores, que têm como característica a não interferência direta do avaliador, ao contrário das colocações escritas em função do instrumental aplicado. Através do diário de campo, tentou-se registrar tais colocações da maneira mais precisa possível.



COORDENAÇÃO "A"Introdução

O treinamento foi realizado em local afastado da Coordenação, contando com a participação de 30 SA, 5 SE, técnicos da própria Coordenação, da ENPEC, da RESUP, da ENSUP e do Coordenador Adjunto.

A programação do treinamento, proposta pelo MOBRAL Central, sofreu algumas alterações de conteúdo, feitas pela Coordenação, visando atender aos seus interesses e necessidades, de acordo com as discussões desenvolvidas entre os dois técnicos do MOBRAL Central e o Coordenador, o ENPEC e o RESUP. Foram intercalados, nessa programação, alguns temas que seriam ministrados pela própria equipe técnica da Coordenação.

A jornada de trabalho adotada pela Coordenação foi de 9 horas e meia diárias de atividades. Houve uma resistência inicial por parte dos treinandos em relação à carga horária que, segundo eles, tornava cansativo o trabalho. No entanto à medida que o treinamento avançava e com ele a participação e as discussões, este fato deixou de constituir um obstáculo para a dinâmica do trabalho desenvolvido.

Pode-se observar um alto nível de interação entre os treinandos em virtude do relacionamento anterior, profissional e afetivo, por eles mantidos em trabalhos conjuntos e pelo clima otimista que imperou durante todo o treinamento, em função de ser 1983 um ano de implantação de novos projetos no Estado.

A proposta de avaliação do NUPES foi bem recebida pela Coordenação. Em conversa mantida com o Coordenador, este manifestou interesse em desenvolver no Estado esse tipo de avaliação. No entanto, estando esta Coordenação incluída entre as tres Coordenações cujo projeto foi desativado, a proposta do NUPES não teve continuidade. (\*)

---

(\*) Ver Capítulo 2 - Introdução.

O instrumental de avaliação (questionário do NUPES) foi distribuído para preenchimento em dois momentos:

1º momento - questionários distribuídos na noite do primeiro dia de capacitação e recolhidos no terceiro dia, no final da tarde.

2º momento - questionários distribuídos na manhã do quinto dia de capacitação e recolhidos no sétimo dia, no início da tarde.

Até o primeiro momento de avaliação, o treinamento caracterizou-se pela predominância da apresentação de painéis, intercalados por pequenos momentos de reflexão. Este momento, configurado durante toda a manhã do primeiro dia do treinamento, foi marcadamente expositivo, em virtude da natureza dos assuntos expostos (como por exemplo, artigos da lei 5.692, referentes à Educação Supletiva). Durante a tarde, aberto o plenário sobre o trabalho em grupo proposto no final da manhã, a participação dos treinandos começou a se manifestar espessadamente, agindo a treinadora como articuladora e sistematizadora das colocações feitas.

Os dias posteriores caracterizaram-se pelo aumento da participação dos treinandos. A treinadora recorreu à técnica de trabalho de grupo, com proposição para reflexão, leitura comentada e dirigida e discussões em plenário.

O segundo momento de avaliação correspondeu aos últimos dias de treinamento. As técnicas utilizadas pela treinadora, foram, predominantemente, exposição oral, discussão dirigida, sistematização e trabalho de grupo com proposição para reflexão.

PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO REFERENTE AO PRIMEIRO MOMENTO DE  
AVALIAÇÃO

1º Dia

Manhã

- Apresentação da Proposta de Avaliação do Programa de Educação Supletiva do NUPES/DISUP, feita pela técnica do NUPES.
- Apresentação do Plano de Capacitação do SUSUG e dos objetivos do treinamento.
- Exposição oral dos seguintes conteúdos
  - . Sistema Educacional Brasileiro de 1º e 2º Graus.
  - . Finalidade e Funções do Ensino Supletivo.
  - . A Situação Educacional pelas Tabulações Avançadas do Censo Demográfico de 1980.
  - . Diretrizes de Atuação do MOBREAL.
- Trabalho em grupo com proposições sobre os assuntos tratados.

Tarde

- Apresentação e sistematização, em plenário, dos trabalhos de grupo.
- Apresentação dos resultados da Avaliação dos Projetos de Educação Supletiva.
- Apresentação da Proposta de Educação Supletiva.
- Leitura e análise, em grupo, do texto "Fundamentos do Programa de Educação Supletiva".

Noite

- Apresentação dos resultados dos trabalhos de grupo.
- Avaliação/distribuição do questionário do NUPES.

2º DiaManhã

- Sistematização, em plenário, dos trabalhos de grupo, tendo como material de apoio o documento "Modelo Esquemático dos Aspectos que Fundamentam a Proposta de Educação Supletiva".
- Avaliação informal/DISUP.
- Leitura e análise, em grupo, do texto "Aprendizagem do Adulto", com proposições.
- Apresentação e discussão dos resultados da avaliação informal.

Tarde

- Apresentação dos resultados dos trabalhos de grupo.
- Sistematização, em plenário, tendo como material de apoio os textos "Caracterização do Adulto" e "Como o Adulto Aprende".
- Apresentação dos resultados da avaliação do PAF.

Noite

- Leitura e discussão, em plenário, das diretrizes do PAF para 1983.
- Criação, por sugestão dos treinandos, da "Caixa de Avaliação".

3º DiaManhã

- Leitura e discussão, em plenário, das diretrizes do PAF para 1983 (continuação).
- Leitura e discussão, em plenário, do texto "Objetivos do PAF".
- Leitura e análise, em grupo, do texto "Os Métodos de Alfabetização e o Método adotado pelo MOBRAL".

Tarde

- Apresentação, por grupo, de cada passo metodológico do PAF.
- Sistematização, em plenário, dos trabalhos de grupo.
- Reunião com a ENPEC, RESUP e técnica da DISUP para redistribuição da programação.
- Trabalho individual com base no "Quadro para Controle do Processo de Alfabetização".
- Sistematização, em plenário, dos trabalhos individuais.

PRIMEIRO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função no MOBREAL	nº de treinandos
SA	27
SE	4
Técnicos da COORD	5
TOTAL	36

Treinandos segundo tempo de MOBREAL:

Tempo de MOBREAL - Nº de Anos (*)	Treinandos	%
- 1	10	29
1 a 4	6	17
5 e +	19	54
TOTAL	35	100

(\*) Um não respondeu

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES  
(1º MOMENTO)

PRIMEIRO. A TERCEIRO DIA DE TREINAMENTO

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

No 1º momento os treinandos, mesmo aqueles com pouco tempo de MOBREAL, consideraram que os conteúdos apresentados não tinham nenhuma ou quase nenhuma novidade. No entanto, mesmo assim eles consideraram a capacitação válida como "reforço", "aperfeiçoamento", "reciclagem" e "aprofundamento".

A dinâmica e forma de apresentação foi descrita, inicialmente como "monótona", "cansativa" e "lenta", melhorando a medida que os trabalhos deixavam de ser meramente expositivos e exigiam mais participação das pessoas. A monotonia estava sendo atribuída, sobretudo, ao tipo de assunto tratado.

"Os conteúdos até agora apresentados apesar de serem conhecidos, muito contribuiu para reforçar os meus conhecimentos em termos de Educação Supletiva que caminha para uma reestruturação".  
(10 anos de MOBREAL)

"Houve aprofundamento no conteúdo por ser assunto que já conhecemos, se tornou monótona. Mas como reza a programação a dinâmica foi bem apresentada".  
(3 anos de MOBREAL)

"No primeiro momento a dinâmica foi monótona, considerando-se que o assunto contribuiu para isto, porém foi bem aprofundado".  
(7 anos de MOBRAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

Reforçando o que já foi dito no item anterior, com relação ao conteúdo ser "sem novidade", os treinandos já no terceiro dia de treinamento se consideravam aptos para repasse. Quase todos se julgavam em condições de transmiti-los, porém atribuíam este fato mais à experiência anteriormente adquirida ao longo do trabalho no MOBRAL, assim como ao conhecimento prévio dos assuntos, do que ao momento de capacitação propriamente dito. Apenas alguns novatos se declararam pouco seguros para o repasse.

"Através das experiências adquiridas no MOBRAL há possibilidade de transmitir os conteúdos apresentados"  
(7 anos de MOBRAL)

"O conteúdo transmitido está sendo mais uma reciclagem portanto me sinto capacitada para transmitir"  
(3 anos de MOBRAL)

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

Quase metade dos treinandos qualificaram sua participação no treinamento como "boa". Entre os demais, um grupo utilizava a expressão "participei na medida do possível" e outra, um pouco menor, colocou sua participação como "regular".

"Tive boa participação, assimilando e refletindo bem os conteúdos apresentados. As críticas feitas de forma construtiva tiveram como objetivo o aprimoramento dos trabalhos"

(8 anos de MOBRRAL)

"Dentro da medida do possível participei e dei minha parcela de colaboração refletindo a mudança que o MOBRRAL está enfatizando em termos de qualidade em seus Programas e Projetos".

(10 anos de MOBRRAL)

"Tive uma participação regular porém refleti muito sobre os assuntos estudados"

(10 anos de MOBRRAL)

- EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

Quanto às expectativas, o grupo ficou dividido em duas posições, ou seja, os que se consideraram atendidos ou atendidos em parte e os que se decepcionaram pois esperavam "inovações", "nova orientação" quanto ao conteúdo e metodologia, assim como uma abordagem mais voltada para a prática. O que está de acordo com o que já foi colocado no item "aprofundamento de conteúdo".

"Esperava receber orientações com inovações, no entanto, os assuntos abordados vem sendo apenas repetidos"

(12 anos de MOBRRAL)

"Até agora o treinamento não atendeu as minhas expectativas em sua totalidade,

tendo em vista a maior expectativa está em volta da prática".

(7 anos de MOBRAL)

"Não atendeu as minhas expectativas. Esperava que houvesse nos conteúdos apresentados para 83 uma inovação na metodologia".

(5 anos de MOBRAL)

#### - DIFICULDADES

Neste item, a resposta foi quase unânime: "nenhuma", no entanto, sem maiores explicações. É possível deduzir que esta resposta se deva ao fato de que, para os treinandos, o treinamento apresentava pouca novidade, inclusive, como já foi visto anteriormente eles já se consideravam aptos para fazer o repasse para os alfabetizadores.

#### - CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

Surgiram muitas críticas em relação ao horário de treinamento (7:30 da manhã até as 9:30 da noite), sobretudo, por conta do horário noturno que foi considerado "inconveniente" e "desgastante". Outra crítica recorrente refere-se a falta de material/documentos para serem distribuídos entre os treinandos.

Os treinandos valorizaram bastante o trabalho de grupo e salientaram a necessidade de haver mais debates, mais participação de todos para acabar com a "apatia e a "monotonia" sentida durante o treinamento, conforme já colocado no item referente a dinâmica e forma de apresentação.

Também, ficou explícito o desejo de terem suas experiências de trabalho de campo utilizadas durante o treinamento e também que sejam levadas em conta na elaboração da programação e conteúdo.

"Se o treinamento não é informar de fato a aplicação da nova proposta por que então a dinâmica de trabalho não é no sentido de juntos relatarmos experiências propondo conteúdos para a nova proposta?"

(11 anos de MOBREAL)

PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO REFERENTE AO SEGUNDO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

4º Dia

Descanso

5º Dia

Manhã

- Avaliação/distribuição do questionário do NUPES.
- Trabalho em grupo com base no quadro para inclusão de palavras novas e no texto "Atualização de Conteúdos do PAF".
- Apresentação dos resultados dos trabalhos de grupo.
- Sistematização, em plenário, tendo como material de apoio os textos "Classificação de Métodos" e "Processos de Alfabetização".

Tarde

- Leitura e discussão, em plenário, do texto "Material Didático do PAF".
- Trabalho em grupo sobre proposições contidas no texto acima
- Apresentação dos resultados dos trabalhos de grupo.
- Sistematização, em plenário, tendo como material de apoio os textos "Aspectos Básicos a serem Observados na Elaboração/Produção de Material Didático".
- Leitura, em plenário, das avaliações depositadas na "Caixa de Avaliação".
- Leitura e discussão, em plenário, do texto "Avaliação do Aluno no PAF".
- Trabalho em grupo sobre proposições contidas no texto anterior.
- Apresentação e sistematização, em plenário, dos trabalhos de grupo.

Noite

- Neste horário, foram desenvolvidos trabalhos sobre outros temas, dirigidos pela equipe técnica da Coordenação, de acordo com a programação de treinamento por ela elaborada.

6º Dia

- Neste dia, foram desenvolvidos trabalhos sobre outros temas, da mesma forma que no item anterior.

7º DiaManhã

- Apresentação dos aspectos básicos que devem ser considerados na capacitação de alfabetizadores:

- . levantamento de expectativas;
- . condições básicas do responsável pelo treinamento/alfabetizador;
- . objetivos do projeto.

SEGUNDO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função no MOBRAL	Nº de Treinandos
SA	14
SE	2
Técnicos da COORD	4
TOTAL	20

Treinandos segundo tempo de MOBRAL:

TEMPO DE MOBRAL (*) Nº DE ANOS	TREINANDOS	%
- 1	5	26
1 a 4	3	16
5 e +	11	52
TOTAL	19	100

(\*) 1 não respondeu.

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES  
(2º MOMENTO)

QUARTO A SÉTIMO DIA DE TREINAMENTO

APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Nesse 2º momento os treinandos perceberam uma sensível melhora nos trabalhos: "dinâmica melhor", "dinâmica razoável", "mais trabalho de grupo", "apresentação de forma mais clara e objetiva" ainda que continuassem a considerar os assuntos "sem novidade". Também, começaram a sentir que o tempo era pouco para maior aprofundamento dos conteúdos (\*). Referências elogiosas sobre a treinadora começaram a aparecer, "treinadora muito segura", "a técnica sabe dā conta do seu recado", "treinador facilitou o trabalho".

"Os conteúdos não foram muitos aprofundados, o tempo foi pouco para que a programação fosse cumprida. Quanto à dinâmica durante esses últimos dias melhorou, com mais trabalho de grupo e uma maior participação dos treinandos"  
(10 anos de MOBREAL)

"Os conteúdos foram apresentados de forma mais clara e objetiva facilitando a participação dos elementos envolvidos a maneira de estudo, análise parcelada, de cada documento trouxe melhor conhecimento para o grupo. O cuidado do treinador e preocupação na apresentação dos conteúdos

---

(\*) A duração da capacitação foi programada para 4 dias e meio.

veio beneficiar e facilitar o trabalho a ser desenvolvido"  
(4 anos de MOBRAL)

"Os conteúdos não apresentaram nenhuma novidade no entanto, a dinâmica e forma de apresentação dos conteúdos foi razoável"  
(2 anos de MOBRAL)

#### CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

Nesta etapa os treinandos continuavam assim como no primeiro momento de avaliação sentindo-se aptos para transmitir o conteúdo. Apenas alguns treinandos se diziam inseguros alegando precisarem maior aprofundamento dos conteúdos apresentados.

Aqueles que se diziam preparados para o repasse não explicitaram muito bem quais seriam os motivos, ao contrário do que ocorreu no primeiro momento. Podemos, no entanto, deduzir em função do item anterior onde mais uma vez foi colocado que o conteúdo do treinamento não trazia nenhuma novidade, que os motivos seriam os mesmos, ou seja a experiência de trabalho anteriormente adquirida e conhecimento prévio dos assuntos.

#### SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

Neste segundo momento de avaliação a maioria dos treinandos declarou continuar satisfeito com sua participação nos trabalhos.

"Achei boa a participação, de uma vez que contribui para o enriquecimento dos grupos e do grupão"  
(6 anos de MOBRAL)

"Participação boa, com troca de experiência e críticas quando necessário. Participação nos grupos, plenário quando necessário".  
(7 anos de MOBRAL)

#### EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

No que se refere as expectativas, o grupo continuou dividido entre os treinandos que consideravam-se atendidos, ou atendidas apenas em parte. Outras demonstravam frustrações tais como:

"... esperava que a nova proposta viesse trazer mudança total da metodologia".  
(10 anos de MOBRAL)

"Pensei que depois de tantas avaliações e críticas da Instituição, a metodologia viesse a mudar na sua totalidade".  
(6 anos de MOBRAL)

"... esperávamos conteúdos mais aprofundados com inovações".  
(2 anos de MOBRAL)

"Melhor capacitação sobre os projetos PEI E PETRA".  
(8 anos de MOBRAL)

#### DIFICULDADES

Aqui mais uma vez os treinandos, na sua maioria, diziam não ter encontrado nenhuma dificuldade. Entre os poucos treinandos que apontaram dificuldades estas estavam relacionadas à falta de tempo para maior aprofundamento do conteúdo. Tal situação já

havia sido mencionada no item "aprofundamento do conteúdo". Ao mesmo tempo, nota-se uma relação com o item "capacitação" onde alguns se declararam inseguros para o repasse por necessidade de maior aprofundamento.

#### CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

Os treinandos formularam algumas sugestões para capacitações futuras:

"No próximo: Carga horária maior, que se trabalhe só durante o dia, que os instrumentais sejam preparados com antecedência".  
(11 anos de MOBREAL)

"Que haja uma melhor sistematização dos trabalhos de grupo".  
(10 anos de MOBREAL)

"Quando houver um treinamento sobre Proposta de Educação Supletiva ou outro qualquer, que a COORD não programasse nada e sim isto ficaria para outro momento"  
(9 anos de MOBREAL)

"Maiores inovações no conteúdo"  
(8 anos de MOBREAL)

"Que os próximos assuntos possamos dispor de mais instrumentais/documentos para estudo"  
(4 anos de MOBREAL)

"Esperamos que nos próximos treinamentos haja uma maior organização em termos de seqüência de assuntos já que observamos que houve inúmeros cortes na Programação".  
(2 anos de MOBREAL)

"Que haja mais entendimento entre os treinadores quanto a forma de trabalho". "Material mais rico".  
(7 meses de MOBREAL)

"Parte Cultural/recreativa deveria existir a cada intervalo, para acabar mais a monotonia".  
(6 meses de MOBREAL)

Como já foi mencionado anteriormente, o questionário do NUPES foi entregue em dois momentos diferentes. Convém ressaltar que seu preenchimento não foi obrigatório, assim sendo, ele foi preenchido no primeiro momento por 36 treinandos e no segundo momento por apenas 20.

Observou-se que mais da metade destes treinandos trabalhavam há mais de cinco anos no MOBREAL. Entretanto, o percentual relativo aos treinandos com menos de um ano de MOBREAL também é bastante significativo, ou seja, 29,0% no primeiro momento e 26,0% no segundo momento.

De acordo com as respostas registradas no "questionário do NUPES" podemos adiantar algumas conclusões no que se refere ao treinamento da Coordenação "A".

Até o final do treinamento os treinandos demonstravam não ter percebido muita novidade no conteúdo repassado. A expectativa com relação a mudanças significativas, sobretudo na prática, era, sem dúvida, grande.

No que se refere a "dinâmica" e "forma de apresentação" cabe ressaltar que, aparentemente, estes termos, utilizados no instrumental de avaliação, ficaram pouco claros, para alguns treinandos, como pode ser ilustrado nas seguintes frases, além de outras já citadas anteriormente na análise dos diversos itens:

"Quanto a dinâmica realmente existiu, todos os grupos participaram, apesar de não ter muitas novidades, atendeu nossas expectativas".  
(? anos de MOBREAL)

"Dinâmica e forma de apresentação estão satisfazendo a exigência do conteúdo".  
(6 meses de MOBREAL)

Apesar disso, percebeu-se que no início do treinamento, quando os temas apresentados eram basicamente expositivos e, segundo os treinandos, não apresentava nenhuma ou quase nenhuma novidade, eles o qualificavam de "monótono", "cansativo". A opinião modificava-se à medida que o grupo era chamado a participar nos trabalhos passando, então, a dizer que a dinâmica estava melhor.

Os treinandos, de modo geral, se consideraram aptos para o repasse de conteúdo aos alfabetizadores uma vez que o treinamento, segundo eles, teria sido uma ocasião válida para reciclagem e maior aprofundamento do que já conheciam. Por outro lado, para alguns, o tempo não foi suficiente para um maior aprofundamento.

Quanto à duração de cada dia de treinamento, o trabalho em horário noturno parece não ter sido de agrado da maioria, uma vez que a carga horária ficou um tanto pesada, ocasionando um cansaço excessivo por parte dos treinandos.

Nos dois momentos de avaliação, a maioria dos treinandos considerou "boa" sua participação no treinamento.

Finalizando, pode-se acrescentar que os treinandos, na sua maioria, procuraram preencher todos os itens do questionário. Houve alguns casos de cópia de respostas, porém não muito significativos. Percebeu-se, também, que os treinandos ao fazerem uma crítica negativa procuravam em seguida amenizá-la com outra positiva ou com uma justificativa, por vezes incoerente. Este fato talvez possa ser explicado pelo "comprometimento" característico de uma avaliação escrita.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO E DO DIÁRIO DE CAMPO

O grupo de treinandos reagiu bem à presença da avaliadora apesar desta ter optado por uma observação passiva. Isto pode ser contornado uma vez que foi feita a sua apresentação pelo coordenador na abertura do treinamento na qual a observadora esclareceu a sua presença e a sua função no Encontro. Além disso, fora dos horários de treinamento foi estabelecido um bom relacionamento entre o grupo e a avaliadora o que concorreu para que a sua presença não constituísse um fator de inibição ou resistência ao longo do Encontro.

Além do instrumental de avaliação (questionário do NUPES) a avaliadora recorreu a um diário de campo que foi preenchido na medida em que esta detectava pontos relevantes.

Os conteúdos apresentados no treinamento era, em sua maioria conhecidos pelos treinandos o que pode ser constatado através dos instrumentais de avaliação (Questionário do NUPES) como pelos depoimentos do grupo que muitas vezes se referia ao treinamento como um momento de "reforço" ou "Aprofundamento" do que por ele já era dominado.

Determinados conteúdos apresentados em virtude da complexidade e detalhismo do assunto criaram um clima de apatia na turma (como por exemplo Artigos da Lei 5654). Apesar da postura flexível da treinadora, os treinandos nesses momentos não manifestaram nenhum tipo de participação, mostrando-se mais preocupados em copiar os painéis apresentados.

Por outro lado, alguns conteúdos provocaram uma grande participação do grupo, sobretudo quando estes envolviam a sua experiência de trabalho, como por exemplo: o texto "Sugestão de operacionalização das diretrizes do MOBREAL" e a questão, "como você situaria o seu papel dentro da relação MOBREAL/Ensino Supletivo"? Outros temas lançados para debates tais como a mudança da carga horária e a regionalização do material didático suscitaram a participação crítica do grupo que a

partir da conjugação de suas experiências individuais em campo apontaram uma série de entraves ao pleno desenvolvimento dos projetos.

Ao longo dos debates pode-se aprender que as alternativas trazidas pelo Central traduzidas na mudança da carga horária e regionalização do material didático não foram consideradas suficientes para a resolução dos problemas enfrentados no Estado. Segundo o grupo essas mudanças deveriam ser acompanhadas por uma tentativa de sanar problemas de ordem estrutural, configurado em um número insuficiente de supervisores e o seu acúmulo de funções administrativas.

"O grande problema é a  
falta de acompanhamento  
e a sobrecarga do SUSUG.  
Como resolver isso?"  
(Anotações do Diário de Campo)

Segundo o grupo, o número insuficiente de supervisores frente a um grande número de municípios e salas de aula fazem com que a supervisão seja seriamente prejudicada.

"Visitar uma sala de aula  
no início do curso e quando  
dã fazer uma visita no final  
do curso não é supervisão".  
(Anotações do Diário de Campo)

"O supervisor deve poder ter  
condições de realimentar o  
processo. Ou o supervisor  
acompanha ou teremos classes  
fantasmas." (Anotações do  
Diário de Campo)

Um outro ponto, considerado pelo grupo como um dos grandes entraves para a supervisão, encontra-se na necessidade do fortalecimento das células municipais, como podem atestar os seguintes depoimentos:

"Não há tempo para a função do SUSUG. O SUSUG na realidade, é também a Comissão Municipal".  
(Anotações do Diário de Campo)

"A Comissão Municipal é a grande mentira do MOBREAL. O SUSUG acumula funções por esse motivo."  
(Anotações do Diário de Campo)

Em vários momentos do Encontro foi estabelecida a articulação entre treinamento e supervisão.

Embora o treinamento constitua um momento importante do processo, este não garante, de acordo com os treinandos, o real desempenho do alfabetizador, comumente caracterizado como inexperiente e com baixo nível de escolaridade.

A conclusão obtida pelo grupo foi a de que a supervisão deveria ser capaz de corrigir a tempo erros que eventualmente possam surgir ao longo do processo, bem como realimentar e orientar o alfabetizador.

"O treinamento não é suficiente para capacitar o alfabetizador, daí a importância da supervisão".  
(Anotações do Diário de Campo)

"O supervisor deve ter como função realimentar o professor no decorrer do curso"  
(Anotações do Diário de Campo)

A postura do treinador diante de tais colocações foi acentuadamente flexível e crítica. Pode-se afirmar, inclusive, que a importância atribuída a um acompanhamento sistemático foi fruto de um diálogo aberto em que tanto os supervisores e técnicos da Coordenação como o treinador contribuíram, através de suas colocações, para o estabelecimento de um consenso no grupo.

Como já foi dito, o grupo de treinandos não reagiu com entusiasmo às mudanças (carga horária e material didático regionalizado) trazidas pelo MOBREAL Central, manifestando a expectativa de modificações mais profundas do que as apresentadas.

"A extensão da carga horária suscitou um amplo debate. A maioria considerou-a válida como pode atestar o depoimento de uma S.A. — "Os alunos dizem que quando estão começando a aprender o curso termina".

(Anotações do Diário de Campo)

No entanto, segundo os treinandos, a extensão da carga horária não constituiu, por si só, uma solução. Teria que, necessariamente, ser acompanhada por modificações de caráter metodológico, bem como, pelo estabelecimento de critérios de seleção do alfabetizador e por uma melhor capacitação do mesmo.

O grupo afirmou a necessidade de uma metodologia mais simples, sua adequação à realidade de cada Estado e a necessidade de uma boa capacitação que propiciasse ao alfabetizador, além do domínio do conteúdo, a capacidade de lidar com os métodos e as técnicas.

"O aumento da carga horária não resolve nada se não mudarem a metodologia, se o alfabetizador não for selecionado e bem capacitado".

(Anotações do Diário de Campo)

É importante ressaltar que a alternativa traduzida na seleção

dos alfabetizadores já vinha sendo buscada pela Coordenação desde o final do ano passado, através da abertura de concursos para os alfabetizadores.

A discussão do material didático foi caracterizada por uma participação intensa do grupo. De acordo com os treinandos, essa iniciativa já deveria ter sido tomada há muito tempo, uma vez que um material nacional diante das diferenças regionais do país não se justifica. A sugestão dada pelo grupo foi a de que o material básico fosse regionalizado e o material complementar produzido por cada Coordenação, segundo as suas especificidades.

É importante observar que as relações entre os diversos elementos que participaram do treinamento se desenvolveram harmoniosamente. O treinamento caracterizou-se pela participação ativa do grupo e pela postura flexível do treinador que, em interação com os técnicos da Coordenação e os treinandos, proporcionou momentos de reflexão e crítica.

Em alguns momentos, no entanto, sobretudo no último dia do treinamento em que havia a premência do cumprimento do conteúdo programado, a participação dos treinandos e o ritmo dos debates diminuiu consideravelmente, uma vez que a treinadora assumiu uma postura dirigista, antecipando as conclusões dos assuntos expostos.

O nível de interação entre os componentes do grupo era muito grande, não só por já se conhecerem, como também pelo otimismo que envolvia os treinandos por ser este um ano de implantação de novos projetos no Estado.

Convém destacar que o referido otimismo se devia, ainda, ao clima ufanista desenvolvido no grupo, em virtude da premente operacionalização das novas alternativas propostas pela Coordenação Estadual.

Pôde ser observada uma dicotomia entre o treinamento do MOBRAF Central e o ministrado pela Coordenação. Enquanto o primeiro foi encarado pelo grupo como um reforço dos conteúdos já dominados pela maioria dos treinandos, o treinamento dado pela Coordenação

Estadual era visto como um grande momento em que as sugestões do grupo seriam apresentadas e as estratégias de operacionalização dos Projetos seriam discutidas.

O grupo mostrou-se receptivo em relação aos técnicos do MOBRAL Central, convidando-os, inclusive, para participarem das atividades de lazer que intercalavam o treinamento (peças de teatro, jornalzinho) e para conhecer a cidade próxima ao Centro de Treinamento.

No último dia de treinamento houve uma reunião entre os técnicos do MOBRAL Central e o Coordenador, na qual o treinamento foi discutido e avaliado. Segundo o Coordenador, a forma ideal para a elaboração de um programa de treinamento deveria se processar através de uma co-produção entre os técnicos do MOBRAL Central e os da Coordenação. Isto pressuporia uma estada de técnicos do Central anterior à data de início do treinamento, para que, assim, todos pudessem contribuir para a elaboração de um treinamento adequado à realidade do Estado.

Apesar do treinamento em questão ter sido considerado satisfatório, em virtude dos esforços de todos os seus participantes, o Coordenador afirmou existir uma dicotomia entre uma programação "a priori", em nível de MOBRAL Central e as reais necessidades das diversas Coordenações.

## Conclusão

Os resultados obtidos através da aplicação do instrumental de avaliação e os que foram observados durante o treinamento, pelo avaliador, foram complementares.

Em ambos os casos, ficou bastante claro que os treinandos esperavam mudanças mais significativas no PAF. No questionário do NUPES estas mudanças não foram bem explicitadas, provavelmente, devido às limitações deste instrumental. Porém, nas discussões observadas ao longo do treinamento, os treinandos colocavam suas expectativas com maior liberdade. Estas eram, na sua maioria, ligadas diretamente à sua prática de trabalho.

Os treinandos procuravam soluções quanto à sobrecarga de tarefas desenvolvidas pelo SUSUG e ressaltavam a sua responsabilidade para a garantia da qualidade do Projeto de Alfabetização.

As poucas mudanças sentidas pelos treinandos, tais como, a extensão da carga horária e a regionalização do material didático, não estavam satisfazendo plenamente.

Convém destacar que o treinamento em questão não foi visto como de grande impacto inovador pelo fato da Coordenação já estar, desde o final de 1982, buscando alternativas mais adequadas aos problemas por ela enfrentados, como por exemplo: o plano interno de capacitação de supervisores, buscando o aperfeiçoamento dos mesmos e estimulando a reflexão e a crítica; novas formas de seleção de alfabetizadores; integração de programas/projetos; reformulação dos instrumentais de supervisão e, ainda, um projeto de pesquisa, em convênio com Universidades, para a elaboração de material didático regionalizado.



## COORDENAÇÃO "B"

### Introdução

O treinamento do PAF teve a duração de sete dias e uma jornada de trabalho dividida da seguinte forma: de 8h às 12h, 2 horas para almoço e descanso, e depois de 12h às 18h. Foi realizado num Centro de Treinamento, afastado da capital do estado. O local era bastante agradável e já conhecido pelos treinandos.

Participaram do treinamento 25 SA, 5 SE, ENSUP, ENPEC e sua equipe técnica. Para o treinamento também veio parte da equipe da Coordenação de um Território vizinho: a Coordenadora Adjunta, o ENSUP, o ENPEC e 4 ST. Esses técnicos, após o treinamento, retornariam e repassariam o treinamento para o restante da equipe daquela Coordenação. O treinamento foi dado em conjunto para as duas Coordenações devido à redução de gastos determinada pelo MOBRAL Central.

Ainda fizeram parte do treinamento dois professores convidados, responsáveis por um projeto de alfabetização no Estado, onde o MOBRAL entra com a metodologia e o material didático.

O curso do PAF no Estado em questão terá a duração de 8 meses, como previsto na Proposta Transitória de Educação Supletiva. A Coordenação ainda não havia sido treinada nessa nova proposta; a ENPEC já a conhecia devido ao encontro que foi realizado no Rio de Janeiro.

Antes de iniciar o treinamento, o técnico do MOBRAL Central discutiu a programação com a Coordenadora Adjunta e principalmente com a ENPEC, quando definiram algumas questões

e decidiram que o treinamento seria dado em conjunto: a ENPEC e o treinador do MOBRAL Central.

A programação seguiu basicamente aquela elaborada pelo MOBRAL Central, porém, o técnico buscou enfatizar a parte de operacionalização a pedido dos próprios treinandos. No levantamento das expectativas feito pelo treinador logo no início do treinamento, foram recorrentes as seguintes colocações: "que haja bastante conteúdo prático", "detalhamento operacional da proposta", "tempo maior para a operacionalização do PAF".

Os grupos, nos primeiros trabalhos, se formavam com o objetivo de maior integração. Ou seja, para cada trabalho formavam-se grupos diferentes, assim, todos se conheciam melhor, inclusive os treinandos da outra Coordenação. Porém, nos trabalhos posteriores foi necessário dividir por regiões geográficas, devido à experiência diferente de cada polo e pela questão da regionalização, considerada importante tendo em vista a diversidade cultural destas regiões.

Para o desenvolvimento dos trabalhos, o treinador utilizou várias vezes a técnica de trabalhos de grupo com proposições para reflexão, exposição oral, leitura comentada e dirigida e discussões em plenário. Também foi usado a vivência dos participantes como pontos de discussão e sempre ocorreu a sistematização dos trabalhos.

Todos os dias os treinandos criaram diversas bricadeiras para "descontrair o ambiente", segundo os próprios. O técnico do MOBRAL Central não sugeriu nenhuma das bricadeiras. Também na parte de avaliação diária, o treinador não teve nenhuma participação. Os treinandos é que a organizavam e executavam.

Os SA tinham características bastante diferentes, entre eles, porém, eram íntimos e a maioria trabalha há bastante tempo no MOBREAL. Uma das diferenças constatadas refere-se ao grau de escolaridade. Havia professoras formadas, a grande maioria da capital, enquanto que outros, só tinham até o 1º grau, estes, de modo geral, vinham do interior.

A apresentação da proposta de avaliação do NUPES, foi feita primeiramente à Coordenadora Adjunta, e depois apresentada em plenária aos participantes do treinamento. Por parte, dos elementos da Coordenação a receptividade foi muito positiva, ou seja, foi feita uma reunião com a Coordenadora Adjunta para conhecer melhor a proposta e ela se mostrou interessada, perguntando sobre todo o detalhamento da avaliação. Após consultar o Coordenador ficou decidido que a Coordenação estaria aberta para participar na avaliação em questão. Com relação aos treinandos, a princípio a proposta foi interpretada como supervisão, o que gerou uma certa desconfiança por parte deles. Porém, no decorrer do treinamento houve uma melhor compreensão da proposta que levou vários SA a solicitarem que um de seus Municípios fosse escolhido para a avaliação.

No entanto, nessa Coordenação a proposta do NUPES não teve continuidade já que a mesma estava incluída entre as tres Coordenações cujo projeto foi desativado (\*).

O instrumental de avaliação (questionário do NUPES) foi distribuído para preenchimento somente no final do treinamento do PAF, conforme entendimento entre o observador e os treinandos.

---

(\*) Ver Capítulo 2 - Introdução.

PROGRAMA DO TREINAMENTO1º Dia

- Apresentação de todos os presentes.
  - Levantamento das expectativas do grupão - trabalho feito por grupos.
  - Características da clientela do MOBRAL - cada grupo se reuniu e descreveu.
  - Conceito sobre o adulto - por grupo.
- Textos utilizados : parte de "A situação educacional pelas tabulações avançadas, do Censo demográfico de 1980", Sergio Marinho Barbosa e "Aprendizagem do Adulto" de Maria do Socorro Jordão Emerenciano.
- Avaliação feita através de música.

2º Dia

- Mobilização/Diretrizes do PAF.
- Seleção de Alfabetizadores.
- Levantamento de expectativas na comunidade.
- Avaliação oral, através de sorteios.

3º Dia

- Métodos de Alfabetização - cada grupo vivenciou uma metodologia diferente, através da elaboração em grupo e depois expos para o grupão.
  - . Método do MOBRAL - um grupo preparou uma aula e a vivenciou para o grupo.
- Exercício das sílabas e escolha das palavras com as quais poderia se trabalhar, auxiliando a palavra geradora.
- Avaliação - cada grupo responsável por dois pontos positivos e dois negativos no dia de treinamento.

4º Dia

- Síntese do dia anterior em plenário.
- Apresentação das famílias silábicas pelos grupos, com o objetivo de troca de experiências (esse ponto foi incluído a pedido dos SA).
- Avaliação do aluno do PAF - trabalho de grupo, posterior exposição para o grupão e discussão.
- Avaliação do dia - escolha de um adjetivo para caracterizar o dia. Todos responderam sigilosamente e depois as respostas foram computadas.

5º Dia

- Planejamento das 400 horas - trabalho de grupo por região. Ênfase na capacitação do alfabetizador.
- Não houve avaliação porque era sábado e todos queriam sair mais cedo.

Domingo - não houve treinamento.

6º Dia

- Continuação da elaboração do planejamento das 400 horas. Ao final deste trabalho, o técnico do MOBREAL Central entregou o planejamento pronto, feito pelo MOBREAL Central para que os treinandos o criticassem e o comparassem com o que tinham feito. Discussão sobre esse tema.
- À noite a ENAFI reuniu-se com os treinandos para dar toda a orientação sobre a área administrativa.
- Não houve avaliação.

7º Dia

- Exposição do planejamento das 400 horas.
- Planejamento do treinamento dos Alfabetizadores - através do trabalho de grupo.
- Avaliação final do treinamento do PAF.
- Distribuição do questionário do NUPES.

Treinandos das duas Coordenações que preencheram o questionário do NUPES :

Função no MOBRAL (*)	Nº de treinandos
SA	22
SE	5
ST	3
técnicos da COORD	12
TOTAL	47

Treinandos das duas Coordenações segundo tempo de MOBRAL :

Tempo de MOBRAL (**) Nº de anos	Treinandos	%
-1	5	11
1 a 4	16	35
5 e +	25	54
TOTAL	46	100

(\*) Um dos treinandos não pertencia ao MOBRAL, era Supervisor Educacional de uma Empresa Estatal atuando na região e não foi quantificado.

(\*\*) hum não respondeu e hum não pertencia ao MOBRAL (não quantificados)

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Observou-se que os treinandos, de um modo geral, disseram que o conteúdo apresentado na capacitação do PAF já era conhecido, sendo que para alguns havia "pouca novidade". No entanto, houve consenso no sentido de que o momento de capacitação foi importante uma vez que proporcionou uma oportunidade para enriquecimento de conhecimentos e troca de experiência entre os participantes.

Quanto à dinâmica e forma de apresentação, mais da metade dos treinandos as considerou a contento. Os demais ficaram divididos entre os que consideravam que "em determinados momentos não foi satisfatório" e os que não se pronunciaram com clareza a respeito.

"Os conteúdos trabalhados apresentaram pouca novidade, houve bastante troca de experiências dentro dos próprios grupos, quando se levava a plenário, havia pouca contribuição do grupão".  
(8 anos de MOBREAL)

"O treinamento como um todo, girou em torno da experiência dos grupos participantes, tendo em vista que os assuntos abordados eram de conhecimento dos participantes".  
(1 ano de MOBREAL)

"Achei de mera importância os conteúdos abordados inclusive proporcionou um maior embasamento para o nosso trabalho na nossa vida. Quanto a forma e dinâmica proporcionou uma maior participação, reflexão dos participantes".

(11 anos de MOBRAL)

"Os conteúdos foram bem apresentados, a dinâmica de trabalho facilitou a assimilação de informações e o material utilizado facilitou sobremaneira o aperfeiçoamento dos conhecimentos".

(7 anos de MOBRAL)

"A dinâmica e forma de apresentação em determinados momentos não foi satisfatório, pois muitos questionamentos não chegaram a um consenso".

(10 anos de MOBRAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

No que se refere às condições de transmissão do conteúdo por parte dos treinandos, após a capacitação, todos se consideraram aptos com exceção de dois participantes recém admitidos no MOBRAL. Os treinandos que se consideravam habilitados para o repasse atribuíram este fato à combinação de dois fatores, ou seja, a experiência anterior e o reforço de conhecimento adquirido durante o treinamento. Outro fator considerado importante e que, segundo os treinandos, facilitaria o repasse, foi a "abertura para adaptar a metodologia às realidades locais", uma vez que oficializou o que já acontecia na prática.

"Quanto a transmissão de conteúdos considerando o conhecimento que tenho em termos de PAF/PEI, e em face as aberturas de poder adaptar a metodologia as realidades locais/regionais, acho que não terei dificuldades de transmiti-las e adaptá-las"

(10 anos de MOBREAL)

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

Quase todos os treinandos consideraram ter tido uma "boa" participação no treinamento:

"A minha participação não se limitou apenas em ouvir, e sim, procurei me envolver em todos os momentos, principalmente nos trabalhos de grupo, que deu grande abertura para debates e reflexões, direcionados ao que realmente acontece em nossos municípios".

(6 anos de MOBREAL)

"A dinâmica e forma do treinamento que foi mais numa linha de leitura de documentos e questionamentos, oportunizou uma maior reflexão, maior participação e até mesmo fazer críticas construtivas".

(11 anos de MOBREAL)

- EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

Para metade dos participantes o treinamento, segundo eles, correspondeu às expectativas. Os demais ficaram divididos entre os que consideravam as expectativas atendidas apenas em parte e os que alegaram o seu não atendimento.

Os motivos, nos três casos, nem sempre foram explicitados. No entanto, pode-se dizer que, para os que se consideraram atendidos, as razões apontadas com maior frequência referiam-se a oportunidade de enriquecimento de conhecimentos, como já havia sido mencionado no item "aprofundamento do conteúdo" e ao esclarecimento de aspectos metodológicos. Os que se disseram atendidos apenas em parte, atribuíram este fator à decepção quanto à falta de novidade no conteúdo do treinamento, reforçando mais uma vez o que já foi visto no item "aprofundamento do conteúdo". No caso dos que se consideraram não atendidos, os motivos, quando colocados, eram muito vagos.

"Atendeu todas as expectativas quanto aos aspectos metodológicos do Projeto". (7 anos de MOBREAL)

"... para que eu pudesse tirar muitas dúvidas e me enriquecer com as apostilas muito bem elaboradas ... Com isto logicamente todas as minhas expectativas foram atendidas". (6 anos de MOBREAL)

"Em parte, não foi satisfatório porque muitos questionamentos levantados pelo grupo não foi definido". (6 anos de MOBREAL)

"Em parte, pelas situações já citadas no 1º item".

(11 anos de MOBRAL)

"Não satisfez as minhas expectativas, tanto no PAF como no PEI eu achava que iriam haver mais mudanças e pelo que vejo a única mudança que se percebe é na carga horária do PAF".

(3 anos de MOBRAL)

"A minha expectativa era outra, mas a Proposta apresentada serviu para reforçar e enriquecer o trabalho que já vínhamos, fazendo com reflexões nos pontos de estrangulamento".

(5 anos de MOBRAL)

#### - DIFICULDADES

As dificuldades apontadas pelos treinandos, de modo geral, são de ordem administrativas e, segundo a maioria deles, "as dúvidas serão esclarecidas posteriormente na COORD". Dos problemas levantados, os mais frequentes se referem ao controle, acompanhamento e avaliação do trabalho em campo.

"Falta de respostas concretas relacionadas à parte administrativa".

(5 anos de MOBRAL)

"Dificuldades em si, não, apenas algumas dúvidas para serem discutidas na COEST".

(11 anos de MOBRAL)

"Soluções para os problemas apresentados quanto: controle/acompanhamento/avaliação".  
(8 anos de MOBRAL)

#### CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

As críticas/sugestões foram, de modo geral, de ordem reivindicatória tais como : o fato da capacitação ter reunido, para o evento, duas Coordenações próximas porém com realidades bastante diferentes, e melhor gratificação para os agentes. Outra colocação frequente, resulta das dificuldades sentidas durante o treinamento, como por exemplo, a lacuna de informações da área administrativa já mencionada no item anterior.

"Que os próximos treinamentos/encontros com o mesmo fim se efetuem com equipes de apenas uma Coordenação, para que, ao se estudar as adequações, cada realidade receba estudos mais específicos".  
(5 anos e meio de MOBRAL)

"Aumento de valor da gratificação dos agentes para que possa ser exigido a melhor aplicação da metodologia".  
(10 anos de MOBRAL)

"Que o treinamento fosse dado em conjunto parte metodologia e parte administrativa para esclarecer dúvidas principalmente no que diz respeito a algumas mudanças".  
(7 anos de MOBRAL)

Na Coordenação "B", o instrumental de avaliação, conforme motivo já exposto anteriormente, só foi distribuído uma única vez, no final do treinamento. O questionário do NUPES foi preenchido por 47 treinandos, sendo que destes mais da metade, ou seja, 54,0% estavam no MOBRAL há mais de 5 anos, 35,0% entre 1 e 4 anos e apenas 11,0% menos de 1 ano.

Através do questionário pode-se constatar que os treinandos, de modo geral, esperavam encontrar mais mudanças do que as ocorridas no PAF. As mudanças esperadas não foram explicitadas. No entanto, para mais da metade dos treinandos, o treinamento respondeu, segundo eles, a outras expectativas, como por exemplo, o enriquecimento de conhecimentos e o esclarecimento de aspectos metodológicos

O grupo de treinandos se mostrou satisfeito com a dinâmica e forma de apresentação do treinamento. Um fator considerado positivo, por eles, estimulado pelo treinador, foi a utilização de suas experiências de trabalho de campo durante o treinamento.

Os treinandos sentiram falta de respostas, sobretudo nas questões de ordem administrativas, porém, estas, segundo eles, seriam respondidas posteriormente, na COEST. Eles também mostravam-se muito preocupados com a relação a gratificação dos agentes, que para eles, era muito baixa dificultando o engajamento dos mesmos.

Foi bastante criticada a iniciativa de se reunir no mesmo treinamento duas Coordenações diferentes. Os treinandos da Coordenação convidada, foram os que mais demonstraram seu descontentamento com relação ao fato.

Os treinandos preencheram cuidadosamente todos os itens do questionário. Em alguns casos, não muito significativos, percebia-se que a resposta havia sido copiada de um colega. Também, algumas colocações ficaram confusas, provavelmente, devido a má compreensão do instrumental.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO E DO  
DIÁRIO DE CAMPO

Tanto a Coordenação quanto o grupo de treinandos foram bastante receptivos à proposta de treinamento do MOBRAL Central. Sendo o treinador recebido com bastante entusiasmo, fazendo com que o clima de negociação da programação fosse cordial.

Durante todo o treinamento foi dado maior ênfase ao lado prático e operacional, procurando atender a solicitação manifestada pelos treinandos a partir do "levantamento de expectativas" realizada no início do treinamento:

"Que haja bastante conteúdos práticos".

"Detalhamento operacional sobre a proposta do PAF".

"Adoção de um tempo maior para operacionalização do PAF, proporcionando "ponte" para a continuidade da Educação Permanente de Adolescentes e Adultos".

(Anotações do Diário de Campo)

No primeiro dia de treinamento, o treinador colocou mais a parte reflexiva e usou bastante a exposição oral. No momento de avaliação, feita através da música, ou seja, cada grupo criou uma letra de música falando sobre o dia do treinamento,

os treinandos manifestaram seu descontentamento da seguinte forma:

"O ... não pode ficar o dia todo falando. Queremos trabalho de grupo".  
(Anotações do Diário de Campo)

Daí em diante as reclamações que surgiram foram sempre em relação a questões de operacionalização da proposta de Educação Supletiva e não mais em relação ao comportamento ou dinâmica do treinador.

As grandes críticas surgidas durante os trabalhos expressas também no questionário de avaliação do NUPES, e que geraram profundas discussões foram relativas à baixa gratificação ao trabalho do alfabetizador e "seleção de alfabetizadores". Os treinandos consideram que uma pessoa da comunidade que tenha um bom nível de escolaridade não se dispõe a ser alfabetizador do MOBREAL devido a baixa gratificação, tanto na zona urbana como na zona rural. Fator que limita a seleção dos alfabetizadores.

"O valor de gratificação não é o condizente com o objetivo da qualidade, que tanto se diz".

"Tem que se aproveitar o que a comunidade tá querendo, e se existe alguma pessoa que queira ser alfabetizador. Porque ninguém quer".

(Anotações do Diário de Campo)

"Se não melhorarem a gratificação vai ser difícil conseguir bons alfabetizadores". (Anotações do Diário de Campo)

Tanto a equipe da Coordenação quanto os treinandos questionaram uma certa incoerência de informações passadas pelo MOBRAL Central. Por exemplo, observaram que durante o Encontro de ENPEC realizado no Rio de Janeiro, a organização preconizava que este ano de 1983 as Coordenações teriam muitos recursos disponíveis para a capacitação. No entanto, no decorrer do treinamento o técnico do MOBRAL Central colocou que não haveriam muitos recursos, o que gerou insatisfações gerais.

"Cada hora vocês dizem uma coisa. Disseram que ia ter recursos, eu repassei para a equipe da Coordenação e agora diz que não tem".

"Assim não podemos planejar nada".

(Anotações do Diário de Campo)

É interessante destacar que o grupo tinha características bastante diferentes, tendo em vista não só a grande extensão do Estado, como também a presença de participantes da outra Coordenação. Grandes diferenças culturais puderam ser notadas. Estas foram observadas principalmente no trabalho proposto pelo treinador em que cada grupo vivenciou uma metodologia diferente. Por exemplo, na região de extração da borracha, o grupo apresentou a palavra geradora BOLA, no sentido de BOLA DE BORRACHA. Iniciou-se então a discussão em torno da borracha e todo o seu processo de extração. O grupo, representante da outra região explorou a palavra BOTO, figura

tradicional lendária na região. Dramatizou-se "as moças e o boto". As diferenças no Estado também são de ordem geográfica, climática, topográfica, o que estabelece diferentes formas de acesso à localidade.

No entanto, percebeu-se uma integração e afinidade muito grande por parte do grupo. A maioria já se conhecia há muitos anos e no período de treinamento mostrou-se uma relação fraternal no grupo.

Neste grupo, os participantes diziam-se acreditar que a proposta do PAF pudesse contribuir para melhorar a situação do MOBRAL e da alfabetização nas respectivas Coordenações, no que diz respeito a dificuldade de mobilização, resistência às classes do MOBRAL e dificuldade de se alfabetizar.

Porém, no geral, o grupo não sentiu grandes mudanças na proposta do PAF. Mostraram-se preocupados com a mobilização e reclamavam de não haver mudanças radicais. Em nenhum momento explicitaram que mudanças seriam essas.

"O PAF só mudou a carga horária".

"Pra gente vai ser fácil, tá tudo a mesma coisa".

(Anotações do Diário de Campo)

O grupo de treinandos elogiou muito o trabalho do técnico do MOBRAL Central. Durante o treinamento estabeleceu-se uma relação bastante afetiva com o técnico, que culminou numa homenagem de agradecimento.

Os dois professores convidados, que participaram do treinamento parabenizaram a equipe da Coordenação, o treinador, os treinandos e a proposta de alfabetização, várias vezes. Com isto, ao final do treinamento gerou-se um clima ufanista em torno do treinamento e da proposta do PAF. Observou-se que os elogios dos dois professores, que não faziam parte do MOBREAL, agradou aos treinandos servindo de estímulo.

Observou-se que o grupo era extremamente organizado. Trabalhavam seriamente nos trabalhos de grupo, dramatizavam as exposições dos trabalhos efetuados, criavam brincadeiras e jogos com bastante autonomia.

Criaram um jornal de televisão para dar as notícias do treinamento que eram recolhidas através de um saco de sugestões.

O momento de lazer para o grupo se mostrou tão importante que gerou o único conflito entre o grupo e o treinador. Durante um dia de trabalho, próximo ao horário de almoço, o grupo solicitou ao treinador que parassem por meia hora para a apresentação de uma peça de teatro, criada por um grupo de treinandos. O treinador negou o pedido devido ao atraso da programação. Isto criou uma reação imediata de alguns elementos do grupo, ou seja, as principais lideranças que foram reclamar com a ENPEC. Diante disso, a ENPEC veio solicitar ao treinador que fosse aceito o pedido do grupo, já que se diziam esgotados e necessitados do intervalo para o lazer. O pedido foi aceito e comemorado pelo grupo que imediatamente preparou-se para a brincadeira.

Os treinandos ressaltaram a postura profissional do treinador, reconhecendo a sua seriedade.

"Estamos felizes pelo MOBRAL Central ter mandado alguém tão sério e sincero e honesto".

"O treinamento foi objetivo. O treinador é bem objetivo".

(Anotações do Diário de Campo)

Pode-se perceber que, os treinandos não buscaram alianças com o treinador, aparentemente existia uma autoridade "natural" da figura do treinador naquele contexto, ou melhor, do MOBRAL Central, tanto por parte da equipe da Coordenação como dos SA, SE e ST.

No que se refere a proposta de avaliação, apresentada pelo NUPES, os elementos da Coordenação mostraram-se preocupados com o retorno dos resultados de avaliação e pesquisa realizadas pelo MOBRAL Central.

"Mas isso vai ter volta para nós?"

"Vocês vêm aqui, perguntam, trabalham, fazem os relatórios e nunca mandam pra gente".

(Anotações do Diário de Campo)

A Coordenação tinha pouquíssimos trabalhos de pesquisa do antigo NUPES, e pediu que fossem enviados alguns trabalhos de interesse deles, o que já foi atendido.

Por parte do grupo de supervisores, a proposta de avaliação do PAF foi "a priori" muito bem recebida.

"É importante".

"Tem que haver pra saber  
onde estão os erros".

(Anotações do Diário de Campo)

Porém, quando foi colocado que acompanharíamos as classes de alfabetização de um determinado município, a ser escolhido com a Coordenação, as reações foram em tom de brincadeiras e criou-se uma ligeira confusão, todos rindo e discutindo entre si:

"Só não quero que vá  
no meu município".

"É agora...".

"Tá lascado".

(Anotações do Diário de Campo)

Com o decorrer do treinamento, a medida que o conhecimento entre o observador e os treinandos foram se aprofundando estabelecendo um clima de confiança. Daí se tornou comum nos últimos dias de treinamento, a colocação de diversos treinandos de que gostariam de receber o observador no seu município.

"Escolhe o meu município que  
é pra você me ajudar lá".

(Anotações do Diário de Campo)

"Queria muito que você fosse  
nas minhas classes conhecer o  
meu município. As minhas filhas".

"Vai pro ..... pra gente trabalhar  
juntos".

(Anotações do Diário de Campo)

## Conclusão

Tanto na análise do material coletado através do questionário do NUPES e nas considerações a partir da observação do treinamento e do diário de campo encontrou-se a afirmativa, de que o treinamento não trouxe grandes novidades, tendo em vista que os conteúdos do PAF já eram dominados pelo grupo.

Ressaltaram a importância da utilização de suas experiências de trabalho de campo durante o treinamento, como forma de troca de conhecimentos e como maior participação do grupo, quando o trabalho abria para a narrativa de experiências de cada treinando.

Nesses dois momentos de abordagem da avaliação, surgiu o problema da baixa gratificação do alfabetizador como uma das principais barreiras na seleção de agentes do PAF.

Todos parecem ter esperado mudanças e colocaram, tanto no questionário como durante o treinamento, a necessidade de mudanças radicais, porém em ambos os casos não explicitavam concretamente que mudanças seriam essas.

Segundo os treinandos, as dificuldades sentidas após o treinamento são principalmente de ordem administrativa, já que os conteúdos já eram conhecidos.

Existiu uma coerência entre o que os treinandos escreveram no questionário e o que foi observado no seu discurso durante o treinamento. Mesmo assim, pode-se perceber que as críticas fluíram num clima de maior liberdade na avaliação oral.

COORDENAÇÃO "C"

COORDENAÇÃO "C"

## INTRODUÇÃO

O treinamento foi realizado em local afastado da Coordenação e contou com a participação de 113 pessoas, das quais 87 eram SA e as demais faziam parte da equipe da Coordenação: Coordenador, Coordenador Adjunto, 2 Assistentes, ENPEC e sua equipe, ENSUP e SE. Devido ao grande número de pessoas a serem treinadas, optou-se pela divisão em três turmas, com três treinadores.

Esta equipe de treinadores, formada por 2 técnicos da Coordenação e um do MOBRAL Central, trabalhou integradamente visando compatibilizar o programa básico de treinamento. Para isso, foram necessários deslocamentos tanto do técnico do MOBRAL Central à Coordenação como também dos técnicos da Coordenação ao Rio, aproximadamente um mês antes da realização do treinamento.

Esta programação seguiu, basicamente, a estrutura proposta pelo MOBRAL Central, resguardando-se, no entanto, as peculiaridades regionais.

Houve um envolvimento efetivo não apenas dos dois técnicos deslocados para treinar, mas de outros elementos da Coordenação. O resultado desse envolvimento teve seu melhor exemplo no audiovisual sobre o "Adulto" produzido especialmente para o treinamento.

A jornada de trabalho adotada oscilou entre 7 horas e meia a 8 horas de trabalho por dia, totalizando 88 horas em 10 dias.

A metodologia do treinamento apresentou uma seqüência mais ou menos uniforme durante todo o tempo, intercalando "exposição dialogada" ou "tempestade mental" com "trabalhos de grupos com proposições", seguidos de seu relato em plenário.

A proposta de avaliação do NUPES foi muito bem aceita, assumindo nessa Coordenação contornos bem específicos. Após inúmeras reuniões, ocorridas simultaneamente ao treinamento, do técnico do NUPES com a equipe da Coordenação, inclusive o Coordenador, montou-se um grupo de trabalho formado por três técnicos da Coordenação e o técnico do NUPES. Este grupo observaria quatro municípios do estado, seguindo mais ou menos a proposta de avaliação do NUPES. No entanto, a Coordenação optou por nortear sua avaliação tendo como referência o treinamento, na medida em que queria observar mais detidamente seus efeitos no desempenho dos elementos envolvidos na ação do MOBREAL, mais especificamente, supervisores de área e alfabetizadores.

Nesta tentativa, o grupo de trabalho definiu algumas categorias de observação em 3 dos 4 municípios: ser novo ou antigo no MOBREAL e ter participado ou não deste treinamento.

Assim, tivemos para os Supervisores de Área:

- SA novo com treinamento
- SA antigo com treinamento
- SA antigo sem treinamento

No quarto município, a Coordenação pretendia avaliar a proposta de planejamento do PAF junto com os alunos. Esta proposta não foi aprofundada pelo grupo de trabalho e, pelo fato do SA não tê-la efetivado, este município passou a ser o 4º dentro da categoria de SA antigo e com treinamento.

Dentro desta definição básica, o trabalho nos municípios seguiria a mesma linha, ou seja, observar classes cujos alfabetizadores apresentassem as mesmas características:

- Alfabetizador novo com treinamento;
- Alfabetizador novo sem treinamento;
- Alfabetizador antigo com treinamento;
- Alfabetizador antigo sem treinamento.

O instrumental de avaliação (questionário do NUPES) foi distribuído para preenchimento em dois momentos, ao final do 2º e do 8º dia, conforme previsto na programação.

Apresentaremos aqui, apenas o resultado das avaliações em uma das turmas, objeto de observação do técnico do MOBRAL Central (NUPES).

PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO REFERENTE AO PRIMEIRO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

1º Dia

Manhã

- . Abertura - Exposição da Coordenadora.
- . Apresentação dos responsáveis pelo treinamento e dos treinandos.
- . Levantamento das expectativas do grupo.
- . Apresentação da programação e dos objetivos do treinamento de Educação Supletiva - Exposição.
- . A Educação Supletiva - Diretrizes do MEC - exposição dialogada.
- . Avaliação dos Projetos de Educação Supletiva do MOBRAL - Exposição com debate.

Tarde

- . A clientela de Educação Supletiva - exposição.
- . Avaliação do dia - avaliação escrita individual.

2º Dia

Manhã

- . Avaliação do dia anterior - apresentação dos resultados - exposição.
- . Aprendizagem do adulto - trabalho de grupo - leitura de texto com proposições.
- . A aprendizagem do adulto - plenário.
- . A aprendizagem do adulto - exposição dialogada.
- . Alfabetização - o que é - tempestade mental.

Tarde

- . Alfabetização - seu conteúdo - exposição dialogada a partir da proposição "O que deve ser ensinado"?

- . Cultura local - mural.
- . Alfabetização - atualização do conteúdo em nível local - trabalho de grupo: exercício prático.
- . Alfabetização - atualização de conteúdo em nível local - plenário - sistematização.
- . Alfabetização - sua metodologia - exposição dialogada a partir da proposição: "Como pode ser ensinado"?
- . Avaliação do 1º bloco de conteúdo.
- . Avaliação (questionário do NUPES).

PRIMEIRO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

FUNÇÃO NO MOBRAL	Nº DE TREINANDOS
SA	32
SE	3
Técnico da COORD	1
T O T A L	36

Treinandos segundo tempo de MOBRAL:

TEMPO DE MOBRAL Nº DE ANOS	TREINANDOS	%
- 1	4	11
1 a 4	17	47
5 e +	15	42
T O T A L	36	100

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES

## 1º e 2º Dias de Treinamento

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Ao final dos 2 primeiros dias de capacitação, o posicionamento mais frequente por parte dos treinandos salientava a importância do aprofundamento e da discussão sobre a postura do educador e sua aplicabilidade.

Outro aspecto igualmente presente nas avaliações, foi relativo à "grande abertura" para discussão, aliada a uma dinâmica de trabalho eficiente e estimulante.

Esta "abertura" foi mencionada de diferentes formas e esteve presente em todo o treinamento referindo-se, basicamente, à possibilidade de diversificação no uso de métodos de alfabetização. Ainda com relação a "abertura", percebemos que ela assume outra conotação, ou seja, a maior possibilidade de "reflexão" e "debate". Efetivamente, este aspecto será mais analisado em outros momentos deste relatório, tendo inclusive sido observado em outras Coordenações, mas, com esta ênfase, apenas na Coordenação "C".

"A dinâmica apresentada nesses dois dias foi muito boa. Com uma abertura muito grande e os debates ricos em experiências". (5 anos de MOBRL)

"A dinâmica e a forma de apresentação estão muito abertas dando margens a discussão o que enriqueceu muito o trabalho". (5 anos de MOBRL)

"A forma de apresentação, bem como a dinâmica dos trabalhos está boa, pois está propiciando uma reflexão e participação do grupo" (5 anos de MOBRAL)

"Os conteúdos tratados até agora não foi nenhuma novidade, mas sim a abertura no repasse aos alfabetizadores e como trabalhar com o adulto daqui para frente. A dinâmica usada foi muito boa, pois possibilitou a minha aprendizagem".  
(4 anos de MOBRAL)

"Positivo. Veio dando uma grande abertura para falar aquilo que achamos que deve ou não deve". (1 a 2 anos de MOBRAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

Quanto à capacitação, onde indagava-se sobre as possibilidades de cada um repassar os conteúdos, a resposta de mais da metade foi de que não encontraria dificuldades para o repasse, sendo que muitos apontaram a "abertura" como facilitadora para o repasse.. Alguns treinandos alertavam que tal repasse seria possível se tivessem o material suficiente. Outros sentiam-se inseguros por ainda estarem no 2º dia de treinamento.

"Sim, por causa da experiência em campo, dos diversos treinamentos já realizados, não há novidades em termos de conteúdo e sim de como trabalhar esses conteúdos"  
(5 anos de MOBRAL)

"Sim, é claro com algumas adequações de acordo com a área local" (5 anos de MOBRAL)

"Sim, por causa da forma como está sendo desenvolvido o trabalho, dando oportunidade de participação". (1 ano de MOBREAL)

"Acredito que sim, principalmente porque não está surgindo nada imposto e sim um pensar juntos". (1 ano de MOBREAL)

"Sim, já tenho um pouco de vivência em treinamento. O que está sendo válido é a abertura em transmitir para o aluno e treinar o alfabetizador". (7 anos de MOBREAL)

Outro aspecto importante que detectamos nestes depoimentos aponta para a ligação que fazem entre capacitação e experiência anterior. Este, aliás, é um dos pontos centrais da proposta de avaliação feita por esta Coordenação, isto é, perceber, de que forma a capacitação através de treinamentos, tal como são concebidos atualmente, habilita os elementos envolvidos na ação do MOBREAL,

Com relação a este aspecto, nestes dois primeiros dias de treinamento, não havia, ainda, clareza quanto ao fator preponderante; se seria a experiência anterior, se seria o treinamento, ou ainda, se seria o treinamento com essa "abertura".

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

Sobre a participação de cada um no treinamento, a maioria a considerou "boa". Como foi colocado na metodologia, não foi possível uma aproximação com os treinandos que nos permitisse ter uma visão do seu conjunto de valores que qualifica como "boa" sua participação no treinamento.

Mais uma vez, fica claro que a abertura mencionada inúmeras vezes, influenciou decisivamente no grau de envolvimento dos treinandos.

"Gosto muito da abertura que o MOBRAL está proporcionando, uma vez que o SA, alfabetizador, alfabetizando, é que podem propor sua forma de educação de acordo com a cultura local, interesse e necessidades" (5 anos de MOBRAL)

"Estou participando ativamente, refletindo e criticando em cima de cada assunto abordado, pois isto é importante para o trabalho futuro (fazer adaptações)".  
(4 anos de MOBRAL)

- EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

No que se refere ao atendimento das expectativas, a maioria disse estarem atendidas. Para muitos isso foi devido à "abertura da proposta" ou às "mudanças" que esta abertura proporcionou.

Outros deixaram transparecer uma certa decepção pois esperavam maiores modificações ou quanto à metodologia do PAF ou quanto às questões administrativas. Por questões administrativas estamos considerando não só os procedimentos da rotina do supervisor de área, como também suas dificuldades operacionais, tais como, mobilização, supervisão às classes, estrutura das COMUNS, etc.

O fato de muitos treinandos, ao responderem a este item, dizerem-se satisfeitos e alguns, após esta afirmação mencionarem timidamente seus temores, nos faz supor que avaliações deste tipo não deixam seus autores muito à vontade.

"Esperava que houvesse modificações quanto a metodologia, algo novo; contudo a abertura proposta quanto ao método a ser usado valeu". (5 anos de MOBRAL)

"Com as mudanças, estas aberturas para as mesmas, tenho receio de que venham a nos cobrar depois, em termos de tempo e dados quantitativos". (4 anos de MOBRAL)

"As expectativas estão sendo atendidas aos meus objetivos, embora tenho as minhas dúvidas quanto à minha clientela, isto é, a resistência dos mesmos, mesmo com a liberdade de mudanças". (11 anos de MOBRAL)

"As minhas expectativas estão sendo atendidas, a abertura (regionalização/respeito ao universo cultural do aluno) e a adequação do treinamento à nível dos municípios". (1 ano de MOBRAL)

"Não atendeu bem, esperava uma modificação maior nos assuntos vistos. Não sei como, mas esperava". (9 anos de MOBRAL)

#### - DIFICULDADES

Na questão relativa às dificuldades, a maioria não encontrou problemas para acompanhar e/ou participar do treinamento. Nessa ocasião, alguns treinandos aproveitaram para registrar seu descontentamento com relação às condições do local do treinamento, considerado "caro", "afastado" e "muito longe". Outros mencionaram suas preocupações com relação ao nível do alfabetizador e seu desempenho.

"Estou preocupada com o tempo longo que vou ficar fora de casa, com o custo do treinamento e por isto estou tendo dificuldades de participar". (10 anos de MOBRAL)

"Encontrar um alfabetizador ao nível, diante das novas mudanças, que seja criativo e sobretudo a receptividade das comunidades". (4 anos de MOBRAL)

"Não tenho dificuldade nenhuma até agora. Isso quer dizer só na parte teórica. Quero saber se na prática isso tudo vai funcionar". (9 meses de MOBRAL)

#### - CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

O item críticas e sugestões explicitou melhor algumas preocupações, apresentadas de forma muito amena nos itens anteriores do instrumental.

Um número significativo abordou a questão da duração do treinamento e dos custos de hospedagem e alimentação. Outros apontaram outras questões tais como: "ser mais prático", "menos teórico", "menos repetitivo" e "os SA mais velhos de casa poderiam ter uma capacitação em menos dias".

Na comparação das respostas dos diferentes itens do instrumental percebemos que atrás da solicitação de que os treinamentos sejam "menos teóricos" e "mais práticos" está contida a idéia de trabalhar a partir das experiências dos supervisores de área. "Menos teórico" e "mais prático" reproduz, também, uma angústia em não ter respostas para suas dificuldades cotidianas. Nossa observação até este momento do treinamento não nos permite afirmar conclusivamente, no entanto, supomos que estas restrições dos supervisores não se dão em relação à proposta de reflexão da prática educativa, mas à maneira como foi formulada.

Outro aspecto que chamou nossa atenção refere-se à sugestão de menos tempo de treinamento para os mais velhos na organização. Neste momento, não temos elementos para afirmações conclusivas mas parece-nos que o que está por trás da solicitação é uma visão de treinamento ou deste treinamento especificamente, onde

predomina a repetição de temas conhecidos em detrimento da discussão da prática.

"Que não aconteça mais treinamentos tão longos e tão caros, o que ganhamos é pouco, temos que contar com pelo menos metade das nossas diárias, pois fazemos compromissos. Além de SA somos também donas de casa e mãe e às vezes arrimo de família". (10 anos de MOBREAL)

"Deveria ser mais prático, menos teórico e menos repetitivo. Mais dentro do que temos que repassar". (4 anos de MOBREAL)

"Treinamento tão longo, caro, os SA mais velho de casa poderiam ter uma capacitação em menos dias, pois já temos experiências bastante no campo". (5 anos de MOBREAL)

PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO REFERENTE AO SEGUNDO MOMENTO  
DE AVALIAÇÃO

3º Dia

Manhã

- . Métodos de alfabetização - relato de experiências.
- . Métodos de alfabetização - os métodos sintéticos e analíticos - exposição oral.
- . O método de alfabetização adotado pelo MOBREAL - exposição oral.
- . Leitura: mecanismo e compreensão - debate em plenário a partir de duas proposições.
- . Etapas do processo de alfabetização: - apresentação e exploração do Cartaz Gerador - trabalho de grupo sobre proposições.
- . Apresentação e exploração do Cartaz Gerador - plenário e sistematização.

Tarde

- . Estudo da Palavra Geradora - trabalho de grupo.
- . Estudo da Palavra Geradora - trabalho em dupla a partir da proposição.
- . Estudo da Palavra Geradora - plenário e sistematização.
- . Estudo da Palavra Geradora - demonstração.
- . Estudo da Palavra Geradora - exposição dialogada.
- . Estudo da Palavra Geradora - trabalho de grupo com proposições.
- . Estudo da Palavra Geradora - plenário.
- . Avaliação cooperativa.

4º DiaManhã

- . Etapas do processo de alfabetização.
- . Decomposição silábica da Palavra Geradora - demonstração.
- . Decomposição silábica da Palavra Geradora - cochicho - sistematização.
- . Estudo das famílias silábicas - exposição inicial.
- . Estudo das famílias silábicas - trabalho de grupo.
- . Estudo das famílias silábicas - plenário.
- . Formação e estudo de palavras novas - simulação.
- . Formação e estudo de palavras novas - debate.
- . Formação e estudo de palavras novas - exposição oral.

Tarde

- . Formação e estudo de palavras novas - trabalho de grupo.
- . Formação e estudo de palavras novas - plenário - sistematização.
- . Formação e estudo de frases e textos - trabalho de grupo.
- . Formação e estudo de frases e textos - plenário - sistematização.
- . Avaliação.

5º DiaManhã

- . Avaliação - exposição dialogada.
- . A matemática do PAF - exposição com recursos.
- . A matemática do PAF - coleta de opiniões.
- . A matemática no PAF - exposição dialogada.

Tarde

- . A matemática no PAF - trabalho de grupo.
- . A matemática no PAF - plenário.
- . A matemática no PAF - trabalho de grupo.
- . A matemática no PAF - plenário.
- . Avaliação do dia.

6º DiaManhã

- . Avaliação do aluno do PAF - exposição dialogada.
- . Avaliação do aluno do PAF - plenário.
- . Avaliação do aluno do PAF - exposição com recurso.
- . Material complementar - exposição oral.
- . Material complementar - trabalho de grupo.
- . Material complementar - plenário.

Tarde

- . Planejamento da alfabetização em 400 horas - trabalho de grupo.
- . Planejamento da alfabetização em 400 horas - plenário e sistematização.
- . Planejamento semanal - trabalho de grupo.
- . Planejamento semanal - plenário.
- . Avaliação do dia.

7º Dia

- . Revisão das diretrizes de operacionalização do PAF em 1983.
- . Aumento da carga horária do Projeto.
- . Revisão da metodologia.
- . Material didático - exposição com recurso.
- . Estudo de outras diretrizes de operacionalização do PAF em 1983.
- . Ênfase na supervisão, privilegiando o aspecto técnico - trabalho de grupo.
- . Ênfase na capacitação, privilegiando o aspecto técnico - plenário.
- . Critério de seleção de alfabetizadores.
- . Gratificação de alfabetizadores.
- . Esforço para conveniamento PAF/PEI pela mesma entidade.
- . Organização de carga horária a critério da Coordenação.
- . Ênfase na capacitação do alfabetizador - exposição oral com recursos.
- . Avaliação e Acompanhamento do PAF - exposição oral.

Tarde livre8º DiaManhã

- . Capacitação do alfabetizador - exposição dialogada.
- . Capacitação do alfabetizador - trabalho de grupo.
- . Capacitação do alfabetizador - plenário.
- . Material para alfabetizador - ROA - trabalho de grupo.
- . Material para alfabetizador - ROA - plenário.
- . Sistematização.

Tarde

- . Planejamento da capacitação do alfabetizador - trabalho individual.
- . Avaliação - (questionário do NUPES).

## SEGUNDO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função no MOBRAL	Nº de Treinandos
SA	30
SE	3
Técnico da COORD	1
T O T A L	34

Treinandos segundo o tempo de MOBRAL:

Tempo de MOBRAL Nº de Anos	Treinandos	%
- 1	3	9
1 a 4	16	47
5 e +	15	44
T O T A L	34	100

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES  
(2º MOMENTO)

3º a 8º Dia de Treinamento

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Nas respostas a este item os treinandos foram unânimes em considerar a dinâmica de trabalho "muito boa", "clara" e "objetiva". O conteúdo foi considerado muito bom, propiciando a reflexão.

Esta classificação, feita pelos treinandos para qualificar a dinâmica dos trabalhos, parece retratar seu significado uma vez que, ela transformou aquela situação onde se trabalhava conteúdos conhecidos em um momento agradável. O que apreendemos do conjunto dos depoimentos foi que a metodologia do treinamento superou, em parte, a chamada "repetição dos conteúdos".

"Os conteúdos abordados nesta 2a. etapa do treinamento, foram bastante enriquecedores, pois os treinandos tiveram oportunidade de deixar ou cortar os que eles acham que não é do interesse da comunidade. Um ponto positivo para mim é que foram sanadas minhas dúvidas, vamos ver na prática não é mesmo? A dinâmica usada foi ótima pois foi muito bem conduzida". (4 anos de MOBREAL)

"Conteúdos abordados de maneira objetiva dando oportunidade todos de se expressarem com o objetivo de enriquecer os trabalhos". (5 anos de MOBREAL)

"Os conteúdos foram apresentados de forma clara e compreensível. Apesar de não serem novos, ficaram interessantes". (10 anos de MOBREAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

As colocações relativas à capacitação demonstraram uma não preocupação por parte dos treinandos, pois quase todos se sentiam capazes.

Nos parece que a formulação dessa questão não poderia levar a outro tipo de respostas, até porque, admitiu limitações que poderiam significar o risco, inclusive, da perda do emprego.

Do ponto de vista do avaliador, pretendemos observar este aspecto nos momentos subsequentes da nossa avaliação, ou seja, treinamento de alfabetizadores e acompanhamento das classes de alfabetização.

Também em relação a participação individual, os treinandos a consideraram "boa", sendo que muitos atribuem tal fato, mais uma, vez à própria dinâmica do treinamento ou à sua experiência anterior.

"A sistemática adotada nesse treinamento está proporcionando uma participação e reflexão minha e do grupão". (3 anos de MOBREAL)

"Penso que tenho contribuído com a minha participação e interesse para as conclusões que temos tirado dos conteúdos abordados, e sua possível adequação às nossas realidades". (4 anos de MOBREAL)

- EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

Neste item, chamou-nos a atenção o fato de grande número afirmar que as expectativas estavam sendo satisfeitas, e, imediatamente após, apontarem para suas dificuldades cotidianas, como por

exemplo, "como manter o aluno em classe", ou referindo-se à carência de recursos materiais ou ainda, à expectativa quanto a "recursos oferecidos pelo Central".

O que pudemos perceber claramente é que, efetivamente, não houve respostas aos problemas mais cotidianos. No entanto, a ambigüidade da resposta nos faz supor que o tratamento dado aos conteúdos pode ter atendido às expectativas de aprofundamento no conteúdo e na metodologia do programa.

"Colocar um programa onde o interesse não é educação, pois a situação financeira não permite este adulto estudar nem seus filhos". (4 anos de MOBREAL)

"Em grande parte. Esperava mesmo que houvesse mais abertura quanto a adaptação dos conteúdos à realidade local e em outros aspectos". (5 anos de MOBREAL)

"Quando fui convocada para o treinamento pensei que seria uma metodologia nova, material novo, enfim coisas que ainda não conhecia. No início do treinamento já estava preparado para não gostar e não participar. Com o desenrolar dos assuntos percebi que apesar de ser coisas que eu já conhecia, elas vinham muito mais enriquecidas e comecei a gostar e participar". (10 anos de MOBREAL)

"Muitas expectativas sobre conteúdos foram atendidas. Mas o sufoco continua. Como levar a clientela para as salas de aula?". (3 anos de MOBREAL)

"Em termos. Porque como vamos lidar com pessoas, o nosso sucesso será alcançado à medida em que atingirmos o interesse da clientela". (8 anos de MOBREAL)

"Sim, foram atendidas quanto ao conteúdo a carga horária e ao repasse". (1 ano e meio de MOBREAL)

#### - DIFICULDADES

No que se refere ao item dificuldades, muitos afirmaram não tê-las encontrado ou simplesmente não responderam. No entanto, muitos expressaram suas preocupações com o trabalho de campo, ou melhor, com a viabilidade da proposta.

Retomamos aqui as respostas ao item capacitação onde a maioria considerou-se apta. Esta coerência nas duas questões nos faz pensar que, do ponto de vista da aquisição dos conteúdos e da metodologia, os treinandos sentem-se realmente capacitados para o seu repasse.

No entanto, quando manifestam sua preocupação com a viabilidade da proposta, expressam também no item sobre expectativas, referem-se às outras áreas de sua atividade de supervisores, isto é, mobilização, supervisão às classes etc.

Na verdade, a grande questão gira em torno da manutenção do aluno em classe e, segundo seus próprios depoimentos, se "já não tinham resposta para a dificuldade de segurar o aluno com o programa de cinco meses, como isto será possível em um programa de oito meses de duração." (Anotações do Diário de Campo)

Os depoimentos que reproduzimos dão conta dessa inquietação:

"Como levar e segurar o aluno em classe. Como conseguir bons alfabetizadores com uma gratificação tão pequena". (10 anos de MOBRAL)

"As dificuldades eu penso que sô poderei detectar na aplicação lá nos municípios. Me questiono: Serã que tudo isso é realmente aplicãvel?". (9 anos de MOBRAL)

"Estou muito preocupada quanto ao manter o aluno em classe, pois sabemos que temos o analfabeto e que ele não quer ir para a escola". (3 anos de MOBRAL)

"Penso que vou encontrã-las quando da implantação do programa nos municípios, em relação ao educando, conscientizã-lo e mantê-lo em sala de aula enquanto durar o programa". (4 anos de MOBRAL)

#### - CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

Da mesma forma que no primeiro questionário, as críticas e sugestões mais freqüentes referem-se à duração do treinamento, com "menor carga horária" e ao período do treinamento, "muito próximo das fêrias".

Com efeito, neste segundo momento de avaliação houve uma mudança de tom nas respostas, na medida em que os treinandos não mencionaram questões relativas ao conteúdo e concentraram suas críticas nos aspectos mais práticos.

Este fato não parece reproduzir um intimidamento por parte dos supervisores em relação à Coordenação pois, em diferentes momentos do treinamento e em outros itens desse instrumental, eles colocaram suas preocupações e críticas com bastante clareza.

"Quanto a duração de todo o treinamento. O período de férias antecede ao encontro, isto deixou os municípios um pouco sem assistência, e o pessoal quer o supervisor lá, no momento de tantas mudanças". (1 ano e seis meses de MOBRAL)

"Os treinamentos deveriam ser mais curtos, pois quando ficamos muito tempo fora da área o trabalho estrangula. Principalmente nesta época de mobilização". (10 anos de MOBRAL)

"Treinamento de difícil acesso e gastos excessivos logo após as férias". (4 anos de MOBRAL)

Neste segundo momento de avaliação percebemos uma coerência nas respostas entre os diferentes itens, existindo também coerência com as respostas dadas no primeiro momento de avaliação, embora tenhamos percebido claramente uma mudança na tônica das preocupações dos treinandos.

Se, no primeiro momento, suas considerações centraram-se nas questões relativas ao conteúdo, no segundo momento elas passaram a apontar mais para as dificuldades encontradas no trabalho de campo, manifestando assim uma preocupação quanto à viabilidade da Proposta de Educação Supletiva.

Esta questão foi abordada muito vagamente pelos treinandos, e, nos momentos em que ela foi colocada mais claramente, apontava para as dificuldades cotidianas.

Finalizando, apontamos outro aspecto levantado pelos treinandos que diz respeito à duração do treinamento e a questão relativas ao cansaço e aos custos. Vale lembrar que o treinamento estava no seu oitavo dia, e os supervisores ainda teriam 10 dias de treinamento.

PROGRAMAÇÃO DOS DOIS ÚLTIMOS DIAS DE TREINAMENTO9º Dia

- . Planejamento da Capacitação do alfabetizador - trabalho individual.

10º Dia

- . Continuação do Planejamento.
- . Encerramento do Treinamento do PAF.
- . Apresentação dos treinadores para o Treinamento do Prê-Escolar.

Esta parte do treinamento teve como objetivo a elaboração individual, por parte dos SA, do plano de capacitação dos alfabetizadores.

Para este trabalho eles utilizaram todo o material do treinamento.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO E DO  
DIÁRIO DE CAMPO

A observação do treinamento de supervisores nesta Coordenação levantou algumas questões relativas, não sō ao próprio treinamento e sua dinâmica, mas também ao tratamento dado às dificuldades encontradas no campo, ou seja, como sōo vividas e como sōo refletidas.

Com relação ao treinamento, o aspecto consensual ē de que o conteúdo, apesar de jā ser conhecido, foi apresentado de forma interessante.

Alēm disso, observamos que as menções ao treinador, em todas as modalidades de avaliação realizadas no treinamento, sempre foram muito positivas e, muitas das vezes percebíamos que os treinandos identificavam treinador e dinâmica, numa fusão.

Um bom exemplo disso que observamos, foi a avaliação do primeiro dia de trabalho cuja proposta era verificar se os objetivos previstos na programação daquele dia haviam sido atingidos.

Dos 36 treinandos, 35 afirmaram que os objetivos foram alcançados apresentando as seguintes justificativas:

- "assuntos bem abordados
- sistematizações claras
- levar ā reflexão
- deu condições de participação
- objetivos bem elaborados e questionados com clareza e segurança
- técnicas adequadas
- objetivos correspondem às expectativas do grupo
- participação do grupo esclarecendo dūvidas
- tempo bem cronometrado
- conclusões satisfatōrias

- reforço ao encontro anterior
- o último objetivo não foi trabalhado".

(Anotações do Diário de Campo)

Esses fatos que relatamos puderam ser confirmados em outros momentos do treinamento. No 4º dia, por exemplo, ao serem solicitados para fazer uma auto-avaliação, os treinandos associaram a imagem do treinador à dinâmica do treinamento, sempre muito positivas.

Se considerarmos todos os tipos de avaliações efetuadas no treinamento, a recorrência quanto aos pontos positivos se situará em torno da pessoa do treinador, da dinâmica e da "abertura".

Nossas observações nos fazem supor que poderíamos acrescentar aí a questão do conteúdo, pois, este treinamento tinha o objetivo explícito de aprofundar os conteúdos do PAF, o que efetivamente ocorreu.

Na verdade, nos dois primeiros dias foram trabalhadas questões conceituais, tais como, o adulto, a alfabetização e a alfabetização no MOBREAL. Nos seis dias subsequentes os trabalhos centraram-se no conteúdo específico do programa.

Ficou muito claro para nós que, ao elaborar-se a programação do treinamento, havia uma preocupação não apenas em treinar os alfabetizadores na metodologia do PAF para garantir um bom repasse aos alfabetizadores, mas principalmente em refletir sobre as questões conceituais e conhecer exaustivamente o conteúdo do PAF.

Lembramos, ainda, que os treinandos eram supervisores de área, cuja atividade é extremamente diversificada. Este fato deve ser considerado pois, mesmo que o supervisor tenha muito tempo no MOBREAL, faz-se necessário retomar os conteúdos do programa e não transformar o treinamento em apenas um repasse da metodologia.

A COORD "C" parece ter atingido esse objetivo, e alguns depoimentos refletem bem isso:

"Trata-se de uma revisão com enriquecimento — muito bom esse trabalho".

"Nunca vi treinamento do PAF tão esmiuçado como esse".

"O treinador também ajuda a gente, dá abertura para a gente ter coragem de participar".

"Estamos tendo muita abertura em todos os grupos".

(Anotações do Diário de Campo)

Outro aspecto importante apresentado por este treinamento refere-se à "abertura".

Esta "abertura" assumiu diferentes conotações, pois, em alguns momentos representou a abertura metodológica, ou seja, referia-se ao desempenho do alfabetizador em classe. Em outros momentos, a "abertura" era usada para ilustrar a possibilidade de discutir, amplamente, os problemas vividos na prática.

"Vai melhorar não em termos de conteúdo e metodologia, pois isso a gente ouve quando entra no MOBREAL - vai melhorar na abertura".

"Desde ontem estamos sentido que o MOBREAL está dando uma abertura muito grande ao supervisor e ao alfabetizador".

(Anotações do Diário de Campo)

É importante destacar, o antagonismo de opiniões gerado durante e no final do treinamento em relação ao chamado "treinamento da abertura". No decorrer dos trabalhos, os treinandos elogiaram o treinamento, a possibilidade de discutir todos os assuntos e, ao final, concluíram que apesar da "abertura" para a discussão, os problemas cruciais do dia-a-dia do trabalho do supervisor em campo não obtiveram respostas e soluções.

Neste sentido, observamos que o treinamento não só permitiu como estimulou a discussão e reflexão sobre o Projeto de Alfabetização Funcional, no que diz respeito ao conteúdo e à metodologia, com um detalhamento minucioso de todos os passos. No entanto, a grande expectativa parecia estar centrada na busca de respostas para os problemas do cotidiano vividos pelos supervisores. Alguns dos problemas mencionados são do conhecimento da Organização, não se constituindo em novidade.

De qualquer maneira, uma questão se coloca de imediato, com respeito a validade de uma ênfase na capacitação sem tentar estabelecer uma ligação com a realidade.

Na verdade, alguns depoimentos deixaram transparecer a idéia de que "foi ótimo mas não vai mudar o meu trabalho".

No 89 dia de treinamento, os técnicos da Coordenação propuseram ao grupo uma discussão sobre o atendimento das expectativas.

A seguir transcrevemos trechos dessa discussão onde estas questões aparecem com muita clareza:

"Treinador — Este treinamento aqui está respondendo às indagações de vocês?

SA — Como troca de experiências está ótimo. Mas como resposta a algumas dúvidas não está adiantando.

Treinador — D. (Nome) quando a senhora chegar lá o que este encontro vai mudar no seu trabalho?

SA — Está sendo muito bom, a troca é muito boa, agora não vai mudar muito o meu trabalho.

Treinador — Na prática em que isso vai mudar?

SA — Na prática, eu acho assim, não vai melhorar porque eu vou pegar municípios novos e isso vai atrapalhar o trabalho. Estou muito preocupada.

SA — Em alguma coisa, mas com essa gratificação não dá para ter bons alfabetizadores.

SA — Outra coisa, a gente não precisa ficar muito preso ao material.

SA — Outra preocupação é o que significa a educação - o que representa na melhoria da vida das pessoas. Tenho medo de não conseguir segurar esse aluno em classe.

Ouvir a clientela com a qual vamos trabalhar.

Treinador — Como vai ser isso? Vai ser possível?

SA — Antes a gente não ouvia porque não tinha tempo. (...)

Treinador — É porque está havendo tanto investimento, pensando, refletindo etc.

SA — A gente tem que ter a humildade de tentar alguma coisa que não dê certo. Há pessoas que não falam porque têm medo. Nós não gostamos de ser combatidos! Existem vários fatores que interferem no trabalho da gente" (...)

(Anotações do Diário de Campo)

Outro aspecto observado no treinamento diz respeito ao fato de ser apenas um técnico o encarregado do repasse dos diferentes conteúdos. Nesta Coordenação tentaram amenizar este problema com revezamento de técnicos da Coordenação em função dos temas.

Mesmo assim, pôde-se observar uma queda no ritmo do trabalho na apresentação do tema matemática, que foi trabalhado com muita rapidez, o que não suscitou qualquer tipo de reflexão ou questionamento.

O trabalho girou basicamente em torno da leitura do material (Bloch e ROA), com eventuais comentários sobre se: é "bom" ou "ruim", sem maior aprofundamento. Esse tipo de dinâmica prejudicou muito a participação.

## CONCLUSÃO

Os resultados obtidos através da aplicação do instrumental de avaliação, e a nossa observação do treinamento, foram complementares.

Efetivamente, podemos afirmar que o treinamento na Coordenação "C" conseguiu capacitar os supervisores de área no conteúdo e metodologia do Projeto de Alfabetização Funcional, tendo inclusive, suscitado a discussão em torno da clientela e do conceito de alfabetização.

No entanto, essa reflexão apresentou algumas limitações na medida em que não fez a ligação entre a discussão teórica e a realidade de campo, ou melhor, os problemas políticos e administrativos. É importante que se faça a ressalva quanto a que realidade estamos nos referindo, pois, esta coordenação teve o cuidado de produzir um audiovisual sobre o adulto, numa tentativa bem sucedida de embasar suas discussões teóricas, apresentando de maneira muito adequada a realidade social onde se dá a ação do MOBREAL.

Assim sendo, percebemos que a lacuna maior, talvez esteja muito mais na dificuldade verificada neste treinamento de responder às questões mais práticas levantadas pelos supervisores.



COORDENAÇÃO "D"Introdução

O treinamento foi realizado num local afastado da Coordenação, num Centro de Treinamento, no qual os participantes ficaram em regime de internato. Quando o treinamento do PAF teve início, os treinandos já se encontravam trabalhando há cerca de 8 dias, na área de supervisão e administração.

A jornada do treinamento foi de 8 horas diárias, durante seis dias, sendo que em dois dias os trabalhos só aconteceram até a hora do almoço.

O grupo era formado de 42 SA, 6 SE, 6 técnicos da área fim, 9 monitores de acompanhamento e 5 técnicos da Secretaria de Educação. O Coordenador e o Adjunto, eventualmente, assistiam ao treinamento. Do MOBRAL Central, mais especificamente da DISUP, foram, como treinadores, dois técnicos.

Antes do treinamento já havia um certo descontentamento por parte da Coordenação, em relação à programação do treinamento. A Coordenação já havia feito uma reunião com os SA, após o Encontro de ENPEC no Rio de Janeiro, quando foi repassada a nova proposta. A equipe da Coordenação alegou que os SA já estavam preparados para treinar o pessoal de campo, e o que eles precisavam era de uma capacitação operacional.

Diante dessa situação e, ainda, levando-se em consideração as reivindicações dos participantes, a programação foi reformulada, a partir do terceiro dia de treinamento, pelos

treinadores e pelo RESUP, optando-se por um desenvolvimento mais prático dos trabalhos. Nesse momento, o grupo de participantes, único até então, foi dividido em dois, ficando um treinador e um representante da Coordenação responsáveis por cada grupo. Os representantes eram o RESUP e o ENSUP.

As técnicas e recursos utilizados com mais frequência para o desenvolvimento dos trabalhos foram: exposição, trabalho em grupo, discussões, plenário, vivência. Foram, ainda, utilizados recursos, tais como, apostilas e transparências.

A proposta de avaliação do PAF, formulada pelo NUPES, foi apresentada, primeiramente, a alguns técnicos da Coordenação presentes no treinamento, depois, detalhadamente, ao Coordenador Adjunto e equipe e, por último, aos treinandos. A equipe da Coordenação considerou importante a proposta e se colocou aberta para a discussão com o NUPES a fim de decidir que forma de avaliação poderia ser realizada naquela Coordenação.

No que se refere aos treinandos, estes ouviram a proposta do NUPES sem muitos questionamentos, o que demonstrou uma certa falta de interesse pela proposta. Porém, no decorrer do treinamento, muitos se mostraram receptivos a colaborar com o trabalho.

O instrumental de avaliação (questionário do NUPES) foi distribuído aos participantes, uma só vez, no quarto dia de treinamento. No momento em que o questionário foi entregue aos treinandos, explicou-se que deveria ser devolvido logo após o seu preenchimento. Entretanto, devido à polemização sobre as propostas apresentadas no treinamento, percebeu-se que o questionário ficou secundarizado, tendo sido devolvido apenas no final do treinamento, apesar de ter sido solicitado várias vezes pelo observador. Desta forma, o questionário não pode ser distribuído em dois momentos diferentes.

Com as mudanças ocorridas no projeto de avaliação, prevalecendo a abordagem de acompanhamento do PAF em apenas três Coordenações, o trabalho na Coordenação "D" não terá continuidade, já que a proposta que incluía esta COEST foi desativada. (\*)

---

(\*) Ver Capítulo 2 - Introdução

## PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO

1º Dia

- . Apresentação.
- . Levantamento de expectativas.
- . Divisão dos grupos para o processo de treinamento - ANIMAÇÃO; ORGANIZAÇÃO e AVALIAÇÃO - (divisão feita pelos próprios participantes).
- . Discussão com o grupo sobre o treinamento.

No 1º dia o treinamento sō ocorreu na parte da manhã, porque era sãbado e os participantes pediam para que fossem liberados na hora do almoço, jã que estavam trabalhando hã dez dias seguidos.

Domingo: não houve treinamento.

2º Dia

- . Fundamentos Bãasicos da estruturação do MOBREAL.
- . Proposta de Educação Supletiva.
- . Caracterização da clientela adulta - trabalho de grupo/exposição. Foram trabalhados os textos "Aprendizagem do adulto", Maria do Socorro Jordão Emerenciano e "A situaçãõ educacional pelas tabulações avançadas, do censo demogrãfico de 1980", Sergio Marinho Barbosa.
- . Apresentação do Censo 80.
- . Avaliação oral.

3º Dia

- . Discussão do documento sobre Diretrizes para o PAF.
  - . Apresentação dos mētodos de alfabetização, uso de cartazes/transparências.
  - . Exercício de ficación - Palavras Geradoras - trabalho em grupo.
- Avaliação - escolha de um adjetivo para cada um dos seguintes itens:

1. Conteúdos abordados
2. Sistematização dos assuntos discutidos
3. Material de apoio utilizado
4. Técnicas de apresentação
5. Desempenho dos treinadores
6. Participação do grupo.

Após essa avaliação, houve uma grande discussão entre os treinadores e o grupão, donde buscou-se mudar a dinâmica dos trabalhos.

#### 4º Dia

- . Discussão com o grupo.
- . Leitura de texto sobre "O ato de estudar".
- . Regionalização do material didático.
- . Início do planejamento de 400h - Trabalho de grupo.
- . Avaliação do dia.
- . Entrega do questionário do NUPES.

#### 5º Dia

- . Continuação do Planejamento de 400 horas.
- . Montagem do plano de alfabetizadores.
- . Seleção de conteúdos/seleção de material.
- . Vivência.
- . Avaliação.

#### 6º Dia

- . Apresentação dos planos elaborados, discussão e análise em plenário. O treinamento de PAF terminou pela manhã.
- . Avaliação.

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função do MOBRAL	Nº de Treinandos
SA	29
SE	1
MA	3
Técnicos da COORD	4
Sem informação	6
T O T A L	43

Treinandos segundo tempo de MOBRAL:

Tempo de MOBRAL Nº de Anos	Treinandos	%
- 1	7	16
1 a 4	24	56
5 e +	12	28
T O T A L	43	100

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES

APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Neste item do questionário, a maioria das colocações por parte dos treinandos foi muito vaga. No que se refere ao conteúdo, eles se limitaram a responder "regular", "bom", "rico", "bem explorado", "pequeno aprofundamento", "válido para repasse", etc. Isto não nos permitiu ter uma visão mais ampla sobre o significado, para este grupo de treinandos, do conteúdo apresentado durante a capacitação.

Quanto à dinâmica e forma de apresentação, eles também foram, de modo geral, bastante lacônicos, sem muito comprometimento com a avaliação, sendo "regular" o termo utilizado com maior frequência. Alguns limitaram-se a relacionar as técnicas utilizadas no treinamento. As críticas explicitadas foram "confuso", "monótono", "exposição muitíssimo detalhada", "faltou sistematização", estas referindo-se, sobretudo, ao início da capacitação. Alguns treinandos fizeram colocações relativas à prática da reflexão, estimulada durante o treinamento. A maioria destas se referia à falta de costume na utilização desta prática em treinamentos.

"Quanto o aprofundamento de conteúdo e forma de apresentação foi regular".  
(1 ano de MOBREAL)

"Foi bom trabalhar com liberdade verificando onde devíamos aprofundar mais os conteúdos".(6 anos de MOBREAL)

"Foi bom; a dinamica e forma de apresentação foi regular". (6 anos de MOBRAL)

"Pelo que foi exposto, notei que o conteúdo é rico e que dará abertura para o trabalho". (6 anos e meio de MOBRAL)

"Foi válido, para melhoria do repasse do treinamento para os alfabetizadores". (9 anos de MOBRAL)

"Foi bom. Gostei da dinâmica e da forma de apresentação". (8 anos de MOBRAL)

"A dinâmica e forma de apresentação foi regular". (6 anos de MOBRAL)

"Bom, mas confuso". (4 meses de MOBRAL)

"Forma de apresentação muitissimo detalhada, o que acaba tornando os assuntos monótonos". (4 meses de MOBRAL)

"Os conteúdos deram oportunidade de aprofundamento e reflexão, certos assuntos no entanto foram prejudicados por falta de sistematização, devido a forma de apresentação". (2 anos de MOBRAL)

"A dinâmica e forma de apresentação, usada nos colocou para refletir, deixando-nos confusos, preocupados porque não estávamos acostumados a essa forma de capacitação, que foi boa porque tirou de nós o real para nosso trabalho". (5 anos de MOBRAI.)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

Mais da metade dos treinandos se considerou, ao término da capacitação, em "boas condições", "com segurança" ou "sem dificuldades" para o repasse do conteúdo. Entre os demais, havia os que diziam que "na maneira anterior" de repasse não tinham dificuldades enquanto que "na maneira de repasse atual" sentiam-se de modo "regular". Outros alegaram precisar mais preparo e alguns recém-admitidos no MOBRAI se declararam "inaptos" para o repasse.

"Vejo o repasse com mais segurança, tendo agora conhecimento da extensão e a importância dos mesmos".  
(6 anos e meio de MOBRAI)

"Quanto a capacitação anterior não há dificuldades, mas em relação a nova capacitação tem algo a desejar, ficando com a possibilidade de repasse regular". (1 ano de MOBRAI)

"Não temos dificuldade quanto a maneira anterior mas a maneira do repasse atual está regular". (6 anos de MOBRAL)

"Terei que me preparar mais quanto aos conteúdos porque muito ficou superficial".  
(5 anos de MOBRAL)

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO ( participação, reflexão e crítica)

A grande maioria dos treinandos afirmou ter tido uma "boa" participação no treinamento, sobretudo nos trabalhos de grupo. Alguns queixaram-se da falta de sistematização nos trabalhos, o que reforça a mesma crítica já explicitada no item "aprofundamento do conteúdo".

"Minha participação foi boa participei dos trabalhos de grupo". (4 anos de MOBRAL)

"Bom, participei muito tirando minhas dúvidas e acredito ajudando com alguma contribuição, eu só consigo uma compreensão total debatendo com o grupo".  
(4 anos de MOBRAL)

"Participei em todos os trabalhos. Refleti em cima das dificuldades. A treinadora tem que ficar mais atenta para a sistematização, para o fechamento".  
(3 anos de MOBRAL)

- EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

A quantidade de treinandos que diziam ter suas expectativas atendidas foi, praticamente, a mesma que a dos que consideravam-se não atendidos. Os que diziam-se atendidos não colocaram quais eram suas expectativas, apenas alguns atribuíram o atendimento delas ao fato de terem saído do treinamento com "um planejamento para o PAF de 400 horas". Entre os que não se consideraram atendidos, observou-se que a expectativa mais freqüente era de que houvesse "mudanças bem maiores no PAF", sobretudo no que se refere ao material didático.

"Das minhas expectativas foram atendidas pois no final do treinamento saímos com um planejamento para o PAF de 400 horas". (1 ano de MOBRAL)

"Notícias de mudanças sempre gera grandes expectativas. Com a mudança da Área Supletiva, esperava grandes novidades. E o curso não atendeu minhas expectativas no sentido de

grandes mudanças operacionais".  
(10 anos de MOBRAL)

"Esperava que fosse assuntos diferentes que teria havido mudanças bem maiores para o PAF. Mas mesmo assim o que vimos, as pequenas mudanças foram válidas".  
(9 anos de MOBRAL)

"A minha expectativa maior era quanto ao material que não mudou, mas vimos várias formas de adequações". (4 anos de MOBRAL)

"Esperava receber uma programação pronta para ser repassada, quebrei a cara, mas foi bom, pois com o trabalho realizado pude perceber o quanto o trabalho foi melhor, mais rico, montado por nós".  
(3 anos e meio de MOBRAL)

#### - DIFICULDADES

Metade dos treinandos alegou não ter sentido dificuldades durante o treinamento. Quanto à outra metade dos treinandos, as dificuldades apontadas mais freqüentemente foram relativas aos problemas para entender o conteúdo abordado, sobretudo no início do treinamento e na discussão do tema relacionado à palavra geradora. A primeira, provavelmente, tem relação com as críticas já feitas, por alguns treinandos,

no item "aprofundamento do conteúdo", onde qualificaram o conteúdo como "confuso" e "monótono", assim como com as críticas relacionadas ao detalhamento excessivo na apresentação deste conteúdo e da falta de sistematização.

Outras dificuldades apontadas referem-se à falta de material de apoio e ao cansaço dos participantes.

"De entender como estava sendo conduzido o treinamento".  
(9 anos de MOBREAL)

"No início de entender os conteúdos abordados, que estavam muito confusos".  
(6 anos de MOBREAL)

"Em entender as proposições propostas pelo treinador".  
(3 anos e meio de MOBREAL)

"No uso dos temas usados depois da Palavra Geradora e também se é para apresentar ou não o cartaz".  
(6 anos de MOBREAL)

"No uso do tema apresentado depois da Palavra Geradora. Apresenta ou não apresenta. Usa os passos ou não usa". (3 anos de MOBREAL)

- CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

As críticas e sugestões foram, quase todas, relativas ao material de apoio utilizado no treinamento, considerado insuficiente pelos treinandos. Alguns treinandos também deram sugestões para o "aperfeiçoamento" do material do PAF.

"Que outros treinamentos não falte materiais de apoio, pois isto acarreta dificuldades no acompanhar, no entender e no repassar o treinamento depois".  
(4 anos de MOBRAL)

"As apostilas e folhetos não foram o suficiente para todos e que no entanto teremos que repassar utilizando-as".  
(3 anos e meio de MOBRAL)

"Mudança no material do PAF para atender 400 h com mais palavras e exercícios de fixação para cada família silábica". (10 anos de MOBRAL)

"No material do PAF deveria ocorrer mudanças e adaptá-lo para o trabalho de 10 meses".  
(5 anos de MOBRAL)

A análise do material coletado através do "questionário do NUPES", na Coordenação "D", foi feita em apenas um momento, uma vez que este instrumental foi distribuído uma única vez, no quarto dia de treinamento, por motivos já expostos anteriormente.

O questionário foi preenchido por apenas 43 dos 68 treinandos. Destes, mais da metade, ou seja, 56% tinham entre 1 e 4 anos de MOBRAL, 28,0% tinham mais de 5 anos e 16,0% menos de 1 ano.

De acordo com as respostas contidas no "questionário do NUPES", observou-se que, grande parte dos treinandos mostraram-se reticentes com relação ao treinamento, qualificando-o de "regular" e "razoável", ainda que um número relativamente significativo deles tenha demonstrado satisfação.

No entanto, em ambos os casos, pode-se dizer que:

- Muitas das críticas feitas pelos treinandos referiam-se ao início da capacitação (\*) e ressaltavam que houve uma melhoria no decorrer do treinamento;
- os treinandos esperavam mudanças mais significativas no PAF, sobretudo no que se refere ao material didático, alguns sugerindo, inclusive, adaptações para o atendimento das 400 horas previstas na Proposta Transitória;

---

Cabe lembrar que a programação do treinamento foi alterada pelos treinadores e pelo RESUP, a partir do terceiro dia, buscando-se uma linha de trabalho mais voltada para o lado operacional.

- para muitos, o conteúdo do treinamento ficou pouco claro, a exposição foi muita detalhada e faltou sistematização.

Finalmente, cabe ressaltar que os treinandos, com raras excessões, responderam todos os itens do questionário, sendo que, em muitos casos, as respostas eram bastante lacônicas. Observou-se que, após uma crítica negativa, os treinandos procuravam em seguida amenizá-la com outra positiva, provavelmente, resguardando-se de qualquer "comprometimento", característico da avaliação escrita. Houve casos de cópia de respostas, porém, não muito significativos.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO  
E DO DIÁRIO DE CAMPO

Os técnicos da Coordenação já conheciam a programação do treinamento, elaborada pelo MOBRAL Central, e fizeram algumas restrições a ela. Chegaram a enviar um telex para o MOBRAL Central pedindo que os trabalhos fossem desenvolvidos numa "linha mais prática".

Consideraram extremamente necessária a discussão com os dois técnicos do MOBRAL Central, a fim de mudar "substancialmente" essa programação. A Coordenação argumentava sobre a necessidade de um treinamento operacional, que respondesse as dúvidas dos supervisores e os estimulasse para o trabalho de campo durante este ano.

"O pessoal já sabe treinar,  
fazem isso há anos. Eles  
querem é novas técnicas."

(Anotações do Diário de Campo)

Pelo que se pôde observar, as "novas técnicas" que a Coordenação considerava como necessitadas pelos treinandos, estavam ligadas a essa parte de operacionalização, citada anteriormente.

Este desejo de mudar a concepção do treinamento, também foi expressado pela grande maioria dos treinandos (SA e SE), desde o início dos trabalhos. Nos corredores era comum ouvir-se as seguintes colocações:

"Está muito cansativo."  
"Tô perdendo o meu tempo."  
"Que horas são?"  
"Será que não vai mudar?"

(Anotações do Diário de Campo)

Nos primeiros três dias de treinamento, a dispersão foi muito grande. Dentro da turma, em pleno exercício de treinamento, viam-se algumas pessoas dormindo, outras lendo jornal, revistas, conversando, fingindo estar dormindo e fazendo zombarias entre si. O treinamento estava muito expositivo e os treinadores falavam a maior parte do tempo, ou liam-se textos e/ou documentos.

Quando os participantes eram abordados pelos técnicos do MOBREAL Central que questionavam a falta de motivação, o grupo respondia que já conhecia tudo que estava sendo colocado e que "não tem nada de novo". Esta postura de insatisfação foi marcada logo no primeiro momento de treinamento, onde o objetivo era realizar uma reflexão mais aprofundada sobre a Proposta de Educação Supletiva.

Dentro do grupão, era clara a existência de subgrupos formados, principalmente, por supervisores de áreas próximas entre si. Ou seja, os supervisores dessas áreas próximas tendiam a uma aproximação maior devido ao conhecimento que já mantinham anteriormente.

Alguns grupos se mostravam mais ligados à equipe da COORD e outros sensivelmente em "oposição" às propostas da Coordenação. Porém, observou-se que esta postura manifestou-se mais por motivos pessoais. Algumas propostas feitas por certos técnicos da Coordenação eram imediatamente criticadas por alguns grupos, enquanto outros as apoiavam, elogiando-as.

A única questão consensual no grupo, ou seja, o que mantinha a unidade do grupo, era a insatisfação em relação ao treinamento.

"Isso a gente já faz há muito tempo."

(Anotações do Diário de Campo)

A propósito desta frase, podemos perceber que ela apareceu em quase todos os contextos, durante o treinamento. O que permite levantar-se a hipótese de que: já que tudo era conhecido há muito tempo, através da experiência anterior, subjetivamente o que os treinandos sentiram é que o treinamento não trazia nada de novo:

"ah! isso a gente já sabe"

(Anotações do Diário de Campo)

É importante ressaltar que quando o treinamento do PAF teve início, os SA/SE e a equipe da Coordenação já estavam em regime de internato, recebendo treinamento em outra área, há oito dias, o que provocou reclamações quanto à "longa duração do treinamento", principalmente por parte dos treinandos vindos do interior do estado.

A princípio, não houve uma boa receptividade no contato pessoal entre treinandos e treinadores, já que a proposta do treinamento não agradou aos primeiros. O grupo se mostrou questionador e bastante crítico. Nos primeiros momentos, a crítica foi tão enfática que o grupo responsável pela avaliação diária, ao final do 3º dia de treinamento, elaborou algumas questões "para reflexão". Essa atitude se deu, uma vez que esse grupo considerou que as críticas estavam virando agressões aos treinadores e a alguns colegas.

"Precisamos ficar atentos.

Muitas pessoas estão fazendo suas avaliações apenas se baseando nos comentários dos corredores e até mesmo nas conversas paralelas. Até que ponto estamos contribuindo para esta confusão?"

(Anotações do Diário de Campo)

As questões para reflexão colocadas para os treinandos foram as seguintes:

- "1. O nosso comportamento está condizente com o que sentimos?
2. Estamos conscientes do que queremos?
3. Viemos com o objetivo de sermos capacitados, estamos contribuindo para que isto aconteça?
4. Estamos assumindo nosso papel de supervisor? E a nossa ética profissional onde fica?"

(Anotações do Diário de Campo)

A partir dessa discussão, os treinadores reajustaram a proposta às reivindicações da Coordenação e do grupo, ou seja, aceleraram o segundo momento de treinamento, que se ocupava, principalmente, da parte operacional. Com isso, o contato pessoal melhorou bastante e houve uma aproximação efetiva, ou seja, o grupo começou a confiar mais nos dois técnicos do MOBREAL Central, convidando-os, inclusive, para sair informalmente, entrar nas brincadeiras e, até mesmo buscando conhecê-los mais intimamente.

Analisando a avaliação feita pelo grupo, diariamente, pudemos perceber a mudança ocorrida na forma de tratamento. Nos primeiros dias o grupo caracterizou o treinamento, através desta avaliação, de "maçante"; "uma bobagem"; "apesar dos treinadores se esforçarem bastante, o treinamento tem sido muito ruim"; "está muito confuso". Após as alterações na programação, notou-se uma mudança sensível nas opiniões: "melhorou consideravelmente"; "agora tá bem mais produtivo".

Estas alterações na programação se deram, basicamente, com o objetivo de atender as reivindicações no sentido de que o treinamento fosse mais "operacional" e não "reflexivo".

Embora satisfeitos com as mudanças na dinâmica do treinamento, os treinandos continuavam reclamando em relação a proposta do PAF, que não havia atingido as expectativas previstas.

Esta operacionalização significava novas alternativas para o desenvolvimento dos trabalhos e respostas às dúvidas dos treinandos. Houve um interesse muito grande pelos trabalhos de inserção de novas palavras, sobre quadro silábico e sobre planejamento de 400 horas.

Tentando resgatar o que o grupo considerou como operacional no treinamento, através do discurso, selecionamos as seguintes frases:

"Agora está melhor, tá mais prático."

"É bom estar se trabalhando em grupo."

"A vivência do que teremos que fazer é ótima, dá experiência."

"Hoje foi muito bom, porque trabalhamos em grupo e fizemos muitos exercícios entre os quais poderemos utilizar com o ensino para os alfabetizadores, em campo."

(Anotações do Diário de Campo)

A reflexão era proposta a partir da leitura dos documentos, na maioria dos casos, o que causava desânimo no grupo.

Sobre o que seria o "reflexivo", o grupo se expressou dessa forma:

"Eu acho muito monótono  
ficar lendo esses  
documentos."

"Por que a gente não divide  
o grupo e trabalha com  
exercícios?"

"Essa metodologia é muito  
difícil de se trabalhar."

"Queremos saber como prender  
os alunos na sala de aula,  
dessa forma não vamos resolver  
o nosso problema."

(Anotações do Diário de Campo)

Através dos trabalhos de grupo, os treinandos participavam mais ativamente. Nos grupos pequenos, a maioria se posicionava, lançava novas idéias e contribuía na discussão. Em plenário, a participação se restringia muito. No geral, a participação efetiva nas discussões aparecia quando o tema em debate estava ligado diretamente ao fazer dos treinandos. Ou seja, ligado à experiência de cada pessoa. Como exemplo, podemos citar a discussão polêmica que houve, a partir da colocação do tema "Abertura para utilização de outros métodos". A treinadora perguntou ao grupo sobre a experiência dos alfabetizadores de suas áreas com outros métodos. Imediatamente, todos queriam contar suas experiências e o que achavam da nova proposta.

Desta forma, pôde-se perceber que os momentos de reflexão aconteceram, principalmente, a partir do fazer de cada um e não da proposta de reflexão através de textos e exposições. A reflexão ocorreu a partir da experiência no trabalho e da participação na vida social.

Outro fato que confirma o que foi dito acima ocorreu quando o treinador distribuiu um documento sobre o conceito de adulto "para refletirmos", conforme previsto na programação. Todos leram atentamente, dividiram-se por grupos e, ao final, responderam a proposição "o que é ser adulto?" As respostas, na sua maioria, foram copiados do texto com pequenas mudanças. Nos grupos, não houve discussões e sim uma preocupação de responder conforme o documento, como se tivessem que escrever o que o "MOBRAL gostaria de ler".

No treinamento, houve dois tipos de discursos por parte dos treinandos. Um discurso, ao qual chamáramos de "oficial", onde estes diziam-se satisfeitos, capacitados e interessados. Este discurso aparecia em momentos de avaliação nos quais cada treinando pudesse ser identificado, ou em perguntas diretas.

No outro discurso observado, que chamáramos de "informal", os treinandos expressavam, de modo geral, a sua insatisfação através de colocações durante o treinamento, não diretamente relacionadas a este assunto, cochichos, conversas nos corredores e quando reclamavam espontaneamente das propostas. Esta diferença de opiniões entre os dois discursos, demonstrou, principalmente, a falta de credibilidade em um treinamento sem novidades, já que "tudo continua a mesma coisa".

Houve, entretanto, uma convergência desses discursos, ou seja, tanto no "oficial" quanto no "informal", os treinandos não consideraram que houve grandes mudanças no PAF. A única transformação concretamente percebida foi o aumento de carga horária, já que a abertura para novos métodos de alfabetização foi considerada como legitimação de uma prática já existente nas classes de alfabetização do MOBRAL.

"Esta prática já existe há  
muito tempo entre os  
alfabetizadores."

"Fazer tudo a mesma coisa,  
não mudou nada. Não vai  
resolver nada."

"A gente esperava que tinha  
uma nova metodologia,  
material diferentes.  
Precisamos de alguma coisa  
diferente, muito diferente  
pra ver se muda."

"Vamos pecar a mesma coisa."

"Apesar da gente ter levantado  
todos os problemas, naquela  
avaliação do ano passado, será  
que a gente tem condições de  
mudar mesmo?."

(Anotações do Diário de Campo)

Os treinandos deixavam transparecer com bastante frequência nos seus discursos que o êxito do MOBREAL dependia de uma nova forma de ação, porém não sabiam quais as alternativas de mudança.

"Tem que criar uma forma  
diferente."

"O MOBREAL está marcado" (no  
sentido de estigmatizado).

"O trabalho da gente está  
cada vez mais difícil."

"Ah! Tem que ser uma coisa  
diferente pra tentar trazer  
o pessoal para as turmas."

"Analfabeto tem muito aqui no Estado ....., mas como é que a gente vai botar ele na sala. É um trem difícil de resolver."

(Anotações do Diário de Campo)

Alguns colocaram que a proposta do PAF é muito boa, mas todo o problema está na mobilização de agentes e alunos. Outros responsabilizaram a própria supervisão.

"Temos que delinear aqui no treinamento os passos que serão dados para a mobilização geral. Se não, não vai dar certo."

"Se não existir a supervisão técnico-pedagógica não adianta nada."

(Anotações do Diário de Campo)

Uma das colocações mais recorrentes durante o treinamento foi de que a falha está na seleção de alfabetizadores. Segundo muitos treinandos, os alfabetizadores dominam muito pouco a leitura e a escrita e isso dificultaria o trabalho de alfabetização e desestimularia os alunos do PAF. Alegavam a importância de alfabetizadores com maior grau de escolaridade, porém a baixa gratificação desses agentes impedia uma efetiva seleção.

"Com essa gratificação não podemos selecionar."

"Por que não se pode trabalhar com poucas classes e se pagar bem, do que muitas que não funcionam?."

"A produtividade não tá valendo nada, porque na prática não podemos selecionar o alfabetizador."

"Se selecionássemos melhor o alfabetizador poderíamos garantir sua permanência em classe. Mas quem quer ganhar esse ordenado para dar aula?"

"O problema tá no alfabetizador e não no método."

(Anotações do Diário de Campo)

Afirmavam, alguns treinandos, que a experiência tem demonstrado que o alfabetizador é um dos fatores mais importantes para o bom desempenho dos alunos, até mais do que o próprio método de alfabetização. Citaram vários exemplos e contaram histórias de alfabetizadores "dinâmicos", "seguros", "líderes" das suas regiões.

Devido ao curto tempo de duração do treinamento para uma observação participante, foi difícil apreender a forma como os treinandos classificam o treinador, o MOBRAL Central e a Coordenação, e como o treinador classifica também, essas instâncias.

Mesmo assim, procuraremos comentar estas relações através do que pôde ser observado e registrado durante o treinamento. No que diz respeito aos treinandos, foi possível verificar uma certa percepção de que os treinadores iriam abordar assuntos já conhecidos. Aparentemente, a prática e experiência dos treinandos pareciam ser mais importantes e eficientes em termos de capacitação do que o próprio treinamento.

Assim sendo, uma das frases ditas com mais frequência pelos treinandos foi "isso a gente já sabe", no sentido de demonstrar a inutilidade do treinamento. O MOBRAL Central aparece representado na figura do treinador, que recebe tanto a agressão como a afeição, que não estariam sendo dirigidas pessoalmente a ele.

No início do treinamento, a reação dos treinandos para com os treinadores, manifestada através da avaliação escrita, sem identificação e da avaliação oral, foi agressiva e hostil. Posteriormente, ao perceberem a flexibilidade dos treinadores o grupo de treinandos passou a apoiá-los em alguns momentos, de forma bastante afetiva.

Devido à superioridade hierárquica da Coordenação, alguns treinandos buscaram manter alianças com os treinadores, ou seja, com os representantes do MOBRAL Central, supostamente, na tentativa de neutralizar essa superioridade da Coordenação. Apesar disso, de um modo geral, a relação dos treinandos com a Coordenação pareceu boa, salvo alguns conflitos de ordem pessoal.

A relação dos treinadores com os treinandos foi bastante flexível e sincera. Os treinadores assumiam suas dúvidas, quando as tinham, buscando, inclusive, o apoio da Coordenação. Em vários momentos ficou evidente a insatisfação dos treinadores em relação à capacitação, percebida pela Coordenação e pelos treinandos.

A proposta de avaliação do PAF, apresentada pelo NUPES, ficou claramente diluída, no início do treinamento, devido à insatisfação geral dos participantes em relação ao treinamento. Após a colocação da proposta, não houve perguntas e notou-se uma certa descrença em relação ao

objetivo da avaliação. Entretanto, com o decorrer dos trabalhos, não sō a relaçaō do observador com os treinandos ficou muito prōxima, como surgiram perguntas sobre o trabalho que vinha sendo desenvolvido. Vārios treinandos abordavam o observador sobre detalhes da avaliaçaō e se diziam dispostos a colaborar.

Mesmo assim, muitos treinandos nāo devolveram o questionārio elaborado pelo NUPES. Parece que consideraram o questionārio inūtil, sem possibilidades de trazer benefīcios para o seu trabalho futuro.

Devido a esta reaçaō, o observador entregou o questionārio apenas uma vez, procurando evitar que esse momento de avaliaçaō se transformasse em algo impositivo.

## CONCLUSÃO

Observou-se que os dados obtidos através do "questionário do NUPES" foram limitados, uma vez que, aparentemente, os treinandos responderam a esse instrumental de modo a cumprir uma tarefa, resguardando-se de qualquer comprometimento maior com a avaliação. Grande parte das perguntas foram respondidas através de termos do tipo "bom", "ruim", "regular", etc. As críticas eram colocadas com muito cuidado, demonstrando uma certa preocupação por parte dos treinandos, que, inclusive, tentavam dosá-las, ressaltando o lado positivo do treinamento.

Já no que se refere à observação registrada no diário de campo, o conteúdo mostrou-se mais rico. Pôde-se encontrar nele formulações elaboradas de modo crítico e reflexivo, assim como, colocações feitas com maior espontaneidade, por parte dos treinandos.

A convergência mais significativa entre o que foi escrito no "questionário do NUPES" e o que foi dito durante o treinamento, pelos treinandos, está no fato de que, em ambos os casos, eles demonstraram não considerarem que houve grandes mudanças no PAF.

No "questionário do NUPES", um número relativamente significativo de treinandos declarou-se satisfeito com o treinamento, enquanto que durante o seu andamento, foi observada uma insatisfação geral. Esta contradição deve-se, provavelmente, a fatores já mencionados, que condicionaram o preenchimento do instrumental de avaliação. Cabe ressaltar que também foi observada uma tendência, por parte dos treinandos, em elogiar o treinamento através das avaliações

rotineiras em que estes precisassem se identificar.

Os treinandos mostraram-se, ao longo do treinamento, bastante preocupados com as questões de ordem operacional, tais como : mobilização de agentes e alunos, seleção de alfabetizadores e gratificação dos agentes.

COORDENAÇÃO "E"

## COORDENAÇÃO "E"

Introdução

O treinamento foi realizado em um Centro de Convenções, em local afastado da Coordenação. Participaram 44 SA, 7 SR (supervisores regionais, em substituição aos SE), técnicos da Coordenação (3 deles viriam a ser SR) e um técnico de outra Coordenação, com dois meses de MOBRAL, reunidos em um só grupo. O treinamento foi ministrado por dois técnicos do MOBRAL Central e coordenado pelo ENPEC.

A Coordenação tomou conhecimento da programação básica, elaborada pelo MOBRAL Central, e dos documentos a serem trabalhados pelos participantes, um dia antes de ser iniciado o treinamento.

A reação da Coordenação, ao conhecer esse material, foi manifestada através do ENPEC, que considerou a duração do treinamento longa, os documentos extensos e uma boa parte dos temas como já conhecida por aqueles que iriam participar do treinamento. Porém, devido ao pouco tempo disponível para modificações, ficou estabelecido que o treinamento se iniciaria conforme estava previsto.

O primeiro dia do treinamento foi caracterizado por uma grande apatia por parte dos treinandos, o que poderia ser atribuído aos seguintes fatores: o conteúdo não era novo e não atendia às expectativas básicas dos treinandos; a dinâmica dos trabalhos não motivava e nem estimulava a participação, existindo, ainda, uma certa insegurança vivida pelos treinadores.

Após os trabalhos deste primeiro dia, em reunião mantida entre o ENPEC e os treinadores, chegou-se à conclusão que seria inviável prosseguir o treinamento conforme previsto na programação básica. Decidiu-se, então, que ao final de cada dia seria reelaborada a programação do dia seguinte.

Esta medida fez com que o treinamento, previsto para 7 dias, fosse realizado em apenas 4, com uma carga horária total de 32 horas, ou seja, 8 horas diárias.

A dinâmica do treinamento se caracterizou por exposição oral, trabalho de grupo a partir de proposições e/ou textos e posterior sistematização em plenário.

A proposta de avaliação do NUPES foi discutida com a Coordenação, tendo sido bem recebida. Aparentemente, houve uma crença no sentido de que seus resultados poderiam provocar mudanças positivas em futuras propostas de treinamento. Ficou estabelecido que um técnico da Coordenação acompanharia pessoalmente os trabalhos que seriam desenvolvidos em nível municipal, relativos ao segundo momento da avaliação.

O instrumental de avaliação (questionário do NUPES) foi distribuído em dois momentos conforme previsto na metodologia:

1º momento - final do primeiro dia de treinamento;

2º momento - final do último dia de treinamento.

O primeiro momento, correspondente ao primeiro dia de treinamento, teve como principal característica a reação de apatia dos treinandos frente à forma de apresentação do treinamento.

O segundo momento, considerado a partir do segundo dia de treinamento, caracterizou-se por uma melhoria na forma de condução do treinamento, em função das modificações efetuadas na programação, durante a sua realização.

Convém mencionar que, nesta Coordenação, o observador não registrou a sua observação através de um diário de campo. Esta situação já foi devidamente comentada no capítulo referente à metodologia.

PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO REFERENTE AO PRIMEIRO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

1º dia

- Apresentação dos técnicos do MOBRAL Central, feita pelo ENPEC.
- Apresentação da Proposta de Avaliação do Programa de Educação Supletiva, do NUPES/DISUP, feita pelo técnico do NUPES.
- Apresentação dos objetivos do treinamento - linhas gerais do conteúdo a ser trabalhado.
- Levantamento das expectativas do grupo.
- Caracterização da clientela do MOBRAL:
  - . proposições a serem respondidas em grupo;
  - . apresentação dos resultados;
  - . leitura e discussão de um texto sobre o assunto, pelo grupo,
  - . apresentação do índice de analfabetos de Santa Catarina e do Brasil (Censo/80);
  - . sistematização, confrontando os resultados do trabalho de grupo com o texto.
- Apresentação e discussão dos Fundamentos Básicos da Ação do MOBRAL.
- Síntese das discussões sobre os Fundamentos Básicos da Ação do MOBRAL.
- Apresentação da Proposta de Educação Supletiva:
  - . relação entre a Avaliação e a Proposta;
  - . objetivos da Proposta;
  - . clientela a ser atendida;
  - . fundamentos:
    - .. apresentação de uma síntese dos fundamentos por meio de transparência;
    - .. leitura e discussão, em grupos, do texto "Fundamentos do Programa de Educação Supletiva";
    - .. sistematização das discussões;

- . fases experimental e transitória - linhas gerais;
  - . acompanhamento e avaliação do Programa - linhas gerais:
- Apresentação dos resultados da Avaliação do PAF, situando o Projeto dentro do Programa de Educação Supletiva.
  - Apresentação da Proposta Transitória do PAF - diretriz:
    - . aumento da carga horária do Projeto, visando:
      - .. o real atingimento dos objetivos terminais;
      - .. a superação do hiato entre PAF e PEI.
  - Leitura e discussão em grupo dos textos "Objetivos do PAF" e "Avaliação do aluno do PAF".
  - Apresentação e sistematização das discussões realizadas nos grupos.
  - Avaliação do dia - questionário do NUPES.

PRIMEIRO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função no MOBRAL	nº de treinandos
SA	35
SR	7
Técnicos da COORD	4
Técnico de outra COORD	1
TOTAL	47

Treinandos segundo tempo de MOBRAL:

Tempo de MOBRAL - Nº de anos (*)	treinandos	%
- 1	1	2
1 a 4	17	36
5 e +	29	62
TOTAL	47	100

(\*) um não respondeu

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES  
(1º MOMENTO)

PRIMEIRO DIA DE TREINAMENTO

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Com relação ao aprofundamento do conteúdo, a opinião dos treinandos ficou dividida equitativamente, ou seja, cerca da metade considerou que houve aprofundamento e a outra metade, não. Dentre esses que consideraram que houve aprofundamento, a metade atribuiu tal fato às discussões e questionamentos provocados pelos próprios treinandos.

"O aprofundamento veio só por parte do grupo, através das experiências e opiniões colocadas."  
(2 anos de MOBREAL)

Boa parte dos treinandos considerou o conteúdo "sem novidades", "já conhecido", encarando-o como uma "retomada", uma forma de rever determinados pontos já esquecidos, uma "sistematização" do que já ocorria na prática.

"O conteúdo pouco contribuiu para o melhoramento do meu conhecimento pois o mesmo não trouxe novidades. Esperava uma maneira com que a gente pudesse chegar nos municípios e trabalhar, mas temos que tentar nós mesmo descobrir, tudo o que foi falado, a gente esta cansada de aplicar."  
(4 anos de MOBREAL)

"Conteúdo já conhecido e debatido em outros treinamentos."  
(10 anos de MOBREAL)

"O conteúdo foi válido, porque serviu como uma retomada de alguns assuntos que já estavam um tanto esquecidos."  
(10 anos de MOBRAL)

No que diz respeito à dinâmica e forma de apresentação, foi mencionada, com certa frequência, a ausência de "manejo" com o grupo de treinandos e a forma de apresentação pouco clara, havendo grande preocupação com a participação ativa do grupo de treinandos que, para alguns, não estava ocorrendo. Estes fatos foram atribuídos, em grande parte, à insegurança dos treinadores.

"Na forma de apresentação faltou didática, manejo de grupo, segurança por parte das treinadoras, possibilitando total dispersão do grupo."  
(5 anos de MOBRAL)

"Achei as orientadoras um pouco inseguras, pois muitas respostas elas não conseguiram explicar."  
(4 anos de MOBRAL)

"Os treinadores perderam-se um pouco na falta de controle do grupo, que se bem coordenado, teria rendido muito mais."  
(10 anos de MOBRAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

A grande maioria dos treinandos se considerou capaz de transmitir o conteúdo. Porém é possível verificar que este fato se deve muito mais à experiência e conhecimento anteriores do que à capacitação decorrente desse primeiro momento (1º dia).

Assim sendo, percebemos uma coerência entre as colocações feitas neste item e aquelas feitas no item anterior. Um dia de treinamento que não traz, segundo os treinandos, novidade no seu conteúdo, não apresenta dificuldade para o seu repasse,

principalmente se levarmos em conta a experiência anterior dos treinandos, por eles ressaltada.

"Minhas condições de transmitir aos monitores os conteúdos aqui abordados as tenho em virtude da prática e dos outros treinamentos já apresentados."  
(5 anos de MOBRAL)

"Na realidade o conteúdo é bastante conhecido, já que trabalhamos efetivamente a muito tempo com o PAF."  
(5 anos de MOBRAL)

"O dia de hoje não altera a minha forma habitual do repasse aos alfabetizadores. Exceto pequenos detalhes!"  
(10 anos de MOBRAL)

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

A participação, reflexão e crítica ocorreram para uma boa parte dos treinandos, segundo eles próprios, principalmente nos trabalhos de grupo. Alguns alegaram que o conteúdo, já conhecido, não favoreceu uma participação satisfatória. Mais uma vez, é possível perceber a importância atribuída por alguns treinandos ao fato de não haver novidades no conteúdo, chegando ao ponto, inclusive, de julgarem que tal fato influenciou sua participação no treinamento.

"Eu me posicionei conforme a condução dos treinadores. Quando o conteúdo e a forma de condução permitiu que eu contribuísse com o grupão, o fiz sem reservas. À tarde me apaguei, não me interessou."  
(5 anos de MOBRAL)

"Regular, uma vez que o conteúdo, já conhecido, não atraiu minha atenção."  
(2 anos de MOBRAL)

## - EXPECTATIVAS (quanto ao seu atendimento)

As expectativas dos treinandos, por eles colocadas em termos de "algo novo", "maiores conhecimentos", "algo mais prático", para a maioria não estavam sendo atendidas. Podemos perceber que há uma coerência entre estas colocações e aquelas dos itens anteriores, onde a insatisfação com o conteúdo e com a dinâmica dos trabalhos foi claramente apontada.

"Esperava algo mais concreto."

(1 ano de MOBRAL)

"Não foi de encontro ao que se esperava, pois o apresentado não foi novidade."

(10 anos de MOBRAL)

"Esperei um modelo novo de treinamento - não vi."

(10 anos de MOBRAL)

## - DIFICULDADES

A grande maioria dos treinandos alegou não ter encontrado dificuldades, sendo que alguns atribuíram esta ausência de dificuldades ao fato do conteúdo já ser conhecido. Estas colocações estão de acordo com aquelas do item referente à capacitação, onde a maioria se sentia capaz de transmitir o conteúdo.

"Como o assunto já é conhecido não houve nenhuma dificuldade."

(8 anos de MOBRAL)

"Dificuldades: de aceitar o mesmo treinamento os mesmos conteúdos, o mesmo jeito de trabalhar."

(5 anos de MOBRAL)

## - CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

As críticas e sugestões apresentadas ficaram restritas, basicamente, à dinâmica do trabalho, no sentido de torná-lo menos cansativo e mais objetivo. Algumas colocações, inclusive, expressam nitidamente o interesse por um conteúdo mais prático, conforme já mencionado anteriormente. Outras demonstram, até mesmo, a descrença existente quanto ao fato de que determinadas sugestões colocadas possam ser levadas em conta, a ponto de provocar mudanças significativas em um treinamento que se apresenta como algo já pronto, como um fato consumado. Também neste caso, é possível verificar uma coerência entre estas colocações e aquelas referentes ao primeiro item do instrumental de avaliação.

"O treinamento é muito intenso e teórico. Cansa."  
(10 anos de MOBRAL)

"Acho que não adianta. O planejado terá que ser seguido."  
(10 anos de MOBRAL)

PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO REFERENTE AO SEGUNDO MOMENTO DE  
AVALIACÃO

2º dia

- Continuação do PAF - diretriz:
  - . revisão da metodologia preconizada para a alfabetização, envolvendo:
    - .. métodos de alfabetização;
    - .. recursos metodológicos utilizados;
    - .. melhor adequação às características locais.
  
- Leitura e discussão em grupo do texto "Conteúdo e Metodologia do PAF", para o grupo definir os dois conceitos e a relação entre eles.
  
- Apresentação e sistematização dos resultados dos trabalhos de grupo.
  
- Trabalho prático em grupo:
  1. levantamento das famílias silábicas que constam e que não constam do Livro de Leitura do Aluno - Ed. Bloch
    - . material utilizado: quadro para o controle do processo de alfabetização (estudos das famílias silábicas);
  2. formar 4 palavras relacionadas às necessidades do homem e que pertençam ao vocabulário local. Sugerir assuntos, relacionados às palavras, que poderiam ser debatidos com a turma
    - . material utilizado: texto - Atualização de Conteúdos; quadro para o controle do processo de alfabetização (estudos das famílias silábicas), já preenchido; quadro com esclarecimentos sobre o trabalho com palavras geradoras
    - . apresentação dos resultados;
  3. dizer que conteúdos do Livro de Matemática não estão expressos em objetivos e formular os objetivos para esses conteúdos
    - . material utilizado: texto - Conteúdos de Matemática e ROA.
  
- Avaliação final - feita oralmente.

3º dia

- Continuação do PAF - métodos de alfabetização e o processo adotado pelo MOBRAL:
  - . trabalho de grupo sobre os métodos de alfabetização;
  - . apresentação dos métodos de alfabetização, pelos grupos;
  - . relação entre esses métodos e o processo adotado pelo MOBRAL;
  - . análise de cada passo do processo adotado pelo MOBRAL, por meio da técnica de ataque e defesa e debate com o grupão;
  - . trabalho de grupo - exercícios sobre o processo utilizado pelo MOBRAL;
  - . apresentação e sistematização dos trabalhos de grupo.
  
- Planejamento do PAF - trabalho de grupo para detalhar o planejamento de uma semana
  - . material utilizado: quadro - Planejamento do PAF; ROA e Conjunto Didático Básico - Ed. Bloch;
  - . apresentação e sistematização dos trabalhos de grupo.
  
- Diretrizes:
  - . estabelecimento de critérios de seleção de alfabetizadores;
  - . organização da carga horária do Projeto, a critério de cada Coordenação, levando-se em conta:
    - .. carga horária de 400 horas-aula;
    - .. mínimo de 8 e máximo de 10 meses de duração, com necessidade de intervalo;
    - .. manutenção das modalidades de conveniamento do PAF: classe (mínimo de 10 alunos/classe e média de 15 alunos/classe, por convênio) e miniclasse (mínimo de 5 alunos/classe e média de 10 alunos/classe, por convênio);
    - . características locais/regionais;
    - . esforço de conveniamento do PAF e do PEI pela mesma entidade, com vistas a oportunizar a continuidade do estudo do neo-alfabetizado.
  
- Exposição oral e discussão em plenário sobre essas diretrizes.
  
- Paralelo: PAF antes e depois da Avaliação - exposição oral e discussão em plenário.

- Diretriz:

- . ênfase na capacitação do alfabetizador, propiciada através de:
  - .. momentos diferenciados;
  - .. financiamento;
  - .. metodologia que investe no agente de educação supletiva, como adulto e como agente;
  - .. ênfase à supervisão.

- Trabalho de grupo:

- . elaboração de um Plano de Capacitação dos Agentes do Programa de Educação Supletiva:
    - .. justificativa;
    - .. objetivos;
    - .. estratégias;
    - .. conteúdos;
    - .. recursos (humanos, materiais e financeiros);
    - .. acompanhamento e avaliação;
  - . elaboração da Programação do Treinamento Básico de Alfabetizadores:
    - .. dia;
    - .. conteúdo;
    - .. objetivo;
    - .. estratégias;
    - .. recursos;
    - .. material utilizado: texto sobre capacitação; material didático; ROA e textos de apoio utilizados na abordagem dos demais conteúdos.
- Obs.: não houve a avaliação do dia, considerando a necessidade dos grupos concluírem este trabalho.

4º dia

- Apresentação dos resultados da avaliação do PEI, situando-se o Projeto dentro do Programa de Educação Supletiva.

- Diretrizes do PEI para 1983:

. trabalho de grupo: leitura e discussão das diretrizes para levantamento dos conteúdos, definição das estratégias para a elaboração do Treinamento do PEI, a ser realizado em outro momento.

- Apresentação e discussão dos trabalhos dos grupos.

- Paralelo: PEI antes e depois da Avaliação - exposição oral e discussão em plenário.
  
- Apresentação dos resultados da avaliação do PAD, situando-se o Projeto dentro do Programa de Educação Supletiva.
  
- Diretrizes do PAD para 1983:
  - . exposição oral e discussão em plenário destas diretrizes.
  
- Paralelo: PAD antes e depois da Avaliação.
  
- Exposição oral e discussão em plenário.
  
- Apresentação do trabalho de um grupo escolhido, sobre o Plano de Capacitação dos Agentes do Programa de Educação Supletiva.
  
- Exposição oral e discussão em plenário:
  - . observações gerais sobre os planos;
  - . sistematização.
  
- Apresentação dos resultados da Avaliação da Área de Trabalho, situando-a dentro do Programa de Educação Supletiva.
  
- Trabalho de grupo:
  - . leitura dirigida, com proposições e discussão do Documento Básico da "Área de Educação Específica para o Trabalho";
  - . preenchimento dos quadros:
    - .. paralelo: PETRA antes e depois da Avaliação.
  
- Preenchimento, em plenário, do Quadro de Paralelo dos Projetos/Fundamentos, situando-se os 5 Projetos nos Fundamentos do Programa de Educação Supletiva.
  
- Avaliação final:
  - . oral, realizada pelos participantes, técnicos da Coordenação e técnicos do MOBREAL Central;
  - . escrita (questionário do NUPES), realizada pelos participantes.

SEGUNDO MOMENTO DE AVALIAÇÃO

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função no MOBRAL	nº de treinados
SA	30
SR	6
Técnicos da COORD	4
Técnico de outra COORD	1
TOTAL	41

Treinados segundo tempo de MOBRAL

Tempo de MOBRAL - em anos (*)	treinados	%
- 1	1	3
1 a 4	16	41
5 e +	22	56
TOTAL	39	100

(\*) dois não responderam

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES  
(2º MOMENTO)

SEGUNDO A ÚLTIMO DIA DE TREINAMENTO

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Neste segundo momento, uma grande parte dos treinandos considerou que houve maior aprofundamento do conteúdo, embora um número significativo tivesse mantido a opinião de que não havia muita "novidade" e sim um "relembrar" do que já era "conhecido".

Um grande número de treinandos afirmou que a forma de apresentação e a dinâmica foram melhorando à medida em que o tempo ia passando, o que possibilitou maior clareza, melhor compreensão e mais participação do grupo.

É possível concluir, aqui, que as mudanças efetuadas na programação a partir da véspera do segundo dia de treinamento, conforme já mencionado anteriormente, resultaram em alguma melhoria no decorrer do treinamento. Não temos conhecimento das modificações introduzidas na programação. O que nos parece importante frisar é o fato da Coordenação ter assumido efetivamente o encaminhamento do treinamento, juntamente com os treinadores. Este fato provocou mudanças que puderam ser mensuradas neste segundo momento de avaliação, na medida em que, partindo-se do conhecimento que a Coordenação tem de seus supervisores, procurou-se atender mais à realidade.

Outro aspecto apontado pelos treinandos refere-se à maior segurança apresentada pelos treinadores.

"Embora já se conhecesse o conteúdo  
pôde-se aprofundar o mesmo dado a  
dinâmica do trabalho."

(4 anos de MOBRAL)

"A forma de apresentação foi crescendo com o passar dos dias, maior segurança por parte das treinadoras e maior aceitação do grupo pelo tema abordado."

(10 anos de MOBRAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

Em termos de capacitação, não houve modificações substanciais de posicionamentos, em relação ao primeiro momento. O que podemos concluir é que, como as modificações introduzidas na programação alteraram apenas a dinâmica dos trabalhos e não mudaram os conteúdos, suficientemente conhecidos pelos supervisores, predominou a afirmação de que se sentiam capazes para o repasse.

"O treinamento pouco contribuiu pois achei muito fraco."

(8 anos de MOBRAL)

"Tendo em vista o conhecimento e experiência que já tenho com o programa, penso que não terei dificuldades em repassar os conteúdos do treinamento."

(10 anos de MOBRAL)

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

Da mesma forma que no primeiro momento de avaliação, os treinandos alegaram que sua participação maior se deu nos trabalhos de grupo.

"Poderia ter sido melhor, se os técnicos expositores provocassem mais o grupão."

(9 anos de MOBRAL)

"Acho que poderia ter questionado ou complementado mais em grande grupo. Nos trabalhos de grupo considero ótima minha participação."  
(9 anos de MOBREAL)

- EXPECTATIVAS (quanto ao seu atendimento)

Segundo a maioria dos treinandos, não houve atendimento das expectativas, mesmo depois de passado todo o treinamento. Alguns esperavam um conteúdo mais "objetivo, claro e sintético" e "com mais novidades".

Nesta Coordenação, observamos que a dicotomia treinamento versus atendimento da realidade, foi menos explicitada, embora estivesse presente, sendo apresentada pelos treinandos de forma implícita.

"Não era bem isso que eu queria porém achei válido o aprofundamento."  
(9 anos de MOBREAL)

"O treinamento em parte não foi o que esperava, ficou muita coisa sem ser dada uma resposta definitiva pelas treinadoras."  
(10 anos de MOBREAL)

"Quando os técnicos do Central estiveram em minha área avaliando o Programa e buscando subsídios para talvez possíveis mudanças, fiquei esperançosa e esperei portanto uma maior alteração em todo o processo do Programa mas mesmo assim as aberturas já apresentadas me satisfizeram em parte."  
(10 anos de MOBREAL)

## - DIFICULDADES

No que diz respeito às dificuldades, as colocações também foram, basicamente, as mesmas expressadas no primeiro momento, ou seja, a grande maioria se restringiu a responder, laconicamente, não ter encontrado dificuldades no treinamento. Porém, alguns explicitaram suas dificuldades relativas ao trabalho de campo.

"Esperava-se formar classes que tenham continuidade. Aí que não é fácil pois o pessoal analfabeto é disperso e trabalha na roça o que causa problemas."  
(3 anos de MOBRAL)

## - CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

As críticas e sugestões, além daquelas já observadas no momento anterior, giraram em torno do melhor aproveitamento do tempo, em relação ao conteúdo e da necessidade de uma maior firmeza e de uma postura mais crítica sobre os temas, por parte dos treinadores.

A crítica em relação à dinâmica do treinamento apresenta uma coerência com as respostas aos itens anteriores, especialmente aquelas referentes ao conteúdo. Neste caso, diante do fato desse conteúdo já ser conhecido, a sugestão mais recorrente foi de que o treinamento fosse "mais acelerado".

Outro aspecto recorrente diz respeito à postura dos treinadores. Neste sentido é bom lembrar todas as modificações sofridas pela programação (conforme exposto na introdução da Coordenação "E") e a insegurança que tal fato poderia ter gerado nos treinadores.

"Para este conteúdo poderia ter sido ocupado menos dias."  
(4 anos de MOBRAL)

"As mudanças ocorridas no programa são supérfluas. Muito tempo para pouco conteúdo."  
(10 anos de MOBRAL)

"Que as treinadoras devem se posicionar  
melhor perante o grupão. E melhor  
aproveitamento de tempo nos trabalhos  
de grupo."

(10 anos de MOBREAL)

A tentativa de se fazer um perfil dos supervisores de área da Coordenação "E" mostra que a grande maioria deles tinha mais de cinco anos de MOBRAL (62% no primeiro momento e 56% no segundo) e que nenhum deles estava a menos de um ano na Instituição.

Foi possível observar, principalmente através dos instrumentais de avaliação, que uma parcela significativa dos treinandos estavam muito seguros em suas críticas, que foram feitas de maneira objetiva e permanente. Havia uma coerência e firmeza nos depoimentos, não só dentro de cada momento de avaliação como, especialmente, entre o primeiro e o segundo momento.

Supostamente, a apatia demonstrada no primeiro dia de treinamento poderia ser encarada como uma forma consciente de protesto a um treinamento que estava sendo percebido como algo que não iria acrescentar muita coisa à experiência dos participantes.

Outro aspecto observado a partir do segundo momento de avaliação refere-se às alterações introduzidas na programação do treinamento. Verificou-se que tais alterações apenas atenuaram o problema da inadequação da programação original, sem no entanto, resolvê-lo. Assim sendo, as críticas contidas no segundo momento de avaliação, especialmente aquelas relativas ao conteúdo, continuaram demonstrando claramente a insatisfação dos treinandos, pouco diferindo das críticas colocadas no primeiro momento, igualmente relativas ao conteúdo.

### CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO

O fato de a Coordenação ter tomado conhecimento da programação e dos documentos que seriam utilizados durante o treinamento, apenas um dia antes de ter sido iniciado o treinamento, não permitiu que fosse efetuada qualquer modificação anterior ao seu começo. O ENPEC considerou a programação extensa e possivelmente cansativa. Porém, ficou estabelecido que o treinamento seria iniciado conforme estava previsto.

Logo no primeiro dia, constatou-se que o treinamento não deveria continuar como estava, pois a forma de apresentação e o conteúdo não despertavam o interesse do grupo, que se mantinha de maneira apática. Tal comportamento foi motivo para comentário, feito por um dos treinandos, em conversa informal, que disse ter estranhado esta apatia do SUSUG, uma vez que o mesmo é considerado bastante crítico.

Outro aspecto que estaria relacionado à apatia manifestada, seria a grande expectativa existente, em torno de algo novo, que, em termos gerais, estava longe de ser atendida. Isto porque os treinandos não percebiam muitas novidades e mudanças significativas, tanto em termos de conteúdo quanto de forma de treinamento.

Ao final desse primeiro dia, houve uma reunião entre o ENPEC e os técnicos do MOBREAL Central, quando ficou estabelecido que a programação sofreria adequações, sendo retirados alguns tópicos e documentos, considerados já conhecidos e repetitivos. Devido à pouca disponibilidade de tempo, tais adequações seriam feitas na véspera de cada dia de treinamento.

Já no segundo dia, foi possível observar os efeitos dessa decisão: passou a existir maior objetividade e participação, que aumentaram com o passar dos dias.

Os treinadores se mostraram flexíveis e abertos às críticas e sugestões, favorecendo a participação dos treinandos. A parte mais operacional do conteúdo, principalmente aquela relativa ao cartaz gerador e às famílias silábicas, despertou maior interesse dos treinandos.

Neste caso, levantamos duas hipóteses para explicar o interesse observado. Em primeiro lugar, a maior objetividade em trabalhar temas estritamente ligados à prática dos supervisores e, em segundo, consideramos que, o aprofundamento destes temas constituiu-se numa necessidade básica para o desempenho das suas funções.

A presença do técnico de outra Coordenação se fez notar, pelo fato de ter participado ativamente, fazendo colocações e questionamentos que acabavam envolvendo os demais participantes.

Analisando-se o treinamento em termos de repasse de uma nova proposta que, conseqüentemente, deveria trazer novidades, alternativas, ou, em síntese, mudanças significativas em relação ao trabalho desenvolvido até então, é possível concluir que o mesmo não se justificou plenamente.

Convém mencionar, entretanto, que os treinandos, além de não considerarem o treinamento como uma reciclagem, já que eram poucas as novidades, concluíram que o PAF voltava a ter a sua importância anterior, perdida em relação ao Pré-Escolar.

Houve reclamações, por parte dos treinandos, pelo fato de o treinamento ter sido realizado em plenas férias e, também, quanto aos documentos provenientes do MOBRAL Central, considerados extensos, o que dificultou bastante a assimilação durante o treinamento.

A elaboração da programação de repasse do conteúdo aos alfabetizadores não foi obrigatória. Alguns treinandos a fariam posteriormente e encaminhariam à Coordenação para conhecimento.

Após o término do treinamento, o ENPEC fez a seguinte declaração:

"Muita coisa teria sido facilitada se o grupo da Coordenação tivesse sido treinado antes, inclusive pedi que os documentos viessem com antecedência para poder verificar se o conteúdo não é repetitivo, (...). Qualquer iniciativa do MOBRAL, no sentido de treinamento, teria que ter uma parte da Coordenação, pois ela detém a prática, para assim, não jogar documentos frios, para não queimar esse tipo de abordagem. O tempo não é propício para o número de dias de treinamento."  
(anotações de campo)

Através do que foi colocado, é possível perceber que, aparentemente, não foi considerada, por parte do MOBRAL Central, a experiência anterior do SUSUG deste estado, na área supletiva, o que implicou na inclusão de temas já bastante conhecidos na programação, que não despertavam o interesse dos treinandos. Além disso, nota-se que existiu algum fator que impediu o conhecimento, com antecedência, por parte da Coordenação.

Não temos condições de explicar melhor esta situação uma vez que desconhecemos as relações estabelecidas entre a Coordenação e a então DISUP, conforme já mencionado anteriormente. O que realmente importa é que tal situação não pôde ser contornada, criando uma série de problemas, apontados no decorrer deste relatório.

CONCLUSÃO

A observação do treinamento na Coordenação "E", por parte do técnico do NUPES, levantou questões semelhantes às aquelas apontadas pelos treinandos no instrumental de avaliação.

Desta forma, ficou evidenciado que a inadequação da programação original à realidade desta Coordenação, é o resultado de uma relação institucional com conseqüências diretas na capacitação e no desempenho dos agentes envolvidos na ação educativa.

Sobre essa relação institucional, temos poucos elementos, no caso desta Coordenação, devido às mudanças ocorridas na nossa equipe de avaliação. No entanto, pretendemos, na análise final deste relatório, comentar as relações entre as seis Coordenações e o MOBREAL Central, na tentativa de explicar os diferentes contornos assumidos pela programação básica, em cada treinamento.

COORDENAÇÃO "F"

## COORDENAÇÃO "F"

### Introdução

O treinamento foi realizado em local próximo à Capital do Estado, contando com a participação de 58 elementos, entre SA, SE, técnicos da Coordenação Estadual, ENPEC e Coordenador Adjunto Interino.

O treinamento, com duração de 9 dias e carga horária de 8 horas diárias, foi ministrado por um técnico do MOBRAL Central, sendo que, embora não estivesse prevista na programação, uma tarde foi dedicada a exposição por parte de um técnico da Coordenação.

O ENPEC, em conversa mantida com o treinador, antes do início do treinamento, alertou-o para o fato de que boa parte do conteúdo já havia sido tratada nos Encontros de ENPEC e Coordenadores e repassada aos supervisores.

Além disso, o ENPEC solicitou ao treinador que a abordagem do conteúdo estimulasse a criticidade dos treinandos, a partir de uma discussão aprofundada dos assuntos.

No decorrer do treinamento, houve outra negociação, na qual o ENPEC e o Adjunto Interino afirmaram não haver necessidade do cumprimento rígido de todas as etapas previstas na programação, reiterando que era preferível a abordagem de um número menor de tópicos, o que permitiria um tratamento mais aprofundado e crítico dos mesmos.

Convém destacar que a Coordenação "F" não tinha conhecido a programação com antecedência, no entanto, desconhecemos as razões deste fato, uma vez que não possuímos informações sobre como o treinamento do PAF foi articulado entre esta Coordenação e a DJSUP (responsável, na época, pelo Projeto). Por outro lado, a correspondência do MOBRAL Central que apontava a conveniência das Coordenações fazerem as alterações na programação, que se fizessem necessárias, chegou à Coordenação apenas no final do treinamento.

O treinamento caracterizou-se, inicialmente, pela predominância de preleções expositivas e pela sistematização dos conteúdos apresentados. Além destas técnicas, foram utilizadas as de leitura em grupo, leitura comentada e dirigida, utilização de transparências e trabalhos em grupo para posterior apresentação em plenário.

Nessa etapa, foi colocada pelo grupo sua dificuldade em assimilar o conteúdo, em virtude da inexistência de cópias suficientes de documentos para todos os participantes. Posteriormente, observou-se um aumento da participação dos treinados.

A proposta de avaliação do NUPES, apresentada em reunião mantida entre os avaliadores, o ENPEC e o Adjunto Interino, foi bem recebida, tendo ficado estabelecido que a Coordenação definiria os os critérios para a escolha do município, onde continuaríamos nossa observação.

O instrumental de avaliação (questionário do NUPES) foi distribuído em dois momentos específicos, no sexto e no último dia de treinamento. No entanto, a análise do material coletado através deste instrumental foi feita como um todo, tendo em vista o fato de o número de questionários respondidos no segundo momento ter sido inexpressivo, uma medida em que o seu preenchimento não foi obrigatório. Cabe ressaltar, que optamos pelo agrupamento dos questionários em um momento único uma vez que, aparentemente, os poucos treinandos que preencheram o instrumental no segundo momento não o fizeram no primeiro momento.

## PROGRAMAÇÃO DO TREINAMENTO

### 1º Dia:

Apresentação das principais características dos participantes do encontro (objetivando, não sã "quebrar o gelo" da turma, mas ainda, ter uma idéia dos trabalhos desenvolvidos por estes elementos).

Levantamento das expectativas dos grupos:

- 1 . Educação Integrada (metodologia, acompanhamento, planejamento, objetivos);
- 2 . Visão política da educação de adultos no Brasil;
- 3 . Nova linha de ação (visão metodológica do projeto);
- 4 . Papel do Supervisor e acompanhamento (ênfase nos aspectos técnicos);
- 5 . Continuidade PAF/PEI;
- 6 . Nova estratégia do PAD;
- 7 . Qualificação da COMUN e Agentes;
- 8 . Dimensionamento do conteúdo do PAF;
- 9 . Inovação da metodologia do PAF;
- 10 . Mobilização e sustentação da clientela;
- 11 . Integração/globalização dos Programas.

Apresentação do Índice de analfabetismo no Brasil, no Nordeste e, especificamente, no Piauí tendo por base o documento "A Situação Educacional pelas Tabulações Avançadas do Censo Demográfico de 80 (Sérgio M.Barbosa).

Apresentação das "Diretrizes para a Educação Supletiva" e "Diretrizes de Atuação do MOBRAL" (MEC).

Apresentação dos resultados da avaliação desses Projetos e, conseqüentemente, das novas sugestões de sua operacionalização.

Trabalho diversificado com as seguintes proposições:

- analisar os aspectos que fundamentam a Proposta e,
- analisar os aspectos operacionais da Proposta Experimental.

Sistematização.

2º Dia:

Trabalho de grupo, utilizando a técnica de minigrupo, com os três tempos:

1º tempo - 8 grupos

2º tempo - 4 grupos

3º tempo - Painel progressivo sobre as conclusões dos estudos.

Leitura Comentada do texto "Aprendizagem do Adulto" com sistematização no quadro-de-giz.

Trabalho de reflexão sobre o tema: "O que ensinar" e "Como ensinar", através de 8 grupos simples com a seguinte proposição:

"Que representam a Funcionalidade, Participação, Identidade com a cultura local, Flexibilidade, Reflexão e Criatividade, Aplicabilidade num projeto de Alfabetização"?

Painel Progressivo para a apresentação dos trabalhos.

3º Dia:

Continuação da apresentação dos trabalhos e discussão sobre o conceito de Funcionalidade.

Sistematização.

Estudo dos objetivos terminais e intermediários do PAF.

Análise dos conteúdos referentes às palavras geradoras e a respectiva necessidade humana básica, para regionalização desse mesmo conteúdo e acréscimo do vocabulário local correspondente.

4º Dia:

Estudo dos métodos de alfabetização pelo GV/GO, sendo discutido inicialmente os métodos sintéticos e no 2º momento, os métodos analíticos.

Interrupção do treinamento para uma avaliação e, ao mesmo tempo, uma análise da programação pelos treinandos, por iniciativa da Coordenadora-Adjunta (Interina) e pelo ENPEC.

5º Dia:

Continuação da avaliação.

Reflexão em plenário sobre o método adotado pelo MOBRAL, com questões referentes ao Cartaz Gerador, ao acréscimo ou não de Palavras Geradoras, exercícios de fixação das sílabas, formação de palavras novas, identificação dos objetivos dos exercícios do material didático, sugestões de formação de frases e textos para tornar mais rica esta etapa do trabalho e discussão quanto a possibilidade de uso de textos de leitura oferecidos pela Comunidade.

"Quadro de Controle do processo de alfabetização". Neste quadro haviam todos os padrões silábicos, servindo para que se fizesse uma análise de cada palavra geradora da Editora Abril, registrando quantas vezes a mesma sílaba vem fixada, através do estudo de outras palavras geradoras.

6º Dia:

Estudo sobre o aumento da carga horária do PAF para 400 horas.

Análise do "Plano de curso" sob os seguintes aspectos:

- abrangência das palavras geradoras;
- abrangência do conteúdo de Matemática;
- abordagem de temas relacionados com as necessidades humanas básicas, por meio das palavras geradoras;
- número de semanas para estudo de cada palavra geradora;
- quantas palavras geradoras podem ser estudadas por mês;
- ensino da leitura paralelo ao ensino da escrita;
- ensino de Comunicação e Expressão paralelo ao ensino da Matemática;
- aulas de revisão do conteúdo estudado;
- atividades de avaliação do aluno;
- graduação de dificuldades.

Trabalho de grupo simples para o detalhamento de cada dia de aula de uma semana.

Avaliação da semana de treinamento, utilizando o instrumental do NUPES.

DOMINGO — Não houve treinamento

7º Dia:

Análise dos aspectos técnicos da Supervisão que deveriam ser enfatizadas.

Seleção dos conteúdos a serem trabalhados na capacitação dos agentes. A Coordenação deste trabalho ficou com o ENPEC.

8º Dia:

Análise, com o grupo o que era o PAF antes da avaliação e o que é agora, da continuidade entre PAF e PEI e, por último, o paralelo do PAF de hoje, com os Fundamentos da Proposta do Programa de Educação Supletiva.

Treinandos que preencheram o questionário do NUPES:

Função no MOBREAL	Nº de Treinandos
SA	31
SE	3
Técnico da COORD	15
T O T A L	49

Treinandos segundo tempo de MOBREAL:

Tempo de MOBREAL Nº de anos (*)	Treinandos	%
- 1	3	7
1 a 4	14	34
5 e +	24	59
T O T A L	41	100

(\*) 8 não informaram

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO DO NUPES

- APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO (inclusive a dinâmica e forma de apresentação)

Para grande parte dos treinandos, o conteúdo já era conhecido, porém, o momento de capacitação significou, segundo eles, uma oportunidade válida para "enriquecimento de conhecimentos", "reforço", "maior aprofundamento". Para alguns, tal situação só ocorreu a partir da avaliação oral, realizada no quarto dia. Outros consideraram que o conteúdo poderia ter sido mais aprofundado.

Quanto à dinâmica e forma de apresentação, a maioria se posicionou favoravelmente, considerando o conteúdo claro, adequado e bem apresentado, principalmente a partir da já mencionada avaliação oral. Outros tipos de posicionamento não apresentaram recorrência.

"Os conteúdos trabalhados são de meu conhecimento, porém não deixa de serem válidos, pois serviu para um melhor aprofundamento e até revisão levando-me a uma melhor fixação de todos os conteúdos estudados".  
(10 anos de MOBREAL)

"Na primeira parte do treinamento, ou seja antes da avaliação oral, os conteúdos estavam sendo abordados sem muito aprofundamento. A forma de apresentação não era

clara e não estava  
havendo sistematização.  
Após essa avaliação a  
sistematização do trabalho  
melhorou consideravelmente  
tanto em relação ao  
aprofundamento como à  
forma de apresentação  
das propostas."  
(4 anos de MOBRAL)

- CAPACITAÇÃO (sua possibilidade de transmissão do conteúdo)

No que diz respeito às condições para transmissão do conteúdo apresentado, o grupo de treinandos ficou dividido entre os que se consideraram seguros e os que ainda precisariam de maior aprofundamento. No primeiro caso, alguns alegaram que tal segurança se devia à experiência anterior, embora tivessem se sentido "enriquecidos" com o treinamento, de acordo com o que já foi dito no item anterior.

"Acredito que pela experiência  
de trabalho adquirida, e  
enriquecida nesse treinamento  
sinto-me capaz de transmitir."  
(9 anos de MOBRAL)

"Mesmo conhecendo os conteúdos  
ainda tenho necessidade de  
maior aprofundamento dos assuntos  
para que no momento de transmissão  
eu me sinta mais segura."  
(9 anos de MOBRAL)

- SEU PRÓPRIO POSICIONAMENTO (participação, reflexão e crítica)

A maioria dos treinandos considerou sua participação boa em termos de "grupão" e muito melhor em "pequenos grupos", onde era mais fácil discutir e refletir sobre o conteúdo.

"Estão sendo atendidas  
 (Isto é, depois da retomada e  
 avaliação da programação) mesmo  
 não havendo muita mudança nos  
 conteúdos mas a abordagem melhorou,  
 levando em consideração do  
 conhecimento do treinador o nível  
 de estudo que tínhamos chegado antes  
 do treinamento."  
 (5 anos de MOBRAL)

- DIFICULDADES

Grande parte dos treinandos alegou não ter encontrado dificuldades. O restante do grupo se posicionou de duas formas diversas: uma parte colocou dificuldades que julgavam encontrar futuramente, tais como, planejamento, operacionalização do Programa, "Como trazer o aluno para a sala de aula. O que é que vai chamar esse aluno". A outra parte se referiu a dificuldades inerentes ao próprio treinamento, quais sejam, de entender os trabalhos de grupo; de domínio de alguns temas devido ao pouco tempo a eles dedicado e quanto aos métodos de alfabetização.

"As dificuldades aparecem  
 mais no momento de realização da  
 prática, nas exposições e debates  
 tudo fica bem assimilado/compreendido.  
 Especificamente não vejo dificuldade  
 que devam ser enfatizadas."  
 (10 anos de MOBRAL)

"Sinto um pouco de dificuldades  
 em arrumar um planejamento de  
 treinamento de Alfabetizadores."  
 (5 anos de MOBRAL)

"Atuante, principalmente nos trabalhos e nos mini-grupos, pois era o momento de maior e melhor discussão."

(4 anos de MOBRAL)

"Participei e me posicionei mais em pequenos grupos; embora tenha me apresentado como relator no grupão senti que poderia ter participado e questionado mais no grupão".

(5 anos de MOBRAL)

"Estou dando maior participação nos pequenos grupos, porque me sinto mais a vontade."

(? anos de MOBRAL)

- EXPECTATIVAS (quanto a seu atendimento)

As expectativas, segundo a maior parte dos treinandos estavam sendo atendidas total ou gradativamente, sendo que poucos foram os que especificaram quais eram elas. Alguns, dentre estes, alegaram que suas expectativas começaram a ser atendidas a partir da realização da avaliação oral, já mencionada no item "Aprofundamento de Conteúdo". Outros gostariam que alguns aspectos ocorressem mais, tais como, reflexão, fundamentação, aprofundamento na operacionalização e inovações.

"Veio de encontro com minha expectativa. O que eu queria mesmo era um reforço quanto a conteúdo e metodologia do PAF."

(10 anos de MOBRAL)

"No domínio de alguns assuntos estudados, ocasionado pelo pouco tempo a eles dedicado."  
(7 anos de MOBREAL)

- CRÍTICAS E SUGESTÕES EM GERAL

Cerca de metade dos treinandos deixou de colocar suas críticas e sugestões. Dentre as apontadas, aquelas que ficaram em maior evidência foram relativas aos trabalhos de grupo: pouca clareza em termos de proposições, não esclarecimento quanto ao tempo disponível, o que dificultou a realização de tais trabalhos. Houve solicitações, por parte dos "veteranos", para que passasse a existir no treinamento um "atendimento diversificado", através de "grupos homogêneos", ou seja, grupos formados por pessoas que se "encontrem no mesmo estágio de trabalho". Esta crítica/sugestão, provavelmente, vem ao encontro do que já havia sido colocado anteriormente, com relação ao fato do conteúdo apresentado já ser conhecido por muitos dos treinandos, tornando-se repetitivo. Houve, ainda, sugestões no sentido de reprodução e distribuição do documento relativo ao planejamento semanal do PAF.

"No momento de trabalhar um conteúdo, isto é, trabalhar em grupo, que seja mais enfatizada a proposição: escrita no quadro ou tira de papel etc.  
. determinação do grupo quanto ao número de participantes.  
. definição do tempo necessário para realização do trabalho com flexibilidade."  
(10 anos de MOBREAL)

"Atendimento diversificado  
para o grupo dos novos e  
veteranos. Isto é quando  
o assunto já é conhecido."  
(11 anos de MOBREAL)

Conforme já foi colocado anteriormente, na Coordenação "F" o questionário do NUPES foi distribuído para preenchimento em dois momentos diferentes, no sexto e no último dia de treinamento. No entanto, convém ressaltar que o preenchimento não foi obrigatório, assim sendo, no segundo momento, um número pouco significativo de treinandos respondeu ao instrumental de avaliação. Desta forma, para análise, agrupamos os questionários preenchidos em ambos os momentos, ou seja, um total de 49, considerando-os como um momento único, por razões anteriormente mencionadas.

Observou-se que, mais da metade dos treinandos, ou seja, 59,0% estavam no MOBREAL há mais de 5 anos, 34,0% entre 1 e 4 anos e apenas 7,0% há menos de 1 ano.

De acordo com as respostas obtidas no preenchimento dos diversos itens do questionário do NUPES, constatamos que os treinandos faziam suas colocações tendo como referência a avaliação oral, informal, realizada no quarto dia de treinamento. Segundo eles, os trabalhos tiveram uma sensível melhora após esta avaliação.

Em resumo, pode-se dizer, que :

- de modo geral, os treinandos consideraram o conteúdo do treinamento já conhecido, sendo no entanto, válido para enriquecimento de conhecimentos anteriormente adquiridos;
- segundo os treinandos a dinâmica e a forma de apresentação melhorou consideravelmente após a avaliação oral;

- metade do grupo de treinandos sentia-se seguro para o repasse do treinamento e a outra metade dizia precisar maior aprofundamento;
- a maior parte dos treinandos dizia que suas expectativas estavam sendo atendidas no treinamento, sem no entanto especifica-las;
- poucos treinandos alegaram ter sentido dificuldades, alguns mostraram-se preocupados com problemas que enfrentariam no trabalho de campo e outros sentiram dificuldades inerentes ao próprio treinamento;
- as críticas/sugestões foram feitas apenas pela metade dos treinandos e a maioria se referia à organização do treinamento.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO E DO DIÁRIO DE CAMPO

Na Coordenação "F", conforme foi mencionado anteriormente, houve uma negociação prévia sobre a programação do treinamento, entre o treinador e o ENPEC, tendo sido solicitado ao primeiro que a abordagem do conteúdo estimulasse a participação e a crítica dos treinandos.

Nos primeiros dias do treinamento, a participação do grupo manifestou-se esparsadamente, em virtude da predominância da exposição oral e da apresentação de painéis. O grupo de treinandos parecia já ter conhecimento do conteúdo:

"nada de novo. Os conteúdos necessitam de aprofundamento e não de revisão simplesmente"  
(Anotações do Diário de Campo)

Por diversas vezes, foi colocada pelo grupo a necessidade de que os conteúdos fossem abordados de maneira que permitisse explorar a sua experiência de trabalho:

"E a nossa experiência afinal de contas nós temos 10 anos de MOBREAL". (Anotações do Diário de Campo)

Em virtude da insatisfação dos treinandos em relação ao treinamento, esboçada por colocações deste tipo, decidiu-se recorrer a uma avaliação informal realizada na tarde do quarto dia do Encontro. Os treinandos afirmaram não estarem se enriquecendo, uma vez que as suas experiências de trabalho não estavam sendo exploradas:

"Todo o conteúdo é de conhecimento do grupo, não motivando a participação, nada de novo". (Anotações do Diário de Campo - Avaliação Informal)

"Falta de inovação, falta de enriquecimento". (Anotações do Diário de Campo - Avaliação Informal)

Outros problemas foram apontados, tais como, a "falta de sistematização do trabalho", "falta de objetividade/clareza nas propostas de trabalho de grupo", "escassez de material".

A fim de solucionar os problemas vivenciados no decorrer do treinamento, os treinandos sugeriram a utilização de técnicas mais produtivas e a análise da programação do treinamento para a reformulação da mesma, o que foi feito em reuniões de pequenos grupos.

Alguns conteúdos foram alterados, tais como, as sugestões de operacionalização das Diretrizes do PAD, da Educação Específica para o Trabalho e do PEI, por já serem do conhecimento do grupo.

Após a avaliação informal, a participação dos treinandos aumentou consideravelmente.

No que se refere à recepção do grupo em relação as mudanças existentes na nova proposta do PAF, houve uma manifestação de descrença diante das modificações apresentadas.

"Será que a carga horária vai resolver alguma coisa?"  
(Anotações do Diário de Campo)

"Não está havendo um aproveitamento dos conhecimentos do SA e técnicos". (Anotações do Diário de Campo - Avaliação Informal)

"O treinamento está sendo conduzido de maneira fria. Pergunta-se: será que a treinadora considera o grupo fraco de conteúdos e experiência? ou o grupo não está tirando do treinador o que gostaria de aprofundar?" (Anotações do Diário de Campo - Avaliação Informal)

É importante observar que nesse momento houve uma divisão de opiniões entre os treinandos. Muitos achavam que o grupo não estava se esforçando em participar, outros atribuíam à atuação do treinador a insuficiente participação do grupo.

Além disso, os treinandos afirmaram que grande parte dos assuntos já era por eles dominadas e que mesmo aqueles conteúdos conhecidos não estavam sofrendo uma abordagem mais aprofundada.

"Está havendo uma simulação de aprofundamento; pois na realidade não está acontecendo". (Anotações do Diário de Campo)

Segundo o grupo, as suas expectativas de solução para os problemas enfrentados em campo eram bem maiores do que as alternativas trazidas pelo MOBREAL Central.

Foram apontadas, pelos treinandos, como possíveis alternativas para a superação dos entraves existentes, a melhor remuneração do alfabetizador e a utilização de novas técnicas de treinamento.

A abertura para a utilização de outros métodos de alfabetização foi bem recebida por alguns elementos do grupo enquanto que para a maioria esta medida serviu apenas para formalizar "o que acontece há muitos anos".

De acordo com o grupo de treinandos, o ponto chave dos problemas enfrentados em campo encontra-se na figura do alfabetizador que, segundo eles, na maioria das vezes, é um homem "despreparado" e "incapaz".

É interessante observar que, no desenvolvimento de uma proposta de trabalho na qual era pedida a reflexão do que é ser adulto; e a sua percepção da clientela do Programa de Educação Supletiva, o adulto foi considerado como rico em experiências, capaz e crítico, enquanto que, em outros momentos observados no treinamento, este mesmo adulto era qualificado como "carente", "acomodado" e "limitado".

Este tipo de representação não foi discutido criticamente em nenhum momento do treinamento, persistindo as colocações esparsadas, até o final do treinamento.

O treinador não buscou questionar essas colocações, manifestando, inclusive, o mesmo tipo de visão, ao fazer afirmações do tipo "se o aluno é normal, aprende".

Após a avaliação informal, já citada, pôde-se constatar a formação de uma aliança entre o treinador, e os supervisores, em oposição aos técnicos da Coordenação Estadual, que persistiu até o último dia do treinamento.

O penúltimo dia do treinamento, embora não estivesse previsto na programação, foi dedicado à exposição, sob a responsabilidade do ENPEC, dos aspectos técnicos da supervisão e à seleção dos conteúdos a serem trabalhados na capacitação dos agentes.

O treinamento, anteriormente programado para 10 dias de duração, foi reduzido para 9 dias, na medida em que todo o conteúdo do PAF havia sido dado e o tempo restante não era suficiente para a análise do PEI.

## CONCLUSÃO

De modo geral, encontramos tanto na análise do material coletado através do questionário do NUPES, como nas considerações a partir da observação do treinamento e do diário de campo, a posição de que o treinamento não apresentou conteúdos novos, ou seja, de que não houve mudanças na proposta do PAF.

Embora, de acordo com as respostas obtidas no questionário, grande parte dos treinandos tenham se declarado seguros para o repasse do treinamento, percebeu-se, tanto no instrumental de avaliação como na observação registrada no diário de campo, que muitos treinandos mostravam-se preocupados com problemas que, segundo eles, provavelmente enfrentarão no desenvolvimento do trabalho durante este ano, referindo-se, principalmente, ao planejamento e a operacionalização do Programa.

Enquanto que, no questionário, a maioria dos treinandos colocou que suas expectativas foram atendidas, ainda que sem especificá-las, na observação do treinamento, notou-se que o grupo de treinandos considerou que essa capacitação não trouxe as soluções esperadas para os problemas enfrentados por eles no campo.

Tanto no instrumental de avaliação como na observação do treinamento, verificou-se uma certa insatisfação com relação à organização dos trabalhos expressada através de colocações, tais como, falta de clareza nas proposições dos trabalhos, de grupo, falta de sistematização, escassez de material e pouco tempo dedicado a certos temas.

Embora não tenha sido colocado no questionário, ficou bastante evidente, durante o treinamento, que um dos principais anseios

expressos pelos treinandos foi no sentido de que os conteúdos fossem abordados de maneira que permitissem a exploração das suas experiências de trabalho. Consideravam que somente assim poderia haver algum enriquecimento a partir desses momentos de capacitação.

Também nas considerações a partir do diário de campo e da observação, foi recorrente a colocação sobre a importância da seleção dos alfabetizadores como alternativa para se garantir a qualidade na alfabetização de adultos, estando este fato relacionado à gratificação desses alfabetizadores.

Concluindo, pode-se dizer que as críticas surgiram mais enfaticamente no discurso informal dos treinandos, durante o treinamento do que nas respostas ao questionário do NUPES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Coordenações tomaram conhecimento da nova proposta de Educação Supletiva no Encontro de Coordenadores e no Encontro Nacional de ENPEC.

Das seis Coordenações observadas, em apenas, três (C,D e F) houve oportunidade de repasse aos supervisores, por parte dos ENPEC. Nas demais, o primeiro contato, foi por ocasião deste treinamento. Porém, em ambos os casos, a grande maioria dos treinandos considerou o conteúdo apresentado repetitivo, já conhecido e sem novidades.

O que nos parece é que, no momento em que foi realizada a avaliação dos antigos programas pedagógicos, foi criada uma grande expectativa, principalmente ao nível municipal, de que estariam para acontecer grandes mudanças metodológicas e operacionais nesses programas.

Como decorrência dessa avaliação, foi elaborada a Proposta de Educação Supletiva, atualmente em sua fase transitória. As mudanças introduzidas nesta fase, especialmente aquelas relativas ao PAF, cuja ênfase estava no aumento da carga horária e na abertura para a utilização de outros métodos, ficaram muito aquém daquela expectativa. É importante ressaltar que, o Mobral Central, pretendia usar esse momento de capacitação para "analisar os fundamentos da Proposta de Educação Supletiva, com vistas à incorporação destes fundamentos já na ação educativa em 83"(\*), muito embora, a grande inovação estaria prevista para a fase seguinte dessa Proposta, ou seja, a fase experimental. Assim sendo, o treinamento realizado, apesar de ter procurado focar essas mudanças, na realidade enfocou mais o aprofundamento de um conteúdo já conhecido pela grande maioria dos supervisores, deixando de apresentar alternativas e caminhos, numa linha metodológica e operacional, para a solução de problemas que há tanto tempo vêm sendo apontados pelos níveis municipal e estadual.

---

(\*) Programação do Treinamento da Coordenação "C".

Conseqüentemente, a expectativa criada em relação ao treinamento foi grande e os supervisores esperavam inovações e mudanças. Como logo de início perceberam que as mudanças não aconteceriam, houve uma reação de desânimo. Esta situação foi contornada em cinco Coordenações, através de alterações na programação e/ou na dinâmica de trabalho. Apenas na Coordenação "C" isto não ocorreu, uma vez que estas adequações aconteceram muito antes do treinamento, através de um trabalho conjunto do técnico do MOBREAL Central com os técnicos da Coordenação, objetivando a elaboração de uma programação. Mesmo assim, foi possível observar uma certa decepção, embora em menor grau.

Entre os aspectos considerados positivos pelos treinandos, um foi que o treinamento serviu para retomar a importância do supletivo e o outro foi a abertura da proposta, já mencionada, sobretudo no que se refere à utilização de diferentes métodos de alfabetização.

Esta abordagem quanto aos diferentes métodos de alfabetização visava, num primeiro momento, obter depoimentos sobre os diferentes processos de alfabetização observados pelos supervisores no seu trabalho de acompanhamento das classes. A seqüência dessa discussão objetivava classificar os diferentes métodos existentes, tentando situar aí o método adotado pelo MOBREAL.

Na verdade, para os supervisores, esta abertura da proposta nada mais foi do que a legitimação das diferentes práticas metodológicas exercidas no campo há muito tempo.

Além disso, nas diversas Coordenações, esta abertura não respondeu a uma questão básica, que são as dificuldades da prática diária do supervisor.

Estas dificuldades são muito mais de ordem política e administrativa do que metodológicas. Assim sendo, as inovações metodológicas apresentadas não resolverão, isoladamente, determinados problemas existentes, tais como, baixa remuneração que dificulta uma boa seleção dos alfabetizadores; a imagem

estigmatizada do MOBREAL que dificulta a mobilização dos alunos e a evasão de aluno já mobilizados.

Na realidade, constatamos que a grande expectativa por parte das Coordenações e do SUSUG, estava em torno de respostas a estas dificuldades, enquanto que o treinamento propôs um aprofundamento do conteúdo do PAF sem, no entanto, conseguir estabelecer um elo entre a proposta teórica e a realidade do campo.

Em muitas ocasiões pairava a indagação quanto ao significado do treinamento, uma vez que as questões operacionais não tiveram respostas. A falta destas respostas condicionou, de certa forma, o desempenho do treinador, sendo que, em algumas Coordenações este fato resultou numa insegurança de sua parte.

Outro aspecto que parece ter influenciado o desempenho do treinador se refere à estrutura do treinamento, que exigia, por parte dele, um domínio de todos os conteúdos abordados. Esta polivalência também se refletiu na dinâmica do treinamento, uma vez que certos temas foram privilegiados ou não, em função de maior ou menor conhecimento por parte do treinador,

Convém observar que a performance do treinador é decorrência de muitos fatores conjugados. Os que nos parecem mais relevantes são, de um lado, a estrutura da programação do treinamento e a capacitação que recebeu e, de outro, sua formação básica, conhecimento do PAF e vivência de campo.

Desta forma, podemos compreender as múltiplas posturas observadas no desempenho do treinador. Por exemplo, a sua flexibilidade face às solicitações da Coordenação e dos supervisores foi um fator fundamental para uma maior receptividade à proposta de capacitação.

Por outro lado, nas situações onde o treinador assumiu uma postura mais rígida, com dificuldade de modificar a programação básica no sentido de atender às solicitações ou da Coordenação ou dos treinandos, observamos que tal fato gerou tensões nas relações entre estes níveis.

Acreditamos que estas tensões estavam latentes uma vez que havia predisposição em algumas Coordenações, quanto à duração do treinamento e à programação elaborada pelo MOBREAL Central. Esta situação foi atenuada ou agravada em função da postura mais ou menos flexível por parte do treinador.

Outro aspecto a ser mencionado refere-se à dinâmica do treinamento, cuja ênfase centrava-se no estímulo à reflexão e à crítica, tendo sido uma preocupação constante manifestada no discurso dos treinadores. Na maioria dos casos, percebemos uma certa dificuldade nesta prática, tendo em vista que, a proposta de reflexão, estava calcada, basicamente, nas discussões iniciais sobre questões conceituais, tais como: o adulto, aprendizagem e alfabetização. A discussão destes temas se deu através de textos pré-elaborados, onde a prática dos treinandos nem sempre foi explorada adequadamente.

Conseqüentemente, na medida em que esta reflexão de questões básicas sobre o trabalho com educação de adultos, não foi suficientemente trabalhada, observou-se uma limitação maior por parte dos treinandos no momento em que foram solicitados a fazer um estudo crítico do material didático.

Ou seja, a discussão teórica neste treinamento para ser suficientemente compreendida e vivenciada pelos treinandos, necessitaria do respaldo da prática educativa vivida por eles, entretanto, não se estabeleceu uma ligação entre teoria e prática.

Vale lembrar que a estrutura da programação era a mesma nas seis Coordenações, compreendendo uma parte inicial de reflexão e discussão teórica e uma segunda parte de aprofundamento do conteúdo específico do PAF.

Nos diferentes momentos de avaliação foi possível perceber que a reflexão foi pouco mencionada pelos treinandos, dando-se maior ênfase ao aprofundamento de conteúdos específicos.

É importante ressaltar que, a concepção do treinamento, compreendida muito mais pelo aspecto teórico, parece ter

proporcionado poucas oportunidades no que se refere à utilização das experiências do grupo de treinandos. Ficou bastante explícito nas diversas Coordenações, a importância que assume, para os treinandos, a contribuição de sua prática em campo, na elaboração de propostas educativas.

No entanto, se retomarmos o histórico da concepção deste treinamento, a partir da trajetória de formulação da Proposta de Educação Supletiva cuja origem está na avaliação dos programas pedagógicos, constatamos que o MOBREAL Central, fez uma avaliação destes programas envolvendo as Coordenações, objetivando a elaboração da Proposta de Educação Supletiva, e foi apresentá-la nestes treinamentos.

Neste primeiro momento de avaliação, não podemos prever o desempenho dos treinandos no repasse da proposta do PAF para os alfabetizadores. Este aspecto será contemplado no próximo relatório, referente ao segundo momento de avaliação.

Porém, em todas as Coordenações, a grande maioria dos treinandos, ao preencherem o questionário de avaliação, afirmaram estarem aptos para o repasse. No entanto, isto era devido, segundo eles, mais à experiência anterior de MOBREAL do que, propriamente, a este momento de capacitação.

Este fato vem reforçar a visão de que o treinamento não foi percebido como algo novo, e sim, o aprofundamento do conteúdo do PAF, já conhecido pelos supervisores.

Em relação às questões de ordem operacional, em todas as Coordenações, os treinandos demonstraram cansaço diante da extensão do treinamento, considerado por eles, de duração muito longa. Em alguns casos, a carga horária diária ultrapassou oito horas. Outro problema apontado foi a realização de treinamentos sobre áreas diversas num mesmo momento, o que provocou grande desgaste nos participantes.

Também houve solicitações para que, nos próximos treinamentos, haja mais disponibilidade de material de apoio, isto é, documentos, textos e instrumentais para distribuição a todos os participantes.

Neste momento, consideramos importante colocar como percebemos o significado da avaliação para o grupo de treinandos. Parece haver uma tendência de sentir-se a avaliação como forma de controle e não como elemento de construção.

Esta impressão vem do fato de que, ao longo do treinamento, as críticas e sugestões eram expressadas com naturalidade, durante os debates e discussões. Entretanto, quando o espaço era reservado para a avaliação, o comportamento mudava. A avaliação parecia ser considerada como mais uma formalidade, uma tarefa a mais, onde percebia-se uma tendência em comentar apenas sobre o que estava agradando.

Verificamos que a avaliação muitas vezes é vivida como fiscalização e não numa perspectiva de pensar permanentemente a própria ação.

Dentro deste raciocínio fica fácil entender o cuidado que os treinandos têm ao fazer qualquer tipo de comentário que possa não agradar à Coordenação e/ou ao MOBRAL Central.

A leitura dos instrumentais de avaliação confirma o que acabamos de dizer pois, curiosamente, detectamos que alguns deles tinham respostas rigorosamente iguais. Isto demonstra que a preocupação é menos com a crítica e mais com o cumprimento de uma tarefa.

Neste sentido, voltamos à questão estrutural, onde a avaliação é apresentada muito mais como um corpo estranho, sem constituir-se em parte fundamental de qualquer programa ou projeto.

Frente a todas essas considerações, fica evidenciado que os princípios básicos que norteariam a capacitação, preconizados pelo MOBRAL Central e citados na Introdução deste relatório, não impregnaram suficientemente este processo de capacitação desenhado pelo MOBRAL Central.

Gostaríamos de aproveitar a conclusão para procedermos a uma sistematização das sugestões recorrentes, feitas por parte das equipes das Coordenações e dos supervisores, ao longo do treinamento:

- que seja elaborado um conteúdo que responda não só às necessidades teóricas e de aprofundamento, mas também, que tenha em si ligações com o nível operacional, mais concreto;
- que sejam revistos os critérios para a seleção de treinadores, levando em consideração a diversificação de assuntos tratados;
- que o MOBRAL Central não apresente sugestão de programação pronta. Que seja realizado com relativa antecedência um trabalho conjunto, MOBRAL Central e Coordenação, no sentido de elaborar um programa de treinamento adequado a cada realidade;
- que as avaliações realizadas sejam levadas em consideração na elaboração de projetos/programas;
- que nos próximos treinamentos sejam levadas em consideração as diferenças de experiência dos treinandos.



## BIBLIOGRAFIA

1. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Questão Política da Educação Popular. 2a. Edição - SP - Brasiliense - 1980.
2. BRANDÃO, Carlos Rodrigues e outros. Estrutura e Processos Sociais de Reprodução do Saber Popular: como o povo aprende? 1º relatório de pesquisa, UNICAMP, Campinas, out./1982.
3. BROWN, Radcliffe. Estrutura e Função na Sociedade Primitiva - Petrópolis - Vozes 1973.
4. GARCIA, Pedro. Dois Modos de Conceber a Avaliação em Educação Popular - Caderno Nova.
5. MACIEL, Elter Dias. Avaliação: Algumas Considerações. Apostila, set./1976.
6. \_\_\_\_\_. Avaliação como Intervenção Social (1). Apostila, dez./1976.
7. OLIVEIRA, Rosiska Darcy. Avaliação como Momentos Educativos. Apostila, Palestra proferida no MOBRAL, 27/09/82.
8. WASELFISZ, Jacob. Minuta do Plano de Avaliação do Programa PRODASEC/PRONASEC. Apostila, SEEC/RJ, 16/12/82.
9. NUNES, Edson de Oliveira (organizador). A Aventura Sociológica, RJ, ZAHAR EDITORES, 1978.
10. GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). Desvendando Máscaras Sociais. 2a. edição - RJ, Liv. Francisco Alves Editora S/A - 1980.

20 7

4

## OBSERVAÇÃO DO TREINAMENTO

### 1 - Observação do Treinador:

A observação do treinador foi pensada no sentido de se dizer de forma clara e simples, como as idéias, as situações e as experiências podem ser pensadas, criadas e vividas de formas diferentes dentro de um mesmo processo. E de se abrir um espaço crítico, já que justamente é a colocação das dificuldades e contradições encontradas a cada momento que torna verdadeiro o trabalho.

### ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

#### 1 - Caracterização do grupo

- . Se a Coest foi treinada (ou não) antes, essa mesma proposta?
- . Quantos grupos de treinamento existem?
- . Quem da Coest participa dos grupos? Coordenação?
- . Desejos, anseios e expectativas desse grupo?

#### 2 - Desempenho do treinador

- . O treinador estimula a reflexão e a crítica?
- . Se o seu discurso está coerente com a sua prática? (Até que ponto esses grupos, essas pessoas envolvidas no processo de alfabetização estão participando do direito e do poder de pensarem, produzirem, e dirigirem os usos de seu saber, da sua experiência, a respeito das suas realidades.)
- . Diante das questões levantadas pelos treinandos, o treinador se sentiu capacitado?
- . Como sentiu o seu desempenho como um todo?

- Grupo

- . Receptividade: reação em relação aos conteúdos.
- . Se todo o grupo está passando por um processo crítico.
- . Existe descrença (ou não) na transformação?
- . Participação de todos.
- . Reação aos documentos utilizados?
- . O que mais estimulou o grupo?
- . Capacitação do grupo após o treinamento?

... e se os membros estão...  
 ... esses grupos, essas...  
 ... atuação estão paralisadas...  
 ... pensar, produzir, e...  
 ... suas experiências, a respeito...  
 ... lista das questões levantadas...  
 ... de sentir capacitados...  
 ... e seu desatino...

ESTE DIÁRIO SERVE COMO REFLEXÃO DESSE MOMENTO DE CAPACITAÇÃO

COORD. \_\_\_\_\_ FUNÇÃO: \_\_\_\_\_

TEMPO DE HOBRAL: \_\_\_\_\_

Treinador: \_\_\_\_\_ Pseudônimo: \_\_\_\_\_

APROFUNDAMENTO DO  
CONTEÚDO  
(inclusive a dinâ-  
mica e forma de  
apresentação)

CAPACITAÇÃO  
(sua possibilidade  
de transmissão do  
conteúdo)

SEU PRÓPRIO  
POSICIONAMENTO  
(participação,  
reflexão e  
crítica)

EXPECTATIVAS  
(quanto a seu  
entendimento)

DIFICULDADES

CRÍTICAS E SUGES-  
TÕES EM GERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC  
FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO - MOBRAL  
DEPARTAMENTO TÉCNICO-EDUCACIONAL - DETED  
DIVISÃO DE AVALIAÇÃO, MÉTODOS E PESQUISA - DIAMP

Pesquisa: Avaliação do Projeto de Alfabetização Funcional -  
Proposta Transitória de Educação Supletiva

### Justificativa

Visando a construção de um Programa de Educação Supletiva que respondesse às atuais diretrizes da política educacional brasileira, o MOBRAL procurou realizar uma análise crítica dos seus cinco projetos (PAF/PEI/PAD/PETRA/TF).

Para tanto, foi feita uma avaliação sistematizada destes projetos no 1º semestre de 1982. Desta avaliação surgiu a Proposta Experimental de Educação Supletiva, que englobaria uma oferta de alfabetização, das 4 primeiras séries do 1º grau, da educação para o trabalho, e da capacitação dos recursos humanos envolvidos nessa prática.

Para que o processo de Educação Supletiva até então desenvolvido pelo MOBRAL, não fosse interrompido de imediato e tendo em vista uma série de outros fatores de ordem operacional que ficariam prejudicados com esta interrupção, foi criada a Proposta Transitória a ser desenvolvida no ano de 1983.

A Proposta Transitória pretende ajustar certos procedimentos e corrigir pontos de estrangulamento detectados, prestando-se à testagem de alguns aspectos operacionais da nova Proposta de Educação Supletiva.

Ao avaliarmos esta Proposta nos deteremos apenas nas alterações introduzidas no Projeto de Alfabetização Funcional. Esta opção se deve ao fato do PAF ser básico, prioritário e definidor da ação da Organização, além de ter sido o Programa que sofreu maiores modificações.

Tendo um caráter de testagem, a Proposta Transitória deverá ser avaliada e realimentada nas suas diferentes etapas, oferecendo subsídios para a Proposta Experimental de Educação Supletiva.

### Objetivo Geral

Avaliar o Projeto de Alfabetização Funcional, dentro da Proposta Transitória de Educação Supletiva, procurando perceber a congruência ou não entre as suas diretrizes e a sua prática.

Esta avaliação pretende contribuir com eventuais reformulações na Proposta de Educação Supletiva do MOBRAL.

### Objetivos Específicos

- Analisar a Proposta de Educação Supletiva, conhecendo os aspectos básicos que a fundamentam e tentando resgatar:

. as bases teórico-metodológicas e o significado desta Proposta dentro da conjuntura atual da Organização;

. o significado da instrumentalização (ler, escrever e calcular);

. a proposta de autonomia e descentralização;

. como está se dando a regionalização em campo;

. como se dá a combinação dos aspectos formais e não-formais da educação nesta Proposta de Educação Supletiva.

- Avaliar os efeitos da capacitação no desempenho dos elementos envolvidos nos diferentes níveis.

- Avaliar como a proposta teórico-metodológica foi apropriada, repassada e como está sendo percebida nos diversos níveis.

- Observar se os envolvidos no processo consideram que houve mudanças significativas na Proposta.

- Avaliar o desempenho pedagógico do alfabetizador, o método utilizado, como e por quê.

- Observar o aluno do ponto de vista do seu desempenho e do seu rendimento em classe.

- Avaliar a participação do aluno preconizada pela Proposta.

- Confrontar as expectativas em relação ao PAF, por parte de alfabetizadores e alunos no início, no meio e no final das classes.

- Avaliar se é significativa ou não a ampliação da carga horária.

- Observar como está se dando a mediação entre o "saber" da comunidade e o do MOBRAL.

## Metodologia

Tentando refletir sobre a realidade de forma mais aprofundada, optamos por uma metodologia que permitisse a apreensão da dinâmica do processo "do pensar" e "do fazer" em relação ao Projeto de Alfabetização Funcional, dentro da Proposta Transitória de Educação Supletiva, privilegiando o caráter qualitativo da avaliação.

A ênfase é sobre a análise da proposta do PAF, sua fundamentação teórico-metodológica e sobre a observação do processo, desde a capacitação e repasse dos educadores, até o rendimento dos educandos. Procuramos usar métodos que possibilitem uma abertura no sentido de interpretar e explicar os diversos níveis de análise e observação da Proposta.

Adaptamos, grosso modo, alguns dos recursos usados pela antropologia, considerando que possibilitarão um maior detalhamento e compreensão da realidade. Utilizaremos a observação participante com o objetivo de examinar cada situação num determinado contexto. Através do diário de campo, tentaremos registrar, da forma mais abrangente possível, a nossa observação participante em campo e os resultados. Durante a avaliação recorreremos a entrevistas, contato direto e pessoal com os envolvidos no processo.

Para a avaliação do processo, observaremos o treinamento dos técnicos do DISUP e depois o treinamento dos supervisores dado por estes técnicos nas Coordenações. Em seguida, observaremos o treinamento dado pelos supervisores aos alfabetizadores em nível de município, e finalmente, o início, o meio e o final do processo de aprendizado das turmas do PAF.

Para o treinamento de supervisores construímos um roteiro de observação para apoiar o nosso trabalho, ~~e um questionário de avaliação a ser utilizado pelos supervisores~~ (em anexo).

Utilizaremos os recursos da própria Organização para avaliar o desempenho do aluno, ou seja, o índice de produtividade. Este desempenho será medido, nas 200 horas que correspondem ao término do PAF anterior à Proposta Transitória e, depois no final do curso.

O trabalho será realizado em apenas três Coordenações (Minas Gerais Norte, Santa Catarina e Piauí), devido às limitações de recursos humanos e materiais. Essa escolha obedeceu a critérios de diferenciação regional e ao perfil destas Coordenações onde, supunhamos, seria possível um trabalho conjunto de reflexão sobre a ação do MOBREAL.

Em cada Estado foi escolhido, juntamente com a Coordenação, um município a ser observado durante o desenvolvimento da Proposta Transitória.

Os municípios são os seguintes:

- Manga (Minas Gerais Norte)
- Campo Maior (Piauí)
- Itajaí (Santa Catarina)

Para a contextualização dos municípios estudados, pretendemos iniciar uma descrição física e social da localidade, de forma simples e objetiva, privilegiando os aspectos educacionais.

### Operacionalização

O trabalho será realizado em seis momentos, estando previsto um relatório parcial ao término de cada um dos cinco primeiros. O Relatório Final será elaborado no sexto momento.

#### 1º Momento

##### 1. MOBRAL Central

Conhecimento da Proposta Supletiva através de textos e eventuais entrevistas com os técnicos que a elaboraram.

Observação do treinamento dos técnicos do MOBRAL Central na nova Proposta de Educação Supletiva.

##### 2. Coordenações(\*)

Observação do treinamento dos Supervisores de Área tentando perceber:

- através do treinamento, como a Proposta de Educação Supletiva foi apropriada e está sendo repassada;
- receptividade e reação dos SA aos conteúdos apresentados.

Discussão com os técnicos da Coordenação sobre nossa proposta de avaliação procurando definir estratégias para desenvolver o trabalho.

---

(\*) Para se obter uma representatividade regional neste 1º momento, foram observadas 6 Coordenações (GO, PA, PB, PI, SC, MG-N).

Definição de critérios para a escolha dos municípios a serem trabalhados.

### 3. Relatório Parcial

#### 2º Momento

1. Observação do treinamento de Alfabetizadores nos municípios, sob os seguintes aspectos:

- como estão sendo repassados os conteúdos pelos SA;
- qual está sendo a receptividade aos conteúdos e inovações apresentadas.

2. Início do levantamento do contexto (dados básicos) do município, que está sendo observado.

3. Escolha, junto com os técnicos da coordenação, das classes a serem observadas (mínimo 02/máximo 05).

4. Estudo, leitura e discussões no grupo de trabalho.

5. Relatório Parcial.

#### 3º Momento

1. Visita às classes no início do Projeto para conhecer:

- Expectativas e objetivos em relação à educação por parte dos envolvidos no processo (alunos e alfabetizadores).

2. Continuação do levantamento do contexto municipal.

3. Estudo, leitura e discussões no grupo de trabalho.

4. Relatório Parcial.

#### 4º Momento:

(Este momento ocorrerá quando o Projeto tiver cumprido cerca de 200h de sua carga horária).

1. Detectar em que ponto da aprendizagem está a classe (a estratégia de avaliação será definida no decorrer do trabalho).

2. Comparação do desempenho do aluno nas primeiras 200h da proposta atual e ao término da antiga proposta, cuja carga horária total tinha essa duração (através dos resultados da pesquisa NE/SE).

3. Estudo, leitura e discussões no grupo de trabalho.

4. Relatório Parcial.

#### 5º Momento

(Previsto para ocorrer por ocasião do término das classes de alfabetização).

1. Avaliação:

- do desempenho dos alunos através de testes usados normalmente pela Organização, inerentes ao PAF;

- através de entrevistas, da opinião dos elementos envolvidos sobre o processo que vivenciaram (alfabetizadores e alunos);

- das expectativas geradas com a alfabetização.

2. Estudo, leitura e discussões no grupo de trabalho.

3. Relatório Parcial.

#### 6º Momento

Relatório Final.

Cronograma1º Momento

## 1. Treinamento dos técnicos do MOBREAL Central:

- De 16 a 29 de dezembro de 1982.

## 2. Treinamento do SUSUG nas Coordenações:

- Goiás (De 15 a 26 de janeiro de 1983).

- Pará (De 22 de fevereiro a 3 de março de 1983).

- Paraíba (De 18 a 26 de janeiro de 1983).

- Piauí (De 3 a 12 de janeiro de 1983).

- Santa Catarina (De 18 a 21 de janeiro de 1983).

- Minas Gerais Norte (De 24 de janeiro a 4 de fevereiro de 1983).

## 3. Relatório Parcial - observação dos dois níveis de treinamento - abril de 1983.

2º Momento

## 1. Observação do Treinamento de Alfabetizadores e contextualização dos municípios:

- Minas Gerais Norte - Município de Manga (De 12 a 18/04/83)

- Santa Catarina - Município de Itajaí (De 25 a 27/04/83)

- Piauí - Município de Campo Maior (De 20 a 28/05/83)

## 2. Relatório Parcial - junho de 1983

3º Momento

## 1. Observação do início das classes: entrevistas com alfabetizadores e alunos.

## 2. Continuação do levantamento dos dados da contextualização dos municípios.

As datas serão definidas por ocasião do treinamento de alfabetizadores e dependem do início do funcionamento das classes. Nossa previsão é de que este momento ocorra entre os meses de maio e junho e a duração da visita seja de 5 (cinco) dias.

3. Relatório Parcial - julho de 1983

4º Momento

1. Observação do PAF mais ou menos no meio do projeto, procurando coincidir com as 200h que correspondem à duração do antigo PAF.

Nossa previsão é de que este momento vá ocorrer entre os meses de setembro e outubro.

2. Relatório Parcial - outubro de 1983

5º Momento

1. Observação do término do projeto, Entrevistas com alfabetizadores e alunos. Nossa previsão é de que o término das classes aconteça entre dezembro e janeiro.

2. Relatório Parcial - dezembro de 1983

6º Momento

Relatório Final - fevereiro de 1984.

Equipe: Walkíria Dutra de Oliveira  
Eliane Ribeiro Andrade  
Marcello Robert Narciso Borges  
Priscilla Christoph

Consultor: Tânia Dauster Magalhães e Silva

## ESTIMATIVA DE CUSTO

### Diárias

#### 1º Semestre de 1983

5 X 12 dias X Cr\$ 11.600,00 = Cr\$ 696.000,00  
1 X 10 dias X Cr\$ 11.600,00 = Cr\$ 116.000,00  
1 X 10 dias X Cr\$ 12.200,00 = Cr\$ 122.000,00  
2 X 07 dias X Cr\$ 11.600,00 = Cr\$ 162.400,00  
1 X 07 dias X Cr\$ 12.200,00 = Cr\$ 85.400,00  
1 X 07 dias X Cr\$ 11.600,00 = Cr\$ 81.200,00

#### 2º Semestre de 1983

2 X 10 dias X Cr\$ 15.200,00 = Cr\$ 304.000,00  
2 X 07 dias X Cr\$ 15.200,00 = Cr\$ 212.800,00  
2 X 07 dias X Cr\$ 15.900,00 = Cr\$ 222.600,00

Total do custo das diárias: Cr\$ 2.002.400,00

### Viagens

#### 1º Trimestre de 1983

2 X Cr\$ 110.000,00 = Cr\$ 220.000,00  
1 X Cr\$ 53.000,00 = Cr\$ 53.000,00  
1 X Cr\$ 21.000,00 = Cr\$ 21.000,00

#### 2º Trimestre de 1983

2 X Cr\$ 139.000,00 = Cr\$ 278.000,00  
3 X Cr\$ 66.000,00 = Cr\$ 198.000,00  
2 X Cr\$ 26.000,00 = Cr\$ 52.000,00

#### 4º Trimestre de 1983

2 X Cr\$ 199.000,00 = Cr\$ 398.000,00  
2 X Cr\$ 94.000,00 = Cr\$ 188.000,00  
2 X Cr\$ 37.000,00 = Cr\$ 74.000,00

Total do custo das viagens: Cr\$ 1.482.000,00

Total do projeto: Cr\$ 3.484.400,00

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Participantes: alfabetizadores e alunos

1. Nome
2. Idade
3. Profissão (\*)
  - com quem aprendeu a trabalhar?
4. Já esteve na escola antes?
  - . (em caso positivo)
  - onde?
  - quando?
  - era criança?
5. Já esteve na turma do MOBREAL?
  - . (em caso positivo)
  - por que parou?
  - por que voltou?
6. Quando chegou no MOBREAL, o que você já sabia?
  - e o que você está sabendo agora?
7. Qual é a sua dificuldade maior?
8. Por que você acha importante ler e escrever?
  - o que isso vai mudar na sua vida?
9. Você já tinha aprendido alguma coisa de leitura e escrita antes de chegar no MOBREAL?

(\*) desenvolver bem este tema

Observar:

- as relações sociais do grupo - em que medida a relação professor/aluno se diferencia, ou não;
- a relação existente entre o ato de o aluno se alfabetizar e a sua família;
- a relação entre educação e trabalho.

## Avaliação

Verificar:

- como o alfabetizador está avaliando o aluno;
- como este alfabetizador vê a avaliação;
- quais os critérios utilizados.

### Avaliação Participativa

- . consultar a Coordenação sobre a proposta de avaliação dos alunos - formas preferenciais da Coordenação de realizar a avaliação;
- . discutir com o alfabetizador, supervisor e/ou Comissão Municipal sobre as formas preferenciais de avaliação vividas na prática;
- . elaborar, em conjunto, uma proposta concreta para avaliar o desempenho do aluno nesse momento determinado;
- . discutir com o alfabetizador, supervisor e/ou Comissão Municipal o teste ou recurso que for elaborado para avaliar o desempenho do aluno.